



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E
IDENTIDADES

Maria Cristina Tavares

OS JOVENS E O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE:
INTERFACES ENTRE PROCESSOS EDUCATIVOS CULTURAIS E PRODUÇÃO
DE IDENTIDADES

Recife

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO FUNDAÇÃO
JOAQUIM NABUCO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO,
CULTURAS E IDENTIDADES

Maria Cristina Tavares

OS JOVENS E O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE:
INTERFACES ENTRE PROCESSOS EDUCATIVOS CULTURAIS E PRODUÇÃO
DE IDENTIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco, como exigência para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.

Recife

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

T231j

Tavares, Maria Cristina

Os jovens e o Maracatu Nação Almirante do Forte: Interfaces entre processos educativos culturais e produção de identidades / Maria Cristina Tavares. - 2021.
133 f. : il.

Orientador: Moises de Melo Santana.
Inclui referências, apêndice(s) e anexo(s).

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, Recife, 2021.

1. Maracatu. 2. Juventude. 3. Processos Educativos. 4. Identidades Negras. I. Santana, Moises de Melo, orient. II. Título

CDD 370

MARIA CRISTINA TAVARES

OS JOVENS E O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE:
INTERFACES ENTRE PROCESSOS EDUCATIVOS CULTURAIS E PRODUÇÃO
DE IDENTIDADES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, da Universidade Federal Rural de Pernambuco em parceria com a Fundação Joaquim Nabuco, como exigência para obtenção do título de mestre em Educação, Culturas e Identidades.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Moisés de Melo Santana (Orientador UFRPE/ FUNDAJ)

Profa. Dra. Flávia Mendes de Andrade e Peres (Titular interna UFRPE/PPGECI)

Profa. Dra. Dayse Cabral de Moura (Titular Externa UFPE)

“Uma das formas de exercer autonomia é possuir um discurso sobre si mesmo. Discurso que se faz muito mais significativo quanto mais fundamentado no conhecimento concreto da realidade. Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades” (SOUZA, 1983,p.17/18).

AGRADECIMENTOS

À Deus, pois é sob seu amor, infinita bondade e misericórdia que vivo.

À Mãe Santíssima por sob as contas do seu rosário me fortalecer.

À minha mãe (*in memória*) por minha formação quanto pessoa e por dentro das suas mínimas possibilidades, ter vislumbrado a nós filhas/o, o *estudo* (como dizia) como oportunidade de um “futuro” melhor.

À minha família, representada por minhas irmãs, mulheres resilientes e inundadas de amor e generosidade, ao meu irmão, sobrinhos e sobrinhas de duas gerações, em especial ao sobrinho primogênito por ser um portal de inspiração no seguimento da educação, de uma educação crítica a percepção de mundo.

A meu amor maior, minha força, minha filha amada Isabela Tavares, pelo seu incentivo, paciência e pela importante contribuição no meu caminhar acadêmico e na vida. Ao meu genro Victor, por suas sempre palavras motivadoras e sua alegria contagiante.

À Joyce Guerra, filha que meu coração recebeu, pelo seu carinho, escuta, e torcida, agradeço por minhas duas netinhas, bençãos que o seu coração estendeu a mim.

Gratidão a minha amiga /irmã Celeste Gama pelo companheirismo, torcida e aprendizado recíproco na caminhada acadêmica desde a FAFIRE, Gratidão imensa a Fernanda Alencar pelo carinho, escuta em muitos momentos de angústia e que direta ou indiretamente contribuiu com minha escrita.

Gratidão a Fabiana Silva, por todo incentivo e partilha de conhecimento que contribuiu significativamente para minha inserção no mestrado. Professora que se tornou grande amiga, por quem tenho grande respeito, admiração e amor.

Ao meu Professor Orientador, Dr. Moisés de Melo Santana, Gratidão. Pelo acolhimento a pesquisa e contribuição na construção dessa dissertação. Por me possibilitar lentes a novas trilhas de conhecimento, respeitando meu tempo, minha realidade, meus conflitos internos e meus limites.

À Professora Dra. Flávia Mendes de Andrade Peres (UFRPE), pela atenção, por participar na banca de qualificação com sugestões relevantes à essa escrita e pela participação na defesa dessa dissertação.

À Professora Dra. Dayse Cabral de Moura (UFPE), Pela participação no momento da qualificação, pela leitura cuidadosa e contribuições relevantes a este trabalho. Assim como, pela participação na defesa dessa Dissertação.

Aos colegas do Curso de Pedagogia da UFRPE e aos colegas Do Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades, pela caminhada e aprendizagem mútua. Em especial à Dani e Nane que junto comigo compartilharam algumas angústias, inseguranças, lágrimas e incertezas na trilha dessa caminhada.

Gratidão Profunda à família Maracatu Nação Almirante do Forte, representada na pessoa ilustre do Mestre Teté, pela acolhida e permissão para a realização desta pesquisa. Gratidão Aos Jovens pela disponibilidade de colaborarem com suas narrativas à construção deste trabalho.

Gratidão a todos e todas, que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização desse trabalho.

RESUMO

Este trabalho de investigação objetivou compreender a relação dos processos educativos culturais na construção das identidades negras dos/as jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte. Haja visto que segundo Hall (2006) a identidade não é algo inato, existente desde o nascimento, mas é algo formado ao longo do tempo, de acordo com as interações culturais e sociais. Assim, buscamos: Identificar as especificidades das atividades educativas culturais do Maracatu Almirante do Forte, inter-relacionar as atividades educativas culturais à formação identitária dos(as) jovens do Maracatu, bem como analisar a configuração de novos desenhos juvenis na produção de identidades negras nos processos educativos desenvolvidos no **M. N. A. F.** O campo teórico está fundamentado nos estudos de autores contemporâneos na perspectiva Pós-Colonial: Quijano (2005), Munanga (1999), Freire (2015), Hall (2006), Gomes (2018), Dayreel (2003), Souza (1983) entre outros. O pensamento desses teóricos, abordam temáticas que perpassam e articulam interfaces entre as relações socioculturais, educativas, raciais e de construções de identidades. O aspecto metodológico, foi constituído de observações exploratórias na sede do maracatu, análise documental e de entrevistas narrativas realizadas com os principais responsáveis pelo Maracatu Nação Almirante do Forte e com jovens integrantes do grupo. Nos respaldamos para essas questões técnicas de instrumentos de coleta de informações, análise e quanto ao tipo de pesquisa caracterizada um estudo de caso, em Ludke e André (1986), Jovchelovitch e Bauer (2002), Gomes (2016) e Geertz (1978/1997). Os dados investigados apontaram que a construção de identidades negras dos/as jovens, no maracatu Nação Almirante do Forte, está relacionada a uma dinâmica flexível de interação social e são construídas através dos símbolos e dos elementos do maracatu. Contudo, as identidades negras, não se estabelecem só no autoafirma-se negro ou negra, mas também nas dimensões representativas do maracatu interpretada quanto cultura negra. Autoafirma-se pertencente a tais representatividades é construir uma identidade cultural negra individual e coletiva.

Palavras-Chave: Maracatu. Juventude. Processos educativos. Identidades negras.

Resumen

Esta investigación visa analizar las acciones educativas desarrolladas en los espacios socioculturales del Maracatu Almirante do Forte. Ella concibe que esos espacios son productores de saberes y experiencias formativas diversas. Se buscará comprender la intencionalidad de las acciones y propuestas educativas presentes en diferentes dimensiones vividas por los jóvenes participantes del Maracatu Almirante do Forte, sus vínculos con los procesos de producción de identidades. Teniendo en cuenta que según Hall (2006) la identidad no es algo inapto, existente desde el nacimiento del sujeto, pero algo formado a lo largo del tiempo, de acuerdo con las interacciones culturales y sociales. Tiene como objetivo comprender la relación de los procesos educativos culturales en la construcción de la identidad negra de los jóvenes integrantes del Maracatu Nação Almirante do Forte. La pesquisa será realizada en los marcos metodológicos del abordaje cualitativo. Para tanto, realizaremos levantamiento y análisis del material bibliográfico, observaciones exploratorias, entrevistas narrativas y rueda de discusión. La construcción del objeto de investigación está referenciada en algunos teóricos contemporáneos y en la perspectiva post colonial que abordan temáticas que perpasan y articulan las interfaces entre las relaciones socioculturales, raciales, de identidad y de condición social en que se presentan los jóvenes: Freire (2015), Hall (2006), Quijano (2005), Munanga (1999), Gomes (2017), Silva (2017), Geertz(1978/2005), Elias (1994), Fávero (1983), Gohn (2010) entre otros. Por lo tanto, creemos que se hace necesario considerar y problematizar la construcción de los nuevos diseños juveniles de producción de identidades. Visando dialogar y comprender los abordajes alrededor del carácter dinámico y la praxis cultural e identitaria en las cuales se insertan diferentes sujetos en sus procesos de interacciones sociales.

Palabras clave: Maracatu. Jóvenes. Procesos educativos. Identidades.

LISTA DE SIGLAS

ABPN: Associação Brasileira de pesquisadores Negros(as)

AMANPE: Associação dos Maracatus Nação de Pernambuco

BDTD: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CNPQ: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CONJUVE: Conselho Nacional da Juventude

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

FAFIRE: Faculdade Frassinete do Recife

FUNDAJ: Fundação Joaquim Nabuco

FUNДАРPE: Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco

GP: Ginásio Pernambucano

IFPE: Instituto Federal de Pernambuco

MINC: Ministério da Cultura

MNU :Movimento Negro Unificado

MNMMR: Movimento Nacional dos Meninos e Meninas de Rua

PIBIC: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PPGECI: Programa de Pós-graduação em Educação, Culturas e Identidades

UFPE: Universidade Federal de Pernambuco

UFRPE: Universidade Federal Rural de Pernambuco

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estandarte da nação Almirante do Forte

Figura 2 – Alfaias e outros objetos no salão onde acontece os ensaios

Figura 3 – Dama do Paço com a Calunga Menininha

Figura 4 – Banner Ponto de Cultura

Figura 5 – Foto da Participação do Almirante em oficina de percussão em Berlin

Figura 6 – Post do projeto Patrimônio de Bongü

Figura 7 – Peça do Figurino

Figura 8 – Mestre Teté e contramestre Toinho na ocasião do ensaio Jan/2019

Figura 9 – Foto Rádio ligado na entrada da sede

Figura 10 – Post de divulgação do ensaio do Tumaraca na sede do Almirante

Figura 11 – Noite dos Tambores silenciosos

Figura 12 – Ensaio Tumaraca sede do Almirante

SUMÁRIO

REMEMORANDO: FIOS CONDUTORES A CAMINHOS DE DESCOBERTA	13
INTRODUÇÃO	22
CAPÍTULO 1: APRESENTANDO O LOCUS DA PESQUISA E AS SINGULARIDADES DOS MARACATUS EM PERNAMBUCO	25
1.1 Maracatu Nação Almirante do Forte é macumba pra valer	25
1.2 Maracatus em Pernambuco	33
1.3 Maracatus Nação e as relações de gênero	36
1.4 Maracatus e suas singularidades	38
CAPÍTULO 2: VEM, VEM NO PONTO DE CORRENTE NAGÔ	45
CAPÍTULO 3: DIÁLOGOS, OLHARES E DESCOBERTAS	52
3.1. Referencial Teórico	52
3.2. Revisão de literatura: estado da arte	63
3.3. Redesenhando a pesquisa: caminhos percorridos até o delineamento do objeto de investigação	71
3.4. Olhares e diálogos no caminho metodológico	74
CAPÍTULO 4: OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA: MEMÓRIAS E SIMBOLOGIAS QUE CIRCULAM NA NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE	87
4.1. Iniciando as entrevistas	87
4.2. Apresentando os/as jovens interlocutores da pesquisa	93
4.3. Situando e interpretando a fala dos/as jovens interlocutores/as	94
CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
REFERÊNCIAS	123
APÊNDICE	
ANEXOS	

REMEMORANDO: FIOS CONDUTORES A CAMINHOS DE DESCOBERTAS



Discorrer sobre mim mesma, sobre minha trajetória de vida, requer uma imersão em diferentes fios condutores que estão presentes nesse processo de (re)construção da constituição de minhas identidades. Esses caminhos me levam à minha infância, suas tramas e vínculos. Mas, aqui, serei mais breve e me deterei a memória de uma outrora não tão distante. Dos fios alimentados de sonhos...ou seria utopia? Talvez, para quem acredita que sonhos são muito abstratos e, portanto, irrealizáveis. Não é o meu caso, a narrativa do meu SER, enquanto mulher, negra e residente no Ibura (bairro da região Metropolitana de Recife) dirão.

Embora a temática que ora será aqui dissertada, não tenha uma relação direta com minhas memórias, o caminho percorrido para me inserir em um curso superior e chegar até ela tem. Pois, foi a partir do universo acadêmico que pude compreender e refletir de forma crítica, acerca de aspectos sociais que sempre me permearam e adiaram a realização de um sonho. Nesse sentido, Souza (2007) nos fala que a memória não se fixa apenas no campo subjetivo, porque toda vivência e autorreferência, estão situadas também em um contexto histórico e cultural. Então como a memória é indissociável das experiências singulares de cada sujeito de cada cultura vivenciada por esse sujeito, indiretamente a problemática que será abordada por mim, remeter-se-á a aspectos peculiares do meu contexto histórico e cultural que me põe em um constante movimento de (des)equilíbrio. E, nesse sentido, ao me referir inicialmente a sonhos ou utopia, refiro-me a educação, a busca do conhecimento que a mim era utópica, mas também esperançosa. “porque pretendo estar a serviço da libertação das classes oprimidas, se faz e se refaz na prática social, no concreto, e implica a dialetização da denúncia e do anúncio, que têm na práxis revolucionária permanente o seu momento máximo” (FREIRE, 2015, p. 94)

O terço que coloco em destaque antes mesmo de começar meu relato, representa o meu lugar de fala, que é meu lugar de fé. Mesmo tendo transitado na fase adulta por outras religiões como protestante (sendo membro da igreja Batista) durante um ano, e visitando em diferentes fases da vida Terreiros candomblecistas e salões Espíritas. O seguimento católico sempre foi o mais consistente e que acompanho e sigo até hoje. As romarias que acompanhei durante minha infância, os terços rezados no mês mariano, as

consagrações a nossa Senhora...são sempre mais vivas na minha memória e que me conduz de forma muito leve à Mãe, a Maria Santíssima. Vale ressaltar que minha perspectiva de fé não é negacionista, e, por não ser, é que minha memória inquieta, não estagnou no campo da subjetividade interna, mas refletiu criticamente acerca do contexto social de desigualdade que o mundo real externava permeando minha caminhada e adiando a escrita de uma nova história.

Na década de 80, estava no Ensino Médio (antigo 2º grau), cursando o científico. Já trabalhava no comércio: uma das minhas irmãs, que já trabalhava em uma determinada loja muito conceituada, conseguiu pra mim, eu auxiliava as vendedoras, acompanhando as clientes no provador. Isso depois de ter passado por vários outros trabalhos que minha condição de jovem pobre e negra me determinava. Mas sempre estudando, frequentando a escola, graças a minha mãe que nos alertava sempre: “Vocês precisam estudar pra ser gente...eu não tenho estudo, é muito triste não ter estudo”. Pelo meu pai, nunca teríamos entrado na escola, minha mãe não sabia resolver nada de matrícula, nada na escola, mas falava com outras pessoas, se informava e mandava uma filha mais velha resolver. Percebo hoje, o quanto foi relevante o fato da minha mãe se preocupar conosco sobre a importância de estudar, nas palavras de Freire: “Ao nível humano, o conhecimento envolve a constante unidade entre ação e reflexão sobre a realidade” (FREIRE, 2015, p.143). Diferentemente do meu pai, a dura realidade em que minha mãe estava inserida, a fazia refletir sobre possibilidade de mudança no ato de estudar e assim, projetava a nós essa mudança. Cursei o primeiro ano na escola Estadual Lauro Diniz no bairro do Ipsep, vizinho ao bairro do Ibura onde moro desde a infância. Os dois bairros, Ibura e Ipsep eram e continuam sendo vizinhos, mas com uma relação nada amistosa naquela época, tínhamos vergonha de dizer que morávamos no Ibura, éramos muito discriminados. Nos chamavam de “indíos” e isso era uma ofensa...já que a História que nos ensinaram, fora deturpada, contada pela narrativa do colonizador.

Como já trabalhava com carteira assinada, só podia estudar a noite, chegava sempre atrasada, devido a intolerância quanto a liberação um pouco antes do horário normal de largar, para quem estudava. Mesmo assim, passei para o segundo ano científico, mas, não me sentia estimulada e não via no científico perspectiva de mudança profissional. Foi quando através de uma amiga que morava no bairro dos

coelhos me falou sobre umas bolsas de estudo oferecidas pela Secretaria de Educação em parceria com o colégio de São José, na Boa Vista para quem tivesse o interesse de cursar o magistério. Eu e essa minha amiga (Dôra) nos conhecemos nos ensaios do bloco de samba Saberé, no bairro de São José, o pai dela era diretor do bloco. Como eu trabalhava na Rua Nova, sempre que podia próximo do carnaval, ia ver os ensaios.

Vi na notícia que Dôra havia me contado, a perspectiva de mudança profissional. Era a chance de fazer um curso que me direcionava a outro horizonte diferente do comércio, iria ser professora. Minha irmã mais velha já era professora concursada pela rede Estadual de Pernambuco, era professora do ensino básico. Ela não havia feito um curso superior, mas o magistério oportunizou a ela um caminho diferente. Nos víamos pouco, pois não morávamos juntas, quando nos encontrávamos, ela sempre reclamava do salário que era pouco, mas que amava o que fazia.

Diante da perspectiva de mudança, fui até o colégio de São José em busca de maiores informações sobre a bolsa de estudo. Um dos requisitos era ser de baixa renda, não ter casa própria e todas as outras condições que demarcam a pobreza, me encaixei nos requisitos, eu e Dora. Assim, que saiu o resultado me contemplando com a bolsa, fui imediatamente solicitar minha transferência no Lauro Diniz, feliz da vida. Iria estudar na cidade, em um colégio de elite e em um curso de formação de professora!

Todas as bolsistas (eram só mulheres) estudavam a noite, isso era excelente, porque eu trabalhava, precisava trabalhar. realidade coletiva da população negra A bolsa não era integral, mas o valor cobrado era irrisório, dava para custear sem problemas. Tinha uma exigência que me preocupou, não podia ser reprovada se não perdia a bolsa. Era preocupante porque como eu trabalhava no comércio, o período de mais movimento na loja, coincidia com o período de prova... e se eu ficasse em recuperação? Como por exemplo, no final do ano eu iria sair cedo pra ir assistir aula, fazer prova? Eu tinha que passar por média, se não teria que dar adeus ao curso. Porém, o meu lugar de fé me acalentava, ali naquele colégio, um convento, com freiras, capela, terços, Mãe, Maria. Era ela a quem eu recorria pedindo para passar por média, pedindo para compreender o conteúdo que era ensinado. Conversava muito com os professores do curso, explicava o motivo dos atrasos, e eram sempre compreensíveis.

Foi ali no colégio de São José que descobri a Faculdade Frassinete do Recife (FAFIRE) por ser anexo ao colégio. Tudo naquela faculdade me encantava e me convidava, sabia que era praticamente impossível, para pessoas da minha condição

financeira estudar lá. Mesmo assim, eu a explorava meio sem entender aquele universo. Qualquer oportunidade que eu tinha, ia para lá, achava linda a oratória dos palestrantes que eram convidados para as diferentes palestras, seminários... não importava a temática, se eu pudesse assistir pelo menos um pouquinho eu estava lá. E pensava, um dia vou estudar aqui, um dia vou falar para muita gente, bem bonito, igual a essa pessoa que está falando.

O curso foi avançando, eu conseguindo passar, mas sem poder ter maiores aprofundamentos, a correria no trabalho, os problemas em casa quanto a saúde da minha mãe, muito fragilizada, passava longos períodos no hospital, a casa pequena que morávamos, sempre muito cheia. Irmãs, sobrinhos, cunhados... durante um tempo morávamos todos juntos. A situação financeira, o desemprego, não permitia que os núcleos familiares tivessem seus lares.

Na medida que o curso ia chegando ao final eu via a oportunidade de ser professora mais distante. Fiz o estágio curricular sem poder me dedicar, aproveitei um curto período de férias e como era em dupla ou trio, contava com a ajuda das amigas. Ainda antes de terminar o curso, fiquei desempregada, fui procurar estágio em algumas escolas, vi que o dinheiro que ganharia não iria suprir as demandas que tinha na família. Não daria nem para o aluguel, desisti de escolas e fui pra outra loja, nessa, ganhava um pouco melhor, porque era vendedora, tinha comissão. Mas, tinha que atingir uma determinada “cota” um valor estipulado pela loja, quem não atingia, recebia só o salário e com três meses, era demitido.

Em 1987, terminei o Magistério e não exercia a profissão de professora, era uma vendedora de loja feminina. Parecia que tudo convergia contra meus sonhos... muita coisa aconteceu na minha vida, na vida da minha família. Mas nada que mudasse a nossa condição subalternizada. Minha irmã que havia conseguido me colocar no comércio, havia concluído o 2º grau, tinha feito o curso de Análises Clínicas, mas também não conseguiu trabalhar na área, era comerciária. Outras duas, só vieram concluir os estudos anos mais tarde por meio de supletivo e meu irmão, só estudou até o primário. Ter concluído os estudos já adulta, mãe e batalhando muito, não foi impedimento para minha outra irmã se engajar tempos depois em processos educativos por meio de sua inserção em movimentos sociais e como presidente de Associação de Moradores (na luta pelo direito a moradia) hoje, faz parte do Conselho Municipal de Educação de Recife.

Por um tempo, deixei meu sonho adormecido, outras prioridades, urgências não davam lugar a sonhos. Mas, minha mãe mesmo muito enferma, continuava dizendo, dessa vez para os netos, que precisavam estudar. Que tinham que se esforçar muito para conseguir, mas não desistissem. Um dos sobrinhos, o mais velho, levou a sério as palavras da avó e abriu fissuras nas barreiras que lhes eram impostas. Nunca se conformou com a desigualdade social que nos separava dos demais, eram mundos diferentes dentro do mesmo mundo. Ele, sempre muito crítico, questionador e principalmente determinado, foi superando os inúmeros obstáculos para estudar, para chegar a universidade pública Federal. Local que mesmo sendo nosso por direito, não nos pertencia, não era para os pobres que moravam no Ibura em um cubículo alugado e superlotado. Não era para quem saía de madrugada e andava quilômetros a pé até a biblioteca pública do 13 de maio para estudar.

Com muito esforço e superação, esse meu sobrinho entrou no IFPE, na época com ETFPE (anos 90), em seguida passou no Vestibular da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) no curso de jornalismo. Não existia “cotas”, era o tradicional vestibular que por muito tempo privilegiou a elite. Mas como um rapaz pobre, oriundo de uma família pobre, iria estudar jornalismo, se não tinha como se manter? Coursou durante 1 ano e teve que trancar para ir trabalhar, foi trabalhar no comércio, como operador de caixa. Como me doeu, saber de toda dificuldade para ele entrar e depois ter que deixar porque a família não tinha condições de ajudar. Ele não podia ser um estudante. Sempre muito obstinado, continuava estudando, dando aulas particulares em qualquer horário vago que tinha. Dois anos depois, fez novamente o vestibular na UFPE, e passou novamente. Dessa vez, no curso de Letras. Passei a admirá-lo ainda mais e tornou-se minha referência, referência de toda a família, referência que os sonhos não são abandonados, apenas adiados. Ele sempre foi muito calado, um pouco introspectivo, mesmo assim, sempre que possível, conversávamos, me falava sobre a universidade, sobre a política, incitava-me a criticidade, a acreditar que podíamos abrir fissuras...voltei a alimentar o sonho de entrar em uma Universidade.

Quando tive minha filha em 1993, procurei cria-la, educá-la para ter uma vida diferente da minha, diferente da vida do pai dela que também tinha como “destino” determinado os subempregos. Por ser negro, alto, forte...geralmente eram os trabalhos braçais que tinha que abraçar, mas mantínhamos a esperança na educação. Eu sempre lembrava do que minha mãe (já falecida) falava: “Vocês precisam estudar”. . “Nossos

pais caminhavam a nossa frente, e nos orientavam para o futuro” (HALBWACHS, 1990, P.69). E eu repetia para minha filha, com muito mais força, pois havia um exemplo de superação pela via da educação na família, meu sobrinho.

Alguns anos se passaram até em 2010 minha filha entrar na UFPE para fazer o curso de Letras, havia passado também na UPE no curso de Engenharia de Telecomunicações. Fez o ENEM, sem cotas, pois como havia estudado até o Ensino Médio em escolas particulares, mesmo como bolsista integral, não teve direito, mas não a impediu de passar com boa colocação. E meu sobrinho, já professor de uma Instituição Federal, pôde contribuir financeiramente para minha filha em muitos momentos.

No mesmo ano, juntamente com minha filha resolvi fazer o ENEM, incentivada por ela. Não obtive boa colocação, fiquei em remanejamento e não consegui ingressar na Universidade. Não desisti, no ano seguinte fiz novamente, ficando em remanejamento mais uma vez. Nesse período, uma sobrinha também havia se enveredado pelo caminho da educação, fez o Magistério, iniciou seus primeiros passos de Professora na sala de aula de uma escola comunitária, cursou Pedagogia com muita dificuldade em uma faculdade particular e firmou-se na profissão com muito compromisso e amor na educação básica. Havia uma segunda geração nos cursos universitários de educação.

Foi quando em 2012, descobri o programa do Governo Federal (Lula) chamado “Educa Mais Brasil”. Esse programa tinha parceria com faculdades particulares e custeava 50% das mensalidades. Era a oportunidade de entrar em uma faculdade, finalmente, seria a primeira da primeira geração a ingressar em um curso superior. Mas como eu iria pagar a mensalidade? Como iria me manter? Estava desempregada, mesmo assim, insisti e vi para minha surpresa e felicidade que a Fafire era uma das parceiras do programa, a minha nota do Enem seria aproveitada.

Conversei com minha filha e meu marido e chegamos à conclusão de que aquele era o momento, daríamos um jeito, recorri a Nossa Senhora, ao terço e pedi que tomasse minha frente para tudo dar certo. Conversei com meu sobrinho e ele além de me apoiar, se responsabilizou pela matrícula que era integral, renovada a cada semestre. Fui cursar Pedagogia na faculdade que eu admirava e que outrora desejava estar lá. Como eu estava feliz e grata a Deus, a Nossa Senhora e aos que contribuíam com a realização desse sonho, aos 46 anos, iniciava um curso superior.

Cursei dois períodos na Fafire no ano de 2012, vendia produtos naturais para ajudar com as despesas e consegui sericineira no “Mais Educação”. Me inseri em um grupo de pesquisa sobre Pedagogia Waldorf, não tinha bolsa, mas estar iniciando na pesquisa, era uma grande felicidade e era a pesquisa, um dos motivos que eu queria ingressar na Universidade pública. Ao iniciar o ano de 2013, tomei conhecimento de um Extra Vestibular na UFRPE, era essa a Universidade que eu tinha como opção. Mesmo amando a Fafire e tudo que ela representava para mim, dos professores aos amigos, via aquela oportunidade como uma janela que se abria para mim. Não pensei muito, desejava ir para uma Universidade pública, desejava fazer pesquisa com respaldo financeiro.

Tudo deu certo e consegui a transferência para a UFRPE (Ruralinda) no segundo semestre de 2013. Ingressei e fui logo para a turma do 4º período, embora a turma tenha sido muito acolhedora, fiquei muito apreensiva, eu só havia cursado 2 períodos de Pedagogia, estava ali no 4º período. Mas nada diminuía meu entusiasmo, minha satisfação, era muita sede de conhecimento e me fortalecia na fé, acreditando que se eu estava ali, era porque eu daria conta. Aos poucos fui entendendo o quanto Deus é perfeito em tudo que faz, entendi que foi preciso primeiro ter passado pela FAFIRE, para eu ter base para compreensão do vasto campo epistemológico da UFRPE.

Vejo hoje essa mudança acadêmica no sentido de “se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a dos outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (HALBWACHS, 1990, p.25). Iniciei o semestre, fui conhecendo os professores e me inteirando cada vez mais acerca do Curso de Pedagogia e da Universidade. O professor Humberto Miranda, ministrava as aulas de História, falava da Escola de Conselho e do Grupo de Pesquisa que coordenava. Ainda nesse semestre, me inseri em um curso de extensão a “Escola que protege”, as aulas eram ministradas aos sábados, o dia todo. Ao final do curso, fizemos um projeto de intervenção, que seria apresentado e avaliado. Um dos avaliadores era Humberto Miranda e foi quando conversei com ele e falei do meu interesse em participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação Científica (PIBIC). Deixei claro que além do conhecimento, precisava também da bolsa, ele muito solícito, me deu esperança, pois estava preparando um projeto sobre uma pesquisa histórica acerca do **Movimento Nacional dos meninos e Meninas de Rua**, aqui de

Recife nos anos de 80 a 90. Eu só falei gritar de alegria naquele momento, algo me dizia que o projeto iria ser aprovado pelo Conselho Nacional de Pesquisa (CNPQ).

No início de 2015, tivemos a grata notícia que o projeto havia sido aprovado. Consegui também o auxílio passagem pela PROGEST que recebi até o final da graduação. Foi nesse projeto do PIBIC, com o professor Humberto Miranda que me aproximei da temática acerca da cultura popular e especificamente da expressão cultural Maracatu, que foi problematizada na minha monografia de Licenciatura em Pedagogia¹.

No mesmo viés da temática, houve um desdobramento que oportunizou minha inserção no Mestrado, no Programa de Pós-Graduação em Educação, Culturas e Identidades (PPGECI) UFRPE/Fundaj, chegando agora na escrita da dissertação. A pesquisa da monografia e a construção do presente projeto, perpassa pela narrativa de um dos entrevistados durante a pesquisa, no projeto do PIBIC, que havia sido um dos meninos em situação de Rua na década de 80 aqui em Recife. Ele, que hoje é educador social, havia sido alfabetizado aos 11 anos, por meio de processos educativos trabalhados pelo MNMMR na época, mediados por uma expressão da cultura popular, o Maracatu. No seu relato, mencionou emocionado que a primeira palavra que aprendeu a ler foi M-A-R-A-C-A-T-U. Mas, que força tem o MARACATU? Que força tem a educação mediada pela cultura popular? Os fios me conduziram a narrativa dele que me reportou a caminhos de descoberta a temática e ao objeto de pesquisa dessa proposta de trabalho que é o Maracatu Nação Almirante do Forte, presente há 87 anos no bairro do Bongi região metropolitana de Recife.

A descoberta dessa temática conduzida por um “guerreiro” que viveu em situação de rua, mas que venceu e se propôs a ser um Educador Social, me faz continuar acreditando na força da educação como ação cultural para a liberdade, conforme apresentou Freire, ver esperança do verbo esperançar. Na força da educação que conduziu meu sobrinho a hoje, consolidado e professor federal, fazer um Doutorado em Portugal, que conduziu minha sobrinha à Pedagogia e a desempenhar sua profissão com muito compromisso e amor na Educação básica. E que conduziu minha filha, hoje Professora, continuando seus estudos na UFPE, no Doutorado. Me remete também ao caminho que percorri, a espera, a perseverança e a fé. Pois é também no sincretismo

¹Monografia que teve como título: O Maracatu Almirante do Forte e sua Relação na Educação Familiar dos Meios Populares: um estudo de caso, orientada pela Profa. Dra. Fabiana Cristina da Silva. Defendida em fevereiro de 2018, no Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (DED).

cultural do maracatu que vejo o rosto de Maria, as contas do terço ou rosário, se refletem na rede de miçangas do Abê. E vejo no som percussivo a face do Divino, do Sagrado. E, principalmente, é nesse Maracatu, nos jovens que dele participam, que me vejo aos 54 anos me reafirmando como mulher negra e com a responsabilidade e entusiasmo de quanto educadora, considerar e difundir os diversos saberes e os diversos contextos sociais fortalecedores da identidade negra e produtores de conhecimento.

INTRODUÇÃO

[...] e aí criaram o maracatu como símbolo de uma nação que lhes uniam. O maracatu seria um reino, com Rei e Rainha. Estes dois comandariam o grupo. Tal como o reino, uma corte foi formada com todos os elementos.

(Inaldete Pinheiro)

Apresentar a pesquisa que aqui se insere com um trecho da produção literária de Inaldete Pinheiro², é como ver fios condutores sendo puxados em direção a definição do objeto de pesquisa e da tecitura de sua escrita. *MARACATU DE REAL REALEZA*, apresenta a narrativa de uma menina que protagoniza a memória e história do povo negro. ***“negros e negras de diversos lugares da África foram trazidos para serem escravizados no Brasil”***. Mas encontraram formas de resistência e uma dessas formas foi preservar elementos e simbologias do continente africano que configuraram suas identidades e cultura. E é na ressignificação desses elementos e símbolos que aqui em Pernambuco surge o Maracatu.

Os elementos e simbologias do maracatu, nos remete a compreensão dos saberes construídos e sistematizados de outro movimento, como o Movimento Nacional de meninos e Meninas de Rua (MNMMR). Na década de 80 mediados pela cultura popular a luz Freiriana, do seu método nos “círculos de cultura”, esse movimento, alfabetizava crianças em situação de rua e foi marcante na história de vida um menino de onze anos que vivia nas ruas de Recife na época, e foi alfabetizado por militantes do MNMMR.

Que força tem esse processo educativo que levou esse menino a querer ser um educador e trabalhar com projeto social? Que força a semântica da palavra MARACATU (primeira palavra lida pelo menino) tem na produção de identidade dos jovens que participam do Maracatu Nação Almirante do Forte? Freire (1987) nos responde: É na análise de uma situação existencial concreta, codificada, que se verifica este movimento do pensar. Foi no maracatu nação Almirante do Forte que mais uma em sua existência concreta e nas suas representações, nos oportunizou a (re)descoberta dos seus diferentes saberes. Uma vez que a ampliação de conhecimento no âmbito das proposições que incitam dialogar com outras singulares realidades também foi e está

²Fundadora do Movimento Negro Unificado PE (MNU), enfermeira, Mestra em Serviço Social, escritora com foco na Literatura Negra, pesquisadora de maracatu e contadora de história.

sendo oportunizadas à pesquisadora. Somente o diálogo, que implica um pensar crítico, é capaz, também, de gerá-lo.

É considerando os espaços de educação não escolarizados, como espaços de construção de saberes diversos embora mediados de forma mais flexível, que buscamos compreender a intencionalidade das ações e propostas educativas no maracatu Nação Almirante do Forte. Como também compreender as dimensões pessoais ressignificadas que se entrelaçam com a produção de identidades. Haja visto que segundo Hall (2006) a identidade não é algo inato, existente desde o nascimento do sujeito, mas é algo formado ao longo do tempo, de acordo com as interações culturais e sociais. Isso de acordo com a complexidade do mundo moderno, no qual se insere o sujeito sociológico.

Nesse sentido de modernidade e construção de identidade, Quijano (2005) apresenta que a modernidade foi constituída pela colonialidade. Assim, a construção de identidade perpassa por uma imposição de padronização eurocêntrica como referência, excluindo, portanto, outros saberes. Assim, a colonialidade do poder, homogeneiza identitariamente os sujeitos, independente das suas raízes culturais.

Na percepção de Freire (2015) não pode existir pronúncia de mundo sem que haja uma consciente ação transformadora sobre o mesmo. Porém, é necessário salientar que há diferentes formas de pronunciar o mundo, como por exemplo, a pronúncia das classes dominantes e a pronúncia das classes dominadas. A pronúncia da classe dominante concebe a educação no sentido de poder, visando silenciar a classe dominada; já a classe dominada tem a educação como forma de organização para libertar-se da opressão. Eis nesse sentido a necessidade do comprometimento dos educadores com uma educação que compreenda as raízes socioculturais dos sujeitos, tornando-os capazes de criticar a realidade sob a ótica de transformação.

Quando o processo de construção do conhecimento está comprometido com o desenvolvimento dos indivíduos, requer comprometimento social, político e cultural por parte dos seus mediadores. Possibilitando assim, uma crítica, uma ação-reflexão sob ser e estar no mundo, que possibilite conscientização. Vê-se assim, que os processos educativos quanto aos métodos e instrumentos para mediação do conhecimento, é amplo. Envolve símbolos, significados e as peculiaridades inerentes aos diversos sujeitos no seu contexto sociocultural.

Contudo, a pesquisa pretende contribuir com a discussão sobre a relevância de outros espaços educativos, onde a construção de conhecimento é mediada por

expressões da cultura popular. Bem como, quanto Professores(as), educadores(as), refletir acerca das experiências e vivência de jovens envolvidos em diferentes manifestações culturais. Fundamental para a ressignificação de suas vivências em outros espaços sociais. Podendo essas experiências ancorar uma importante relação entre os processos educativos culturais e a produção de identidades.

Contextualizamos nessa introdução, o estudo aqui apresentado, nesse processo de construção, estruturamos a organização desse trabalho em quatro capítulos:

No Primeiro capítulo, apresentamos o locus da pesquisa (O maracatu Nação Almirante do Forte), sua origem e o trabalho que realiza na comunidade do Bongi e fora dela. Fazemos também uma breve apresentação do surgimento do maracatu em Pernambuco e as singularidades dos dois tipos de maracatu, Nação e Rural.

No segundo capítulo, abordamos uma discussão em torno do conceito de juventude e com base no Conjuve e no Estatuto da juventude, abordamos as políticas públicas culturais para a juventude.

No terceiro capítulo, situamos os aportes teóricos - metodológicos da pesquisa. Abordamos os estudos Pós-coloniais, campo que se insere e orienta a pesquisa, ao partir do contexto sócio-histórico cultural para compreensão da construção de identidades negras dos/as jovens; apresentamos o caminho percorrido para a inserção no campo e as vivências do trabalho em locus.

No quarto capítulo, dispomos da apresentação dos interlocutores/colaboradores dessa pesquisa, situamos suas narrativas e as nossas possíveis interpretações guiadas pelo método de interpretações de sentido. A última parte desse trabalho, trata-se das considerações finais, onde apresentamos nossas conclusões considerando os objetivos aqui propostos. Refletimos nessa última parte, sobre as possibilidades de novas lentes que orientem outros desdobramentos.

CAPÍTULO 1: APRESENTANDO O LOCUS DA PESQUISA E AS SINGULARIDADES DOS MARACATUS EM PERNAMBUCO

1.1- O Maracatu Nação Almirante do Forte é macumba pra valer

Figura 1 - Estandarte da Nação Almirante do Forte (fevereiro, 2019)



*Manoelzinho meu amigo, como você tem passado
Manoelzinho meu amigo como você tem passado.
O Almirante era baque solto e hoje é baque
virado...*

(Loa de autoria do Mestre Teté)

O estandarte³ do Maracatu Almirante do Forte sustenta 89 anos de tradição e resistência com muita força, alegria e vontade de continuar divulgando e valorizando essa significativa expressão da cultura popular afro-brasileira, que é o maracatu. Fundado em 07 de setembro de 1931, o Almirante é administrado pelo núcleo familiar do atual Diretor e Mestre Sr. Antônio José da Silva Neto, conhecido como Mestre Teté,

³Estandarte projeto de Arte de Manoel Salustiano, um dos principais nomes da cultura popular na arte de bordadeiro de estandartes. Manoelzinho Salustiano, como é conhecido, em 2012 presenteou o Almirante do Forte com esse estandarte que fez parte da exposição cultural no Centro Cultural dos Correios de janeiro a março de 2012. Informações disponíveis em: maracatualmirantedoforte.blogspot.com/2012/01/novo-estandarte. (Acesso em março de 2019).

que também é compositor e cantor das loas (músicas) tocadas no maracatu. Mas, antes do bastão chegar as suas mãos, seus tios e tia, seu pai, comandaram o Almirante durante anos.

A sede do maracatu que funciona na residência da família, está na Estrada do Bongi⁴ há 89 anos. No início, a sede ficava na Avenida do Forte, época que era comandado por Chico e Manoel Grosso, tios do Mestre Teté. Posteriormente, quando comandado por sua tia Demerina, a sede foi transferida para a Rua da Bacia, na Estrada dos Remédios. Guillen⁵(2013), afirma que das 24 nações inventariadas, 10 delas são de propriedade do presidente ou de outras pessoas ligadas à nação. Entre elas está o Almirante do Forte. A organização da sede conta com o apoio e empenho da família⁶ que se estende à toda geração dos primeiros fundadores, “pela estrutura de casa, não há nessas sedes uma separação entre o público (maracatu) e o privado (família)” (GUILLEN, 2013, p.159).

É na residência-sede do Mestre Teté e sua família onde ocorrem as principais atividades da nação Almirante do forte. É na entrada da casa, um salão grande e bastante simples que dá acesso a sala da residência da família, onde ficam expostos os principais objetos utilizados no maracatu como as alfaias e outros instrumentos percussivos, bem como, vários estandartes. Nesse salão de entrada, lugar de entrada e saída da família, acontecem os ensaios, oficinas, reuniões e toda movimentação dos integrantes do maracatu, da comunidade e visitantes. A sede-residência do Almirante da Forte referência na comunidade do Bongi, é patrimônio histórico e cultural onde circula sociabilidade de saberes e de representação simbólica.

⁴ Localizado na Região Político Administrativa (RPA) 5. Ver: Tavares e Silva (2018) “O Maracatu Almirante do Forte e sua Relação na Educação Familiar dos Meios Populares”.

⁵ Inventário Nacional de Referências Culturais-INRC do Maracatu Nação-Dossiê. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NAÇÃO.pdf (acesso março de 2019).

⁶ Hoje pela adesão por parte da família a religião evangélica, apenas o filho do mestre (contramestre Toinho), suas duas netas (filhas de Toinho e um neto continuam integrando o Almirante. Sua esposa, um dos filhos, uma filha (a mais velha) há mais de 20 anos é evangélicos. Outra filha que era rainha do maracatu, também aderiu a religião e conseqüentemente a nova geração está se encaminhando na mesma direção.

Figura 2 - Alfaias e outros objetos do Almirante/Salão onde acontece os ensaios (janeiro 2019)



O Maracatu Nação Almirante do Forte tem suas origens na Jurema, característica do maracatu de baque solto, por seus fundadores serem oriundos do município de Carpina (zona da mata norte de Pernambuco), onde surgiu o maracatu de baque solto que tem influências culturais indígenas e negra. Permaneceu como baque solto ou Maracatu Rural durante 40 anos. Em 1970, sua ⁷calunga D. Menininha, foi batizada no rito Nagô. Seguindo desde então, a forte tendência Nagô, originado dos negros do Congo, relacionado ao candomblé, ritmo que se difere do Maracatu Rural, segundo os estudos do musicista polonês Guerra Peixe (1980), que investigou com afinco os ritmos e peculiaridades dos Maracatus do Recife.

O maracatu deixa de ser baque solto e torna-se “Nação” passando a ser maracatu do baque virado e seguindo a tradição nagô e Jurema. Com a mudança para Maracatu Nação ou baque virado, havia a necessidade de ser nomeada mais uma calunga, pois os maracatus Nação possuem duas ou três calungas. Foi nomeada então, pelo Mestre Teté, a calunga Creuza. Os Patronos do Almirante são Oxum e Yemonja. A Calunga “Menininha”, entidade dona e zeladora da Nação, representa Oxum e a Calunga “Creuza”, representa Yemonja. Se entrelaçam nessas casas/sedes uma memória coletiva perpassando por todas as pessoas ligadas à família, à comunidade, e à nação do Maracatu.

⁷ Também chamada de boneca, Guerra-Peixe (1980), caracteriza as calungas como aquelas que simbolizam a força dos antepassados ligados a história do grupo ou a ascendentes de nações africanas.

Figura 3 - Dama do Paço com a Calunga Menininha. Fonte:

<https://almirantedoforte.com.br/2015/07/30/cartoes-postais-sonoros-maracatu-almirante-do-forte/>



A origem do nome “Almirante do Forte” de acordo com o Release⁸, se deu quando seus fundadores oriundos de Carpina que brincavam no Maracatu Rural Cruzeiro do Forte. Após um desentendimento, tornaram-se dissidentes e se separaram e resolveram criar outro maracatu, o Almirante do Forte. Tendo como inspiração para o nome do novo Maracatu, o navio Almirante que na época estava atracado na Capitania dos Portos de Recife.

O Maracatu Nação Almirante do Forte em 2008, foi um dos selecionados no edital dos Pontos de Cultura (Minc/Fundarpe) Instalação do Ponto de Cultura, Portaria nº 020/2008 MINC-FUNDARPE⁹. Passando a desenvolver oficinas de percussão, dança, confecção de roupas (figurino), audiovisual e informática. Um marco muito importante na história do Almirante do Forte foi a ida do Mestre Tetê para a Europa, a convite de instituições culturais europeias, no período de 5 de maio a 20 de junho de 2011. O Mestre percorreu os países: Portugal, França, Alemanha, Irlanda do Norte e

⁸ <http://www.nacaocultural.com.br/almirantedoforte>.

⁹ <https://almirantedoforte.com.br/comunidade-2/ponto-de-cultura> (Acesso em março de 2019)

Inglaterra, participando de atividades de Workshops, oficinas, apresentações e palestras sobre a expressão da cultura afro-brasileira que é o Maracatu Nação.

Figura 4 – Banner do Maracatu Almirante do Forte/Ponto de Cultura



¹⁰EVENTOS QUE O MESTRE TETÉ PARTICIPOU EM PAISES EUROPEUS NO ANO DE 2011.

MASTER CLASS DE MARACATU EN EUROPE, PARIS – DE 6 MAIO A 23 JUNHO;

MACAÍBA ACCUEILLE TROIS MESTRES DE MARACATU DE RECIFE, NANTES – 14 MAIO;

MASTER NATION, Europe 2011, BERLIN – 2 E 3 DE JUNHO;

MASTERS NATION PROJECT II + MARACTUDO MAFUA GIG with MARACATU MASTERS from PERNAMBUCO BRAZIL, LONDRES – 11 DE JUNHO.

¹⁰ Ver: [Workshops | Site Oficial do Maracatu Almirante do Forte](#) . Acesso em nov/2020.

Figura 5 – Participação do almirante em Berlim



Outro marco foi a produção do seu primeiro CD, lançado em 2014 e em seguida a produção do DVD, ambos patrocinados pelo FUNCULTURA. O Almirante ao longo desses 89 anos de história, participa de vários projetos e diversas apresentações.

Atualmente, apenas as oficinas de percussão (prática) funcionam na sede sendo intensificadas com os ensaios próximo ao Carnaval. O último projeto¹¹ realizado na sede do almirante do Forte foi a oficina inventário Museológico realizada de novembro de 2018 a dezembro de 2019. Projeto “Patrimônio do Bongi: criação, organização e difusão do acervo documental e etnográfico do Almirante do Forte”. Idealizado pela Antropóloga Marisa Rodrigues e o historiador Givanildo Ferreira que prestou assessoria museológica. O Projeto contou com recursos obtidos pelo Fundo Pernambucano de Incentivo à Cultura (FUNCULTURA).

¹¹ <https://almirantedoforte.com.br/projeto.../apresentacao/>

Figura 6 – Banner do Projeto Patrimônio do Bongi (fevereiro 2019)



A atuação principal do Almirante junto aos seus integrantes e comunidade se dá com seu desfile anual no Carnaval de Recife, começando as apresentações nas prévias carnavalescas e na abertura oficial do Carnaval de Recife com o encontro das Nações. Abertura que foi comandada durante quinze anos pelo músico e percussionista Naná Vasconcelos¹². Cerca de mais de seiscentos batuqueiros de treze Nações de Maracatu eram comandados sob a batuta do Mestre Naná em um grandioso encontro na Rua da Moeda, Recife Antigo, celebrando a força da cultura de matriz africana na abertura da festa plural e ao mesmo tempo singular que é o Carnaval recifense. Após o falecimento do músico em 2016, o encontro das Nações tomou um outro formato. O encontro das Nações continuou a acontecer e passou a ser chamado de *Tumaraca*, uma homenagem ao grande Mestre percussionista que fazia ecoar um grito de “guerra” ao reger as Nações: “TUMARACA. TUMARACATU”.

Dessa forma, a regência do encontro de maracatus passou a ser coletiva, com os treze Mestres das Nações e seis cantoras do Voz Nagô, conduzindo juntos a cantoria do início ao fim da cerimônia. O coral Voz Nagô foi criado por Naná Vasconcelos¹³ para acompanhá-lo em suas apresentações. É formado por seis mulheres negras que com suas

¹² Juvenal de Holanda Vasconcelos. Músico eleito oito vezes o melhor percussionista do mundo pela revista americana Down Beat. Nasceu em Recife em agosto de 1944 e faleceu em março de 2016.

¹³ Naná Vasconcelos recebeu o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) em dezembro de 2015. A Iniciativa de entregar o título a Naná, foi do Núcleo de Estudos Afro Brasileiros (NEAB/UFRPE).

vozes unem africanidade à cultura pernambucana. O grupo está a frente do *Tumaraca* continuando o legado deixado por Naná: Os Maracatus Nação.

O evento de encontro das treze Nações antecedendo o Carnaval em Recife, ocupa o espaço da cultura de resistência do povo negro, bem como, contribui para a valorização das tradições afrodescendentes. Ampliando esse espaço de socialização, o evento busca aproximação com outras manifestações culturais afrodescendentes. A exemplo das homenagens ou participações especiais de artistas, grupos e culturas de resistência que se autossustentam num movimento de herança ancestral, como o Afoxé, Capoeira, Hip-Hop, Ciranda... Formando nesse sentido, o Recife, uma Nação Africana. Concebendo assim, a manifestação cultural como expressão da história de luta do povo negro e afirmação da identidade negra, além do fortalecimento organizacional da população negra produtora e fundamentada na cultura de herança ancestral, conforme nos relata Silva (2008).¹⁴

Tumaraca: Encontro das 13 Nações de Maracatu

Participações especiais: Zé Brown, Isaar, bongar

Carnaval 2020

Maracatu Nação Estrela Brilhante do Recife

Maracatu Nação Estrela Dalva

Maracatu Sol Nascente

Maracatu Nação Cambinda Estrela

Maracatu Nação Encanto da Alegria

Maracatu Nação Leão da Campina

Maracatu Nação Encanto do Pina

Maracatu Nação Raízes de Pai Adão

Maracatu Nação Porto Rico

Maracatu Nação Oxum Mirim

Maracatu Nação Aurora Africana

Maracatu Nação Tupinambá

Maracatu Nação Almirante do Forte

¹⁴ **Recife Nação Africana:** Catálogo da Cultura Afro-Brasileira (Apresentação). Recife: Prefeitura do Recife/Núcleo da Cultura Afro-Brasileira, 2008.

O ensaio para o encontro das Nações, chamado então de *Tumaraca*, acontece nas comunidades das treze Nações de Maracatu do Recife. Na sede do Almirante do Forte, os ensaios se intensificam para o grande espetáculo do *Tumaraca* com participação massiva dos integrantes da comunidade do Bongi e de outras comunidades vizinhas, somando ao brilhantismo da Nação Almirante. Desde 2018, o encontro das Nações que fazia a abertura do Carnaval na sexta-feira, passou a se apresentar nas quintas-feiras que antecedem o carnaval, ficando a sexta-feira para o Frevo. Decisão que segundo¹⁵ o Presidente da Associação dos Maracatus Nações de Pernambuco (AMANPE) foi construída coletivamente junto à Secretaria de Cultura do Recife e Representantes das treze Nações.

Toda atuação do M N A F e de todos os grupos culturais não ocorreu em 2020, a Pandemia do Covid 19 impediu os preparativos para a grande manifestação cultural que é o carnaval. Ocasionalmente assustadoramente a ausência da folia em 2021, causando um irreparável prejuízo financeiro para todos/as que dependem da movimentação econômica da festa. Especificamente falando do Almirante do Forte, os efeitos da pandemia, da ausência do carnaval, ocasionou também perdas para os/as jovens principalmente da comunidade do Bongi, no sentido de interação, socialização, troca, com outros/as brincantes, de diferentes lugares e culturas. Pois, o M N A F é para os/as jovens da comunidade a única e importante referência de produção e integração cultural.

No intuito de apresentar o universo onde coletivamente foi tecido esse trabalho, faz-se necessário contextualizar o percurso histórico dos Maracatus em Pernambuco e, em seguida, apresentarmos as principais singularidades e semelhanças entre o Maracatu Nação (a que se dirige esse trabalho) e o Maracatu Rural.

1.2 Maracatus em Pernambuco

Para resgatar as hipóteses das raízes históricas do maracatu em Pernambuco, é preciso percorrer caminhos do período colonial e um cenário de poder europeu escravocrata, preconceituoso, segregador, de subjugamento da população negra. A colônia portuguesa desenvolveu o comércio de escravos por meio de sequestro e

¹⁵ Fonte Jornal Diário de Pernambuco online, Caderno de Opinião //201. Visto em novembro de 2020: <https://www.diariodepernambuco.com.br/noticia/politica/2018/01/fabio-sotero-a-quinta-e-dos-maracatus.html>

negociações de grupos africanos de diferentes etnias que aportaram aqui no Brasil, tendo muitos dos negros escravizados, aportados em Pernambuco.

Como forma de administração dos escravizados além de estratégia de subserviência, os colonizadores com apoio da Igreja Católica, incentivaram a instituição de reis e rainhas negras. O objetivo era que esses reis negros mantivessem o controle dos grupos que a eles fossem subordinados. Guerra-Peixe (1980), citando Pereira da Costa¹⁶, explicita que cada comarca ou distrito paroquial tinha o seu rei e rainha com respectivo cortejo de uma corte. Feita a eleição, havia um ato solene de coroação e posse no dia de Nossa Senhora do Rosário com o pároco coroando os reis nomeados. Mesmo com uma diversidade de tribos e Nações que formavam a comunidade negra africana, somente a do Congo era dado esse “direito”. “De toda essa diversidade de gente africana pela sua procedência de tribos distintas, somente a do Congo, escrava ou não, gozava do particular privilégio de eleger o seu rei [...]” (GUERRA-PEIXE, 1980, p.15).

Mas, vale salientar que, Guerra-Peixe em sua minuciosa pesquisa, encontra documentos que apontam ter havido também nomeação de reis de Angola em 1674. Nesse sentido, compreende-se que “De todas as nações de negros, a dos Congos era a que mais se destacava dentre as associações daquela irmandade” (AMORIM, 2011, p.168). Diversos elementos do maracatu nação remetem à coroação dos reis do Congo, durante o período colonial. Cerimônia que acontecia na entrada das igrejas católicas “[...] com o aval dos senhores brancos e da igreja, até o final do século XIX” (idem, p.168). Recebendo o título de Rei do Congo, a cerimônia ficou conhecida como coroação do Rei do Congo.

Baseados nessa evidência, muitos autores concordam que o Maracatu seja um cortejo real decorrente das festas de coroação de reis negros na Igreja de Nossa Senhora do Rosário no Recife, justificando a origem dessa manifestação cultural. E esse cortejo que deriva o maracatu como conhecemos é de denominação de nações africanas como: Nagô, Ketu, Gege, Angola. Guerra-Peixe seguindo os apontamentos do Padre Lino do Monte Carmelo Luna, apresenta como registro mais antigo de maracatu somente o cortejo com música e dança, sem a coroação, de 1867.

¹⁶ Pesquisador, autor do livro “Folclore Pernambucano”, 1908.

Leonardo Dantas, em seu artigo: *A Corte dos Reis do Congo e os Maracatus do Recife*, destaca que no Recife, os cortejos dos reis negros com a denominação de *maracatu* são registrados pela imprensa local a partir do final da primeira metade do século XIX, para denominar os “ajuntamentos de negros”. Registro que aparece no jornal Diário de Pernambuco na edição de 1 de julho de 1845, segundo aponta seu artigo. O desconhecimento de fontes informativas, na concepção cautelosa de Guerra-Peixe (1980), não favorece demarcar com exatidão o surgimento do maracatu em Recife, possibilitando assim, divergências de datas nos registros examinados.

Alguns estudiosos, a exemplo de Guerra-Peixe, acreditaram em um determinado período que a manifestação cultural maracatu, iria desaparecer. Isso se deu por esses estudiosos considerarem que o maracatu estava culturalmente se afastando do seu sentido original. “Desaparecendo alguns dos ‘antigos’ (tidos como tradicionais), novos foram estruturados, tais como, os Maracatus-de-Orquestra” (GUERRA-PEIXE, 1980, p.21). Carmem Lélis¹⁷, explica que o conceito de tradição está relacionado à dinâmica cultural de identificação que cada comunidade mante no maracatu. Essa dinâmica cultural redimensiona o maracatu a lançarem propostas inovadoras que inserem os grupos em uma busca constante de identidades, possibilitando inclusive aparecimento de grupos recriados, que não se comprometem com aspectos religiosos.

Dentro da visão do que os estudiosos chamaram de “maracatus tradicionais”, são destacados os mais antigos do grupo de maracatu nação, que são: **Nação Elefante, Leão Coroado, Estrela Brilhante de Igarassu, Estrela Brilhante do Recife e Nação Porto Rico do Oriente**. Fundado em 1800, o Elefante é considerado o mais antigo de Pernambuco, sendo de acordo com Guerra-Peixe, o que mais se aproximou as tradições do cortejo. O Elefante teve uma das rainhas mais reverenciadas do maracatu, Dona Santa, coroada aos 19 anos, permanecendo até os seus 86 anos. Após sua morte, o Elefante interrompeu suas atividades por quase 20 anos, retomando-as em 1985.

O Leão Coroado, fundado em 1863 por um africano ex-escravo, teve o bastão passado para as mãos do Sr. Luis de França, que manteve a tradição religiosa e as atividades ininterruptas. O baque tradicional secular, continua conservado sob a direção do Babalorixá Afonso Aguiar, desde a Morte de Luis de França em 1997.

¹⁷ Em “Recife Nação Africana” Catálogo da Cultura Afro-Brasileira, 2008. Organização: Claudilene Silva.

O Estrela Brilhante de Igarassu foi fundado em 1824, na cidade de Igarassu onde há remanescentes de negros escravizados. D. Olga, matriarca guardiã da tradição, junto com seu filho Gilmar conduzem o maracatu desde 2003. Estrela Brilhante do Recife, foi fundado em 1906 no bairro de Casa Amarela e hoje é presidido por pela Rainha Marivalda de 67 anos. A Nação totaliza 113 anos de existência.

Nação Porto Rico, tem como Mestre e Babalorixá Chacon Viana, Rainha e Yalorixá Elda Viana e foi fundado em 7 de setembro de 1916, está há 52 anos na comunidade do Pina - Recife. De acordo com Guerra-Peixe, a Nação Porto Rico tem sua origem no sítio Palmeirinha na cidade de Palmares (PE), sob a liderança de João Francisco de Itá, rei da nação e remanescente do Quilombo dos Palmares.

MARACATU: O Maracatu de Baque Virado é um candomblé na rua, festa onde todos podem participar, ligada diretamente ou não a religião, sendo assim uma manifestação tradicional brasileira, que hoje é aberta a quem tiver interesse de participar. Maracatu Nação é um ente cultural único no Brasil e no Mundo, que surgiu em Pernambuco graças ao encontro entre diferente Nações africanas que aqui se “entrelaçaram” [...] Nação: É o que chamamos de sagrado, que está ligado ao Candomblé, mais conhecido em Pernambuco como Xangô, onde estão resguardados todos os segredos, práticas e rituais que envolvem a tradição e culto aos Orixás (MESTRE CHACON¹⁸).

Com essa fala do Mestre Chacon, podemos compreender o sentido de “maracatus tradicionais” mencionado por diversos estudiosos e pesquisadores de Maracatu em Pernambuco. Concluímos assim, o sentido de tradição intrinsecamente ligado a origem da nação ao teor religioso dos terreiros, com a tradição e culto aos Orixás. Porém, o fato é que os Maracatus independentes que “nascerem” nos terreiros ou foram dissidentes, se tornaram coletivos de transformação social presentes nos festejos do carnaval pernambucano entre a dinâmica cultural e o conceito de tradição.

1.3 Maracatus Nação e as relações de gênero

A presença das mulheres nos maracatus nação é evidente. É sabido que o maracatu é uma manifestação composta por homens e mulheres como bem nos apresenta Isabel Guillen (2011) fomentando indagações acerca de qual lugar é reservado as mulheres nos grupos. De acordo com a autora, folcloristas e pesquisadores diversos não deram destaque ao papel das mulheres integrantes dos grupos estudados.

¹⁸ Disponível em: <https://nacaoportorico.maracatu.org.br/porto-rico/>. Acesso em dezembro, 2020.

Ao contrário do que se possa imaginar nessas obras, as mulheres dificilmente aparecem, o que dificulta saber em que medida elas foram tema de discussão por parte dos folcloristas nessa época. Nessas obras, as descrições, por vezes pormenorizadas, estiveram muito mais voltadas para a caracterização dos grupos, suas origens, personagens, tipos de vestimentas, loas/toadas, entre outros aspectos. Esses temas tinham como propósito discorrer sobre a conformação dos grupos, como uma maneira de assegurar uma possibilidade de conhecimento sobre eles (GUILLEN, 2011, p.133).

De fato, os estudos mais remotos evidenciavam as conexões com os aspectos de uma cultura machista em que as manifestações se originavam e se desenvolviam. Nesse sentido, o pensamento social da época, pode ter influenciado o viés analítico dos estudiosos acerca da ausência de destaque dado as mulheres nos maracatus nação. Mulheres como D.Santa, do maracatu elefante, uma das rainhas mais reverenciadas não teve sua trajetória analisada com mais afinco, mesmo tendo exercido atribuições importantes dentro do maracatu e na liderança comunitária.

Felizmente o avanço das teorias sociais e as lutas sociais por espaço na sociedade, contribuem para a inserção e visibilidade da atuação das mulheres em todos os campos da sociedade. Nos maracatus nação não é diferente e podemos presenciar o destaque na mídia de mulheres como D. Olga do Maracatu Estrela Brilhante de Igarassu, D. Marivalda Rainha e Presidente do Estrela Brilhante do Recife, mulheres no batuque (ainda que minoria) as mulheres têm se destacado na percussão no baque das alfaias, posição que antigamente era só ocupada predominantemente por homens. Questões religiosas impediam que as mulheres tocassem os tambores por terem o corpo aberto, se restringindo mais no período menstrual.

Há duas explicações que parecem justificar a participação feminina na percussão dessa manifestação. De um lado, os grupos percussivos ou parafolclóricos, com sua formação mista (homens e mulheres de classe média) em certa medida, facilitaram a aceitação das mulheres no batuque dos maracatus tradicionais. Por outro lado, a ação das mulheres do Movimento Negro parece ter convencido os mestres das nações a aceitá-las no conjunto percussivo das nações. Há entre os maracatuzeiros e maracatuzeiras mais antigos a memória de que Rosinete do maracatu Elefante, já falecida, participava dos ensaios, ensinando os batuqueiros a tocar corretamente, mas não se apresentava nessa posição[...]de um modo ou de outro, parece haver a concordância de que a presença das mulheres ocorre com mais força no final dos anos 1980 e segue até os dias de hoje impulsionada por essas transformações. Martha Rosa, militante do Movimento Negro,

aparece como a primeira mulher a se inserir no batuque do maracatu Leão Coroado de Luiz de França (GUILLEN, 2011, p. 140).

Transformações que seguiram avançando até chegar à posição de Mestre do maracatu como é o caso do Maracatu Nação Encanto do Pina comandado pela Mestre Joana D'arc. O Encanto do Pina foi fundado em 05 de março de 1981, segue a tradição Nagô e Jurema, desde 2008 Joana D'arc Cavalcante, primeira mulher a comandar um Maracatu de Baque Virado em Pernambuco, puxa o apito para organizar os 80 participantes. “Como é uma atividade que só homem fazia, eu fui olhada com um pouco de cara feia, de receio, mas não foi só eu que quis, foram os orixás, mesmo. A gente consultou os oloduns, os búzios, foi consentida a permissão e eu estou aqui até hoje” falou Mestre Joana em entrevista¹⁹. Ao assumir essa posição antes de autonomia masculina, mestra joana abre fissuras nas hierarquias do patriarcado e promove rupturas na relação de gênero dentro das nações de maracatu.

1.4 Maracatu e suas singularidades

Consideramos importante apresentar de forma mais abrangente o universo cultural de construção desse trabalho e explicitar aos leitores os dois tipos de maracatus existentes. Embora, saibamos que diversos estudiosos da área já o tenham feito de forma eximia. Mas, em respeito ao “aqui” e “agora” do tempo do nosso leitor, registramos as diferenças básicas que tornam distintas as duas manifestações culturais que são o **Maracatu Rural** ou de **Baque Solto** e o **Maracatu Nação** ou de **Baque Virado**.

O musicista, maestro, pesquisador e estudioso da música brasileira, César Guerra Peixe é uma significativa referência no que tange a descrição da diferença entre os dois tipos de Maracatu. Em seu livro *Maracatus do Recife*, publicado em 1955 resultado de uma grande pesquisa, categoriza os dois tipos de maracatus pela composição musical, chamando-os de maracatu de orquestra ou baque solto (o maracatu Rural) e maracatu nação ou baque virado.

cada instrumento possui particularidades “tonais” servindo para ressaltar o seu funcionamento na polirritmia do conjunto. [...] “Toque virado”, “baque virado”, “toque dobrado” e “baque dobrado” são expressões que indicam a música de percussão dos conjuntos em que participam mais de um zabumba. Contrapõe-se ao “toque solto” dos

¹⁹ <http://g1.globo.com/pernambuco/carnaval/2014/noticia/2014/02/maracatu-de-baque-virado-do-recife-e-o-1-ter-uma-mulher-no-comando.html>. Acesso em dezembro de 2020.

Maracatus-de-orquestra, que é executado com uma só zabumba. (PEIXE, 1980, p.83).

Percebe-se a análise musicológica instrumental das particularidades dos “toques” para marcar uma categorização. Outros elementos como tipos e quantidades de instrumentos, indumentárias, descendência e todo visual também os diferenciam e Guerra Peixe também as explicita. Porém, suas atenções foram maiores a musicalidade e em uma das suas narrativas, menciona que Mário de Andrade teria dividido suas atenções para outros ângulos do maracatu, deixando escapar detalhes da parte musical.

O **Maracatu Rural ou de Baque Solto**²⁰, ou de orquestra, tem forte tradição no ciclo canavieiro, na zona da Mata Norte em Pernambuco. Começou a surgir no Recife na década de 30 com a migração dos trabalhadores rurais para áreas urbanas, sendo Nazaré da Mata o “berço” do maracatu rural. O maracatu rural é o resultado da fusão de manifestações populares como cambindas, bumba-meu-boi e cavalo marinho. Há um cortejo real, damas de buquê, dama do paço, calunga, cordão de baianas, caboclos de lança que chamam bastante atenção. Quatro personagens são bem peculiares ao maracatu rural: Mateus, Catirina, burrinha, e o caçador.

A orquestra do maracatu rural é composta por: bombo, surdo, tarol, poica (espécie de cuica), gonguê (de duas câmpanulas) e instrumentos de sopro como clarinete, trombone e o trompete. O comando da musicalidade fica por conta do mestre entoando versos improvisados e decorados intercalando com o instrumental. “A orquestra pára e o mestre entra, a cada vez, com uma estrofe das toadas e loas que desfia ao longo da apresentação”(AMORIM, 2011,p.50). As canções entoadas pelo maracatu rural giram em torno de temas das vivências e realidade dos seus integrantes. Geralmente perpassam por: usina, cana, açúcar, amor, sátira social... “Os Maracatus de orquestra, adotam versos de variado assunto, poemas que podem não referir ao divertimento” (GUERRA PEIXE, 1980, p.47).

As entoadas com os versos de variados temas surgem como um jogo de palavras poeticamente proferidas seguindo técnicas da literatura de cordel ou emboladas dos violeiros de forte tradição oral. Os preparativos e organização do maracatu rural geralmente seguem uma agenda de seis meses antes do carnaval, se intensificando no

²⁰ Ver: Amorim, Maria Alice. Maracatu: baque virado e baque solto/Maria Alice Amorim-Recife: Folha de Pernambuco,2011.

mês de setembro e o ápice das reuniões é a sambada²¹, o objetivo dessas reuniões é o ensaio dos brincantes. “Porém, termina sendo pretexto para um valor mais alto se mostrar: um verdadeiro torneio de repentistas, à semelhança da cantoria de viola” (AMORIM,2011, p.11). Os versos a seguir mostram um pouco dessa cantoria.

²²João Paulo, sacuda em mim
Todo assunto que tiver
Toda rima que quiser
Que a minha não tem fim
Foi Deus que me fez assim
Ligeiro igualmente um raio
Você cantando balaio²³
E eu cantando improvisado
Nem esquento meu juízo
Nem cambaleio e nem caio

Os preparativos e organização envolve também as roupas, fantasias dos caboclos (os bordadores precisam preparar suas fantasias), bem como, os caboclos para se prepararem fisicamente e espiritualmente, saem as ruas com o surrão nas costas, tanto preparando o físico, quanto em obrigação religiosa. Toda essa organização e preparo são imprescindíveis às brilhantes apresentações oficiais durante o carnaval.

O maracatu rural mais antigo é o Cambinda Brasileira, fundado em 05 de janeiro de 1918 no engenho Cumbe, bem próximo a cidade de Nazaré da Mata, onde ainda hoje, permanece a sede. O Cambinda foi comandado por mais de cinquenta anos por João Estevão da Silva, conhecido por caboclo João Padre, falecido em julho de 1955, João Padre deixou o maracatu de herança para seus filhos.

Com mais de cem anos de existência, o Cambinda segue com suas atividades ininterruptas desde a sua fundação. No meio urbano, o mais antigo é o maracatu de baque solto, Cruzeiro do Forte (de onde disside o maracatu Nação Almirante do Forte) fundado em 1929 no bairro dos Torrões por quatro amigos que com a crise do açúcar do início do século XX, saíram da Zona rural, para tentar trabalho na capital recifense. O maracatu de baque solto Cruzeiro do Forte reinventou a tradição rural no meio urbano e

²¹ Espécie de embate poético entre dois mestres de diferentes grupos. (AMORIM,2011, p.11)

²² Réplica de Zé Galdino a João Paulo numa sambada em Nazaré da Mata, 1977. Ver: AMORIM, 2011, p.23. Zé Galdino era Mestre do Maracatu Estrela Dourada (Nazaré da Mata) e também mestre cirandeiro, faleceu em novembro de 2019.

²³ Versos decorados cantados por mestres de maracatu e violeiro.

há 92 anos permanece em atividade mantendo os aspectos culturais e tradicionais dessa manifestação popular.

O **Maracatu Nação ou de Baque Virado**, quando se fala do surgimento do Maracatu em Pernambuco, logo remete-se ao maracatu nação, também chamado de maracatu de baque virado e toda a sua relação com o período escravagista e conseqüentemente com a coroação dos reis e rainhas do congo, dando origem a essa manifestação da cultura popular, como apontam muitos pesquisadores do maracatu em Pernambuco. Guerra-Peixe (1980) afirma que “os autores modernos concordam que o Maracatu seja um cortejo real cujas práticas são reminiscências decorrentes das festas de reis negros, eleitos e nomeados na instituição do Rei do Congo” (p.15).

Outras hipóteses corroboram para a forma de apresentação do maracatu nação e a semelhança com coroação de reis e rainhas. A historiadora e pesquisadora Carmem Lelis, chama atenção para os primeiros dignatários do Reino do Congo em território brasileiro ter sido no Estado de Pernambuco, no município de Recife, na época da dominação holandesa. Os trajes ao estilo europeu dos representantes africanos que vinham em busca de contatos políticos e comerciais, bem como a forma imponente que se apresentavam, podem ter influenciado parte dos escravizados na criação do cortejo.

Outra possibilidade eram as festas que aconteciam na ocasião de visita de qualquer representante da aristocracia portuguesa, nas quais a população negra era obrigada a se apresentar como forma de devoção ao poder real. Os escravizados vestiam roupas emprestadas por seus senhores que disponibilizavam até joias para a ocasião.

De acordo com Guillen (2011) o maracatu nação ou de baque virado enquanto forma de expressão, se destaca por seu elemento sonoro predominantemente marcado pela formação instrumental dos bombos(zabumbas) taróis e gonguês. Característica que já mencionamos de acordo com a descrição técnica sobre “toque” ou “baque” de Guerra-Peixe.

A batida do maracatu convida a dança e a diversos movimentos de linguagem artística. Como afirma Amorim(2011) e representando o cortejo régio, desfile de uma corte real que se apresentam: O rei e a rainha(conduzidos por sob uma umbela ou guarda-sol) príncipe e princesa, casal de duques, damas do paço(que carregam a calunga), damas de buquê, damas da corte, embaixador ou Porta-estandarte(vestido nos moldes Luiz XV, carrega o símbolo da nação), escravo(carrega o pálio que protege a realeza), pajens(seguram as barras dos mantos da realeza), Yabás (baianas), lanceiros

(guardas-romanos) caboclo de pena (representando o indígena brasileiro) e os batuqueiros, componentes de grande importância agregadora a sonoridade da rítmica da nação. Todos esses componentes se movimentam seguindo o som de instrumentos percussivos que motivam todo o cortejo.

É importante salientar que:

O elemento sonoro no maracatu de baque virado, seja cantado ou percutido, pode ser entendido como um dos fundamentos identitários dos Maracatus do Recife. Sua importância está vinculada aos sentidos e discursos cantados que motivam o cortejo. A rítmica percussiva dos tambores fornece à cantoria um caráter imponente que se projeta nos gestos dançados e nos movimentos dos personagens do maracatu (GUILLEN, 2011, p.54).

Sobre os instrumentos, as alfaias (tambores de corda) são os que causam mais impacto sonoro no maracatu de baque virado, alfaia é um termo muito usado entre os maracatuzeiros. No Maracatu Almirante do Forte, por exemplo, usa-se muito essa expressão, porém, tanto o mestre quanto o contramestre utilizam também e com uma certa frequência, a expressão bombo. Talvez esse fato se dê pôr no maracatu rural ter também como instrumento chamado bombo, mesmo sendo diferente, a nomenclatura é a mesma.

A vibração extraída dos tambores de corda pelos batuqueiros é percebida visualmente em todos os movimentos dos passistas que compõem o cortejo, que bailam e rodopiam como se envolvidos hipnoticamente pela rítmica dos tambores, conforme são tocados. Esses toques se apresentam organizados por um sincronismo e por uma precisão na articulação sonora de um número plural de batuqueiros (GUILLEN, 2011, p.61).

Outros instrumentos que agregam o sincronismo melódico do maracatu nação são: Caixa, Abê, Tarol ou taró (menor tambor do maracatu), Gonguê²⁴ (1 boca) assim chamado pelo contramestre do A.F., acredito que seja o mesmo que uma campânula, conforme mencionado na linguagem científica de estudiosos. Faz parte também do processo percussivo, o Mineiro e Pantagome, instrumento²⁵ de percussão típico de

²⁴ Gonguê ou gonguê é currptela de **ngonge**, palavra de procedência banto. Designa o instrumento feito de ferro fundido com aço. É a mesma peça instrumental usada nas cerimônias dos Xangôs, onde se denomina “agogô”, do ioruba **akoko**. No maracatu as dimensões do instrumento são maiores, a fim de que, produzindo sons mais fortes, possa fazer frente à intensidade dos zabumbas (GUERRA PEIXE, 1980, p.59).

²⁵ Descrição feita por GUILLEN (2011, p.57) no Dossiê Maracatu Nação- Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) do Maracatu Nação.

Minas Gerais, utilizado em festas de congado e reisado. Este instrumento é composto por uma caixa fechada, que contém contas ou miçangas soltas no seu interior que, ao serem agitadas se chocam entre si e contra as paredes da caixa produzindo um ruído de chocalho. Todos os instrumentos aqui mencionados, são de percussão, afinados e tocados pelos batuqueiros dão o tom do baque de acordo com o comando que o mestre e o contramestre executam.

O repertório musical do maracatu nação, é próprio de cada um, o diferencia um do outro, loas que identificam o grupo, o mestre, a comunidade. Porém, não foge das características fundamentais que identificam os grupos como Maracatu Nação ou Baque virado. Aspectos nos toques, batidas, letras das loas, têm vínculos com as religiões de matriz africanas como xangô e candomblé ou ainda com a Jurema (mais presente no maracatu rural) advinda dos povos indígenas. No caso do Maracatu Nação Almirante do Forte, que teve sua origem no maracatu rural, a jurema também está presente. Como fala a letra de uma das loas: *O Almirante do Forte é uma Nação de valor, ele toca na Jurema e toca no Nagô(...)*.

É importante salientar que nem todos os integrantes do Maracatu Nação, necessariamente tenham que fazer parte, ser praticante da religião de matriz africana. Embora boa parte seja, muitos batuqueiros, principalmente os mais jovens, como também batuqueiros que vêm de outros países, outros Estados, não são praticantes, da mesma forma que outros componentes do grupo. É imprescindível que o Mestre seja vinculado a terreiros candomblecistas ou de xangô, do tipo culto nagô. É o Mestre que recebe a entidade que rege a Nação e que cumpre com as obrigações necessárias aos aspectos simbólicos espirituais do maracatu.

Outra necessidade de vínculo, é a Dama do Paço, que carrega a Calunga. Por todo caráter sagrado e de ancestralidade que a boneca carrega, representando uma entidade ou uma rainha do maracatu que morreu, nela está o espírito do maracatu. A religiosidade, independente dos que seguem as especificidades dos cultos de matriz africana, é um elemento aglutinador no sentido ritualístico contido no maracatu nação. Todo o cortejo (mesmo os que participam com o caráter festivo, no sentido de “brincar” se apresenta acentuando o imaginário simbólico de imersão e estreita relação com a religião. Seja na forma performática da dança, no toque, baque forte dos instrumentos percussivos, nas cores das vestimentas relacionadas aos Orixás...todo esse contexto interfere na incorporação de um sentido Sagrado ou, profano a depender do sentimento

que cada integrante ou até mesmo os que assistem, estejam imersos no momento da apresentação de cada Nação.

É nesse contexto de complexidade de tempo, espaço, símbolos, identidades e reconfigurações que permeiam os maracatus nação, que se inserem o tema, objeto, problema e objetivos desenvolvidos nesse trabalho. As narrativas dos jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte sobre os processos educativos e produção de identidades negras vivenciadas no grupo, nos levaram a compreender a relação dos processos educativos culturais na construção das identidades negras desses jovens integrantes desse maracatu nação em sua sede-casa. Um espaço de sociabilidade constante que carrega em si um cenário de privacidade da família que ali reside e da comunidade e diversos membros externos que juntos constituem a família Nação Almirante do Forte.

CAPÍTULO 2: VEM, VEM NO PONTO DE CORRENTE NAGÔ: Políticas públicas, Cultura e juventude

Foi simhora os velhos e os novos chegou[...] mestre Teté me falou. Que a boneca menininha foi coroada na corrente nagô. Coroada, coroada, coroada no nagô.

(loa de autoria do Mestre Teté)

Abordar a relação entre juventude, processos educativos e construção de identidades em espaço de produção cultural, suscita reflexões sobre aspectos que envolvem a esfera juvenil e as diferentes compreensões acerca do “ser” jovem. É necessário destacar alguns pontos de marcos legais no cenário brasileiro, bem como debruçar-se sobre referenciais teóricos com embasamento socioculturais que trazem discussões pertinentes as condições de vida do público jovem, principal interlocutor desse trabalho. Considerando a educação como um ato social e que perpassa intrinsecamente por diversos espaços e coletivos sociais, compreende-se as mediações, influências e transformação nas interrelações socioculturais.

Tais questões refletem especificidades e complexidades no âmbito social e cultural que não se esgotarão em uma única discussão. Mas, faz emergir inquietações às reflexões diversas que de forma provocativa podem vir a ter pontos de vista diferentes. Tais inquietações e reflexões não buscam verdade absoluta. Mas, confrontadas com pressupostos teóricos podem evidenciar um diálogo construto, fluido, mutável e significativo à relação jovem, cultura, educação e identidade.

Freire (2015), nas suas considerações sobre o ato de estudar, lembra que não há conhecimento acabado e que nenhum tema é simplesmente o que aparece na forma linguística. Há sempre algo que requer um processo de busca de suas interrelações com aspectos particulares, o que exige tanto de quem escreve, quanto de quem lê um adentramento nele envolvendo um complexo dinamismo. Tais considerações, se inserem nos diversos contextos educacionais, nesse caso, o grupo de Maracatu nação almirante do Forte e perpassam por estudos norteadores de eixos abrangentes a questões de cunho socioeconômico, político e culturais. Eixos inerentes as juventudes na contemporaneidade onde diferentes experiencias são vivenciadas possibilitando nas interações sociais representações e (RE) construções identitárias dos jovens no contexto de sociabilidade.

Com a intenção de colaborar com uma melhor compreensão teórica dessas questões, destacaremos: O Conselho Nacional da Juventude- ²⁶CONJUVE, que define conceitualmente o termo “jovem” tomando como princípio, a juventude como condição social.

A juventude é uma condição social, parametrizada por uma faixa-etária que no Brasil congrega cidadãos e cidadãs com idade compreendida entre os 15 e os 29 anos. Sendo tema de interesse público, a condição juvenil deve ser tratada sem estereótipos e a consagração dos direitos dos/das jovens precisa partir da própria diversidade que caracteriza a(s) juventude(s). Em termos políticos e sociais, os e as jovens são sujeitos de direitos coletivos. Sua autonomia deve ser respeitada, suas identidades, formas de agir, viver e se expressar valorizadas (CONJUVE, 2006, p.5).

O ²⁷Estatuto da Juventude Lei 12.852/2013, dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude, dividido em 48 (quarenta e oito) artigos estabelecendo garantias desses direitos. Com base nesses marcos legais de normatização e de políticas públicas voltadas ao atendimento das necessidades da juventude no âmbito sociocultural, direcionaremos um olhar mais atento quanto aos Direitos dos jovens, estabelecidos no capítulo II, sessão VI, artigo 21 do Estatuto da Juventude. Visto a temática, problematização e objetivos desse trabalho.

Seção VI – Do Direito à Cultura Art. 21.

O jovem tem direito à cultura, incluindo a livre criação, o acesso aos bens e serviços culturais e a participação nas decisões de política cultural, à identidade e diversidade cultural e à memória social (BRASIL, 2013).

Considerando as especificidades e necessidades socioculturais que concerne aspectos presentes nos marcos legais. **As Juventudes e seus diferentes sujeitos**, livro organizado por Tarcísio Augusto Alves da Silva²⁸, fomenta compreensões sobre as singularidades que permeiam o público jovem. Tanto nas pesquisas realizadas pelas Ciências sociais, quanto nas Ciências Humanas, segundo Silva (2017), há um consenso de que os jovens não podem ser analisados como uma unidade monolítica. Isso implica

²⁶ Criado em 2005 pela Lei:11.129 na Presidência do Sr. Luiz Inácio da Silva (Lula).

²⁷ Instituído em agosto de 2013 pela Presidenta Dilma Rousseff.

²⁸ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Líder do Grupo de Pesquisa Núcleo de Estudos Educação Sociedade e Meio Ambiente (NESMA).

entender os jovens de maneira, plural e diversificada. imbricando um estudo das segmentações socioeconômicas e socioculturais.

Na perspectiva tanto do CONJUVE, quanto do Estatuto da Juventude, percebe-se o reconhecimento da heterogeneidade do público jovem e, portanto, a necessidade de se pensar e atender esses jovens de acordo com suas segmentações socioeconômicas e socioculturais. E, é nessa perspectiva que a relação entre jovem, educação, cultura e identidade negra não pode ser vista numa perspectiva linear, mas, por um viés dialético que abre possibilidades de problematizações e reflexões, considerando as especificidades arraigadas nas categorias, que envolve subjetividades no âmbito individual, mas que repercute no âmbito social, representações coletivas.

Nesse sentido, faz-se necessário observar os padrões “pré-determinados “por uma sociedade guiada historicamente por um viés eurocêntrico hegemônico, de forma etária e geracional e romper com os estereótipos no que se refere a “categorização” da população jovem de forma homogênea. Em geral, na atualidade, conforme o debate de ²⁹Ferreira (2019) o discurso sobre gerações no âmbito público, incluindo as mídias sociais e espaços políticos estão bastante presentes. Porém, “A proliferação social do uso de categorias geracionais não tem sido acompanhada de pesquisa empírica ampla e com empenhamento analítico profundo no âmbito das ciências sociais” (FERREIRA, 2019, p.35).

Existe muita especulação, simplismo e um exagero universalista acerca da existência de supostas gerações e das mudanças geracionais, ainda segundo o autor. Analisar a categoria geracional, implica ir além dos efeitos de idade indicados dentro de uma estrutura cronológica no sentido etário. Cabe aqui nos atentarmos as reais dificuldades que emergem dentro da realidade social em que se inserem grupos juvenis diversos. Por exemplo, no que diz respeito a recursos financeiros no campo de existência de jovens de periferia, o que os expõem continuamente numa condição de

²⁹ FERREIRA, Victor Sérgio: **Jovens e gerações em tempos de crise: entre Portugal e o contexto global. “Juventudes em Movimento: experiências, redes e afetos”** Coletânea/organizada por Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, Idiva Maria Pires Germano, Luciana Lobo Marinho et al. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

vulnerabilidade social. ³⁰Vieira (2019) nos chama atenção para outro importante aspecto que é o sistema social no qual habitamos forjado por diversas estruturas:

Temos a estrutura racial – que discrimina e hierarquiza pessoas de tonalidades de peles e características físicas diferentes ao padrão; a estrutura de gênero – que considera os homens como superiores às mulheres; a estrutura sexual – na qual é tido como inferior quem não é heterossexual ou quem não tem práticas sexuais consideradas “normais”; e, dentro disso, também temos a estrutura de idade – promovem uma diferenciação entre jovens e mais velhos (idosos) e ambos são discriminados (VIEIRA, 2019, p.38).

Desse modo, junto a Psicologia do Desenvolvimento, ³¹Rocha (2019) considera nas suas pesquisas a perspectiva interseccional e decolonial nos atravessamentos geracionais, etários, raciais e de gênero. “O conceito de interseccionalidade é construído no âmbito acadêmico do ativismo feminista negro para dar conta da interação entre essas múltiplas formas de opressão, sem hierarquizá-las” (ROCHA, 2019, p.153). As discussões interseccionais entre gênero, raça e classe social ainda são desafios para a academia e conseqüentemente necessita de diálogos com o público jovem concernente a essa pauta, fora dela.

A temática da juventude no Brasil, ainda é um campo com insipiência de investigação no que se refere a educação e cultura e principalmente no contexto das relações raciais e de gênero, de acordo com ³²Gomes (2009). “Costuma-se dizer que as gerações mais jovens estão perdidas” (GOMES, 2009, p.2). Mas, se analisarmos a relação entre juventude e mundo adulto no contexto de construção e realidade social que desconsidera o caráter heterogêneo das juventudes, veremos que nós, adultos é que estamos perdidos, cristalizados no tempo.

³⁰ Ativismo Juvenil e Políticas Públicas: O caso do centro de referência da juventude de Belo Horizonte (MG)/Bruno Vieira – Belo Horizonte: Letramento, 2019. Livro oriundo da Dissertação de mestrado que visou compreender a relação entre ativismo juvenil e políticas públicas.

³¹ Nara Maria Forte Diogo Rocha: **A perspectiva do feminismo interseccional e decolonial no enfrentamento do racismo e sexismo na vivência com a juventude universitária**(in)Coletânea citada acima.

³² Nilma Lino Gomes: **JUVENTUDE, PRÁTICAS CULTURAIS E NEGRITUDE: O DESAFIO DE VIVER MÚLTIPLAS IDENTIDADES** GOMES, Nilma Lino - FAE/UFMG GT: Afro-brasileiros e Educação / n.21 Agência Financiadora: FAPEMIG/CNPQ.

Nesse contexto, o estudo de ³³Dayrell na área da sociologia da juventude e da educação, nos propõe um olhar sobre os jovens, buscando compreendê-los como sujeitos sociais. Assim, é possível perceber dentro de um contexto de sociabilidade a construção de um determinado modo de ser jovem, a forma como constroem os significados que lhes são atribuídos dentro de uma sociedade cada vez mais globalizada.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. Significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado com o chegar da vida adulta (DAYRELL, 2003, p.42).

Estamos diante de uma discussão que possibilita enxergar o jovem como sujeito social dotado de pluralidade e singularidade do ponto de vista social e psicológico que abrange as estruturas de classe, racial e de gênero. Tais pressupostos, apresentam a juventude numa relação com a sociedade entre parte e todo. Essa perspectiva desconstrói a visão simplista, monolítica e generalizada construída pela concepção hegemônica.

Partindo da crítica em relação aos projetos, programas e ações desenvolvidos para atender o público juvenil, Gomes (2009) enfatiza que a inserção no mundo da cultura, as formas e estilos de lazer e movimentos culturais dos jovens são poucos considerados pelos que desenvolvem essas políticas sociais. Assim, “[...] uma parcela significativa da juventude que atua e desenvolve diferentes práticas no interior de grupos culturais juvenis não é considerada como possível interlocutora” (GOMES, 2009, p.2). A questão aqui colocada se refere a necessidade de articulação de programas, projetos e ações culturais em um sistema de política pública que dialogue com diferentes setores, que compreenda a pluralidade cultural e a diversidade juvenil.

³³ Juarez Dayrell: **O Jovem como sujeito social**/Revista brasileira de educação-set,out,nov,dez,2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a04.pdf>, acesso em janeiro 2021.

Essa articulação se relaciona com o ³⁴**Programa Cultura Viva**, criado pela Política Nacional de Cultura, implementada pelo Ministério da Cultura (Minc) dentro da Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura (SPPC). O programa Cultura Viva, foi criado em 2004 na gestão do então Ministro da Cultura Gilberto Gil, no Governo do Presidente Lula. No sentido de abrangência de política pública cultural, o Cultura Viva rompe com o paradigma cultural hegemônico no sentido de cultura elitizada. A ação da SPPC junto ao Minc, objetivou atender a diversidade cultural estabelecendo uma estreita relação por meio de convênios com iniciativas culturais já existentes a nível Nacional. Com esse propósito, organizações, coletivos culturais, entidades culturais, existentes em comunidades com baixa aquisição financeira de investimento, foram atendidos pelo programa. Vê-se nessa articulação uma inserção cultural comunitária, fruição cultural e ampliando a sociabilidade de diferentes linguagens culturais juvenis.

Se inicia em 2005 a seleção dos primeiros editais para os pontos de cultura, principal ação do Cultura Viva devido sua articulação em rede. Os ³⁵Pontos de Cultura são entidades sem fins lucrativos que desempenham o papel de articular ações entre a comunidade e o Estado, visando a preservação de valores culturais, a transmissão de conhecimento e tradições dos grupos de cultura. Ao serem selecionados, os coletivos passaram a receber recursos do governo federal e a executarem suas atividades como pontos de cultura em seus espaços já existentes. Expandindo uma dimensão cultural de produção, experimentação e aprendizados para a juventude na construção de processos educativos e produtores culturais.

Conforme vimos no capítulo anterior de apresentação do lócus dessa pesquisa, o Maracatu Nação Almirante do Forte é Ponto de Cultura, tendo sido selecionado no edital da Portaria nº 020/2008 MINC-FUNDARPE. O Programa Pontos de Cultura foi iniciado em Pernambuco em 2007, integrado ao Programa Cultura Viva. A Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (FUNDARPE), se comprometeu com o Minc em conveniar os Pontos de Cultura em Pernambuco, o Almirante do Forte é

³⁴ Portaria Ministerial 156 de 2004. http://www.feambra.org/feambra_sys/conteudo/legislacao/portaria-156-de-2004.

³⁵ Pontos de Cultura - Portal Cultura PE www.cultura.pe.gov.br > > ponto-de-cultura. Acesso em jan. 2021.

um desses pontos conveniados. As Políticas públicas necessitam exercitar a potencialidade dos/as sujeitos/as jovens na sua construção (VIEIRA, 2009), acreditamos que o Programa Cultura Viva e a fruição das ações culturais nas comunidades por meio dos pontos de cultura com foco na valorização da cultura popular e nas produções culturais experienciadas e vivenciadas pela juventude se atentou a reflexão. Tendo em vista a grande vulnerabilidade da juventude nas áreas periféricas, principalmente por ser essa juventude em sua maioria negra e, portanto, principais alvos da violência urbana que tem cor. Marca histórica fundada nas relações coloniais hegemônicas a partir da ideia de raça, ordenado a exploração e dominação da população negra diaspórica, conforme discutido por Quijano (2005).

Nesse contexto, o maracatu nação almirante do forte quanto Ponto de Cultura é uma importante referência de valorização e fortalecimento da cultura local para a juventude da comunidade do Bongi, contribuindo com o rompimento do estigma negativo marcado pela discriminação e desigualdade social, que cotidianamente as juventudes periféricas enfrentam. O incentivo e a busca pela participação da juventude por meio de atividades no almirante, contribui com a autonomia da produção e circulação cultural dos/as jovens, principalmente sendo o maracatu almirante do forte única entidade de caráter cultural dentro da comunidade. O caráter cultural está compreendido nas ações concretas desenvolvidas no almirante, que fomentam um diálogo valorativo, de diversidade cultural e sociabilidade entre os/as jovens da comunidade do Bongi e os/as jovens de comunidades distantes.

Vale ressaltar que essa pesquisa não tem a intenção de investigar ou analisar as políticas públicas. Porém, tendo em vista que o mote desse trabalho perpassa por espaço e ação cultural que envolve elementos sócio políticos econômicos e a juventude, é imprescindível ampliarmos nosso olhar à essas questões. Para compreensão dos sentidos e direções quanto as interpretações das informações construídas na pesquisa de campo e de documentos e aportes teóricos que subsidiam a análise desse estudo. No capítulo seguinte será apresentado o referencial teórico necessário ao desdobramento desse estudo e o caminho traçado e percorrido.

CAPÍTULO 3: DIÁLOGOS, OLHARES E DESCOBERTAS: A BONECA MENININHA FUNDAMENTANDO A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES NEGRAS DE JOVENS NA NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE

*Eu tenho a dama do paço, tenho rei tenho rainha
Tenho príncipe e princesa e a boneca menininha...
(Loa do Almirante do Forte)*

3.1. REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma melhor compreensão das abordagens necessárias à ampliação do conhecimento científico na construção desse trabalho, apresentam-se neste capítulo os fundamentos teóricos que orientaram nosso diálogo. A escolha do marco teórico perpassa inicialmente pelo embasamento do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) no ano de 2018, quando Maria Cristina Tavares concluiu o curso de Pedagogia, por bibliografias estudadas em disciplinas do componente curricular do PPGEI, como também, em outros momentos de construção de conhecimento dentro e fora do universo acadêmico, visando contribuir com a compreensão e análise dos dados construídos no caminho percorrido durante a pesquisa de campo.

Assim, a seleção acerca do referencial teórico principal, embasa-se nos estudos Freire (2015) e (1987) pela dimensão cultural incorporada ao pensamento educacional. Ainda nos aspectos de cultura e educação: Guerra Peixe (1980), Fávero (1983) Gohn (2010), Gomes (2005) e (2018) e Queiroz (2010) embasam as abordagens. A partir dos pressupostos de Quijano (2005), Munanga (1999), Hall (2006), Silva(2019) e Sousa (1983) buscamos nortear compreensões sobre identidades, questões raciais na perspectiva da pós-colonialidade. Geertz (1978) e (2005) respaldou tanto aspectos teóricos quanto metodológicos. Esse arcabouço principal somado a outros estudos de igualmente importância teórica, fundamentaram o presente trabalho.

O sempre atual pensamento de Paulo Freire no livro *Ação Cultural para a Liberdade* apresenta uma proposta de educação preocupada com as raízes e o meio sociocultural em que os sujeitos estão inseridos. A fim de torná-los mais conscientes da condição em que se encontram mais capazes de criticar e iniciar um processo de transformação. Pensar nas raízes e no meio sociocultural em que se inserem os sujeitos,

é compreender a possibilidade de, partindo das suas realidades, iniciar uma tomada de consciência crítica sobre essas realidades frente ao mundo que os rodeiam. Ação que suscite transformação individual e coletiva por via das interrelações, uma ação cultural para a liberdade, para transformação e (RE) construção de identidades. “A criticidade e as finalidades que se acham nas relações entre os seres humanos e o mundo[...] se dão com um espaço que não é apenas físico, mas histórico e cultural” (FREIRE, 2015, p.112).

Dessa forma, a ação cultural a que se refere Freire, é aquela através da qual se enfrenta culturalmente a cultura dominante. É nesse movimento, no interior da cultura que Freire situa a educação. Essa proposição integradora aparece na obra *Pedagogia do Oprimido* (1983), onde o autor aponta os temas geradores a partir da realidade dos “educandos” como forma de construção do conhecimento na relação sujeito/mundo de forma problematizadora. “[...]se faz assim, um esforço permanente através do qual os homens vão percebendo, criticamente como estão sendo no mundo com que e em que se acham” (FREIRE, 1983, p.72).

Dessa maneira, as dimensões significativas entre indivíduo e mundo estão constituídas de partes e interação com o ambiente sociocultural, tendo a dialogicidade como prática libertadora. A dialogicidade a que se refere Freire, é este encontro dos homens mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, mas não se limitando a relação eu-tu. Mas, sim, numa forma solidária de interação, pois o elemento do diálogo é a palavra, a palavra verdadeira, na dimensão de ação e reflexão. Possibilitando aos sujeitos nos seus próprios contextos culturais, criticidade a cultura dominante e valorização da cultura popular local. Somente o diálogo, afirma Freire, que implica um pensar crítico, é capaz também de gerá-lo (1983, p.83). O diálogo é, portanto, o principal canal de comunicação e de mediação do conhecimento e da cultura. Comunicação essa que dentro do maracatu tem a marca da linguagem oral.

Nesse sentido, educação e cultura tem o compromisso de desacomodar os sujeitos em relação ao conformismo sobre sua realidade que lhes é imposto, é desestabilizar o pensamento, possibilitando enxergar, entender e transformar suas realidades individuais e coletivas.

Em consonância com o pensamento de Freire, o livro “*Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60*”, Fávero (1983), reúne textos que fundamentaram ou justificaram a inserção da cultura popular nas práticas da educação

popular nos anos de 1960 a 1964. Fávero, inicia explicitando que o termo “Cultura Popular” era novo no Brasil no início dos anos 60. Porém, em países da Europa, principalmente na França e em países socialistas, da China até Cuba, o termo e a discussão acerca da elitização da cultura e o acesso do povo aos bens culturais já vinha sendo utilizado e debatido.

“Dentre as formas de luta popular que surgiram naqueles anos, ou que neles conseguiram se fortalecer, uma delas se chamou cultura popular” (FÁVERO, 1983, p.9). O que houve de certo ou de errado, só a história pode dizer. “E quase nos foi negada a possibilidade de conhecer essa história!”. O estudo de Fávero nos traz importante contribuição com a compreensão sobre Cultura Popular, mas, analisar, discutir e interpretar os simbolismos implícitos nas ações culturais faz-se necessário buscar outras contribuições à compreensão sobre as singularidades inerentes ao objeto de investigação dessa pesquisa.

Tendo em vista as singularidades do maracatu, conforme foi explicitado no capítulo de apresentação do lócus da pesquisa, Guerra Peixe (1980) em um aprofundado estudo, aponta no livro **Maracatus do Recife**, para o surgimento do maracatu-nação ou maracatu de baque- virado em Pernambuco, a partir da coroação do rei do Congo. Esse maracatu é constituído de uma corte real e seu cortejo acompanhado por um conjunto musical de instrumentos de percussão., distinguindo-se do maracatu de baque-solto ou maracatu rural (por se originar de agricultores e indígenas locais) pela composição de seu conjunto musical e por ter como presença marcante o caboclo de lança.

Martha Rosa Queiroz, em sua tese *Onde Cultura é Política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)*, traz um diálogo sobre a relação do Movimento Negro com as manifestações culturais no carnaval do Recife. Na sua abordagem sobre os Maracatus, e a partir do diálogo com os estudos do historiador Ivaldo Lima, salienta que o debate é longo sobre a origem dos maracatus. Lima, descortina a historiografia sobre o tema, bem como, a história de vida de alguns maracatuzeiros e da relação dos maracatus-nação com a sociedade recifense a partir dos últimos anos do século XIX. Desse modo, “(...) nos revela uma trajetória dinâmica fruto das constantes ressignificações pelos seus protagonistas e pelo seu envolvimento em múltiplos movimentos de circularidade cultural” (QUEIROZ, 2010, p.87). Nesse sentido, é importante que os debates que circulam em torno da origem e autenticidade dos maracatus nação, considerem a ressignificação das práticas culturais dessas

manifestações populares de acordo com o tempo em que estão inseridos e o diálogo com outros segmentos culturais.

O diálogo estabelecido no trabalho de Queiroz (2010), revela outros aspectos, como a aproximação do Movimento negro Unificado (MNU-PE) com o maracatu nação. Tendo iniciado a articulação do MNU no Maracatu leão Coroado, no início da década de 80 o então Movimento Negro do Recife (depois MNU-PE) segundo Queiroz (2010), começou a se envolver com o carnaval e suas manifestações culturais, mas especificamente com os afoxés, embora o debate sobre a importância do maracatu como símbolo de resistência ao racismo se fizesse presente.

As ações do MNU junto aos maracatus segundo a autora sempre foram defendidas pela militante Inaldete Pinheiro, os fios puxados no início desse texto vão encontrando outros fios... As lembranças de infância e seus registros literários marcavam o envolvimento de Inaldete com os maracatus. Envolvimento esse, primordial “para a revalorização dos maracatus nação”, de resistência, que na década de 80 estavam prestes a desaparecer, resultado do estigma de uma sociedade racista.

Esse exemplo de fortalecimento cultural do MNU junto aos maracatus nação reafirma o compromisso político social do movimento e interliga uma compreensão do trabalho da intelectual e pensadora negra Nilma lino Gomes³⁶ que apresenta o Movimento Negro dentro de uma perspectiva sociológica, como sujeito histórico de luta e como agente articulador de saberes emancipatórios. “O Movimento Negro é um educador”, afirma. A autora nos remete a pensarmos nas contribuições do M. N. para uma educação que fomente possibilidades de transformação social. Em consonância com este pensamento, ³⁷Silva (2019) no seu livro oriundo de sua tese, na qual, analisa práticas pedagógicas no contexto da educação para as relações étnico-raciais no Brasil, nos diz:

Quando voltamos o olhar para a compreensão do pensamento negro em educação no Brasil – um conjunto de ideias e práticas educativas que foram sendo construídas a partir das experiências de ativistas e/ou organizações do movimento negro com a intenção de promover uma educação de efetiva qualidade[...] percebemos que memória,

³⁶ Professora e integrante do Programa Ações Afirmativas na UFMG, autora de diversas obras na área educacional com ênfase nas relações étnicorraciais, de gênero e educação, formação de professores para a diversidade. **O Movimento Negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação** é o trabalho aqui referido.

³⁷Claudilene Maria da Silva. **A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira**-Curitiba/CRV, 2019.

identidade e ancestralidade, estão presentes explicitamente ou permeiam as propostas pedagógicas do movimento negro ou processos formativos inspirados na trajetória desse movimento (SILVA, 2019,p.80).

Concordamos com a autora, por considerarmos esses elementos fundamentais para a valorização das culturas afro-brasileiras e perceber essas culturas negras como contribuições na construção das identidades negras. Silva (2019) prossegue afirmando que no Recife (Pernambuco) o Núcleo da Cultura Afro-Brasileira (NCAB), desenvolvia experiências de formação cultural destinadas aos grupos culturais, objetivando a valorização e o fortalecimento da cultura negra na cidade. O NCAB, foi criado em 2001 para atender uma demanda do movimento negro na cidade.

As questões levantadas nos estudos citados sobre educação, cultura popular e movimento negro, norteiam o trabalho ora aqui apresentado, que busca refletir sobre os processos educativos culturais e a produção de identidades negra de jovens, articulados em espaços não escolares e nos convoca nesse sentido, a trilhar caminhos da educação “não ³⁸formal” . Maria da Gloria Gohn (2010), é uma das autoras pioneiras no estudo. Na obra intitulada *Educação não-formal e o Educador Social*, destaca o método educativo de movimentos sociais e da educação popular, referenciando o aprendizado espontâneo e a socialização intra e extrafamiliar.

A autora apresenta ainda a importância de projetos sociais cuja ação educacional se dá por meio da arte e da cultura, enfatiza que a educação não formal tem campo próprio, tem intencionalidade e seu eixo principal é mediar o conhecimento no sentido de construção de cidadãos críticos, visando uma emancipação social dos indivíduos. Gohn, segue explicando que é ciente da intencionalidade da escola em também “formar” para a cidadania. Porém, é fato que muitos indivíduos dentro da escola aprendem a ler e a escrever, mas não têm leitura crítica de mundo.

[...] leem mecanicamente, não compreendem o pleno sentido e o significado das letras que decifram, porque, não têm domínio no campo da educação não formal. A intencionalidade não é o único marco diferencial entre a formal e a não formal, porque existe nas duas, mas é ela que demarca um objetivo específico na educação-formar para a cidadania (GOHN, 2010, p. 34).

³⁸ Termo cunhado por Maria da Glória Gohn no livro: **Educação Não Formal e o Educador Social**(2010). Vale salientar que outros estudos apresentam a nomenclatura “**Educação Não Escolarizada**” que se dá em instituições não escolares, como é o caso do espaço cultural onde se insere o Maracatu Nação Almirante do Forte.

Frente a estes pressupostos levantados por Gohn (2010), há abrangência ao entendimento da leitura de Freire (1983), ao dizer que a palavra verdadeira, ajuda o homem a tornar-se homem, ao decodificar a palavra, vai se descobrindo como sujeito de todo o processo histórico. Ou seja, a palavra verdadeira pronunciada na educação, seja dentro ou fora da escola, tem o compromisso de pronúncia de mundo, e, de certo, contribuir para o exercício da cidadania. Talvez seja esse o sentido mais exato da educação dentro do movimento negro e de outros movimentos sociais que se pautam na cultura popular(entendendo cultura popular como tomada de consciência da realidade, conforme Fávero,1983) para fomentar uma educação de libertação do oprimido.

Diante da perspectiva dos estudos pós-coloniais, apresentamos um dos autores de grande relevância às teorias pós-coloniais. Aníbal Quijano (2006) no seu trabalho intitulado **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**, nos apresenta que a colonialidade do poder, configurou padrões hierárquicos e hegemônicos com base em um modelo eurocêntrico. Instituiu assim, a Europa como o novo padrão mundial de poder, estabelecendo novas identidades a partir da classificação de “raça”.

Segundo o pensamento de Silva (2019), o autor compreende raça como uma “[...] categoria mental da modernidade, criada a partir do surgimento espaço/tempo que conhecemos como América. “A categoria foi construída como referência a supostas estruturas biológicas diferenciadas entre os grupos” (SILVA, 2019, p. 79).

Como efeito dessa abordagem, houve primeiro uma classificação da população do mundo em identidades raciais, inventadas e distribuídas hierarquicamente de acordo com a graduação da cor de sua pele. Assim, os dominadores europeus, se tornaram a raça branca (superior) e os dominados não europeus, se tornaram as raças de cor e, portanto, inferiores.

Compreende-se nesse sentido, que a depender do fenótipo, estabeleceu-se com uma certa naturalidade um processo de inferioridade e superioridade. Para Quijano, essa ideia foi assumida pelos conquistadores como o principal elemento constitutivo fundacional, das relações de dominação que a conquista exigia (p.117). Assim, além dos aspectos raciais, os aspectos culturais dentro de uma política global, instituiu de forma racista uma homogeneização da população a nível mundial. “As novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho(p.118). A ideia de raça foi

fundante para os colonizadores na América Latina, estabelecerem hierarquias e um novo padrão mundial de poder.

Implicou então na colonialidade do poder, instituindo a permanência de ideias e práticas discriminatórias, como o racismo, após o processo de colonização. Resultando na formação cultural dos povos da América Latina, uma fragilidade representacional quanto a sua estrutura, produção simbólica e de subjetividades. No momento que são estabelecidas hierarquias, emerge uma identidade padrão, a partir desse padrão outras identidades são hierarquicamente tidas como inferiores. Por exemplo, a identidade cultural dos povos negros de diferentes ³⁹etnias africanas ao serem deslocados forçosamente dos seus lugares de origem.

Hall (2006) em sua obra *“A identidade cultural na pós modernidade”*, discorre sobre a crise de identidade nas sociedades contemporâneas, que por serem sociedades pautadas na mudança constante, influência e produz o sujeito pós-moderno. E nesse sentido, o sujeito não tem uma identidade fixa, permanente, estável e unificada. Mas, uma identidade transformada continuamente de acordo com as relações sociais e culturais que se inserem os sujeitos.

O autor argumenta, que as velhas identidades que por muito tempo, estabilizaram o mundo social, estão em declínio, surgindo então, novas identidades e fragmentando o sujeito moderno, visto até então como sujeito unificado. Nesse contexto, “O “sujeito” do iluminismo, foi descentrado, resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno”(HALL, 2006,p.46).

Considerando o lócus dessa pesquisa, por tratar-se de uma expressão da cultura popular (o maracatu) o estudo e compreensão apresentados por Hall, é de extrema relevância às discussões e problematizações em relação ao viés de compreensão de como a identidade ou identidades negras de jovens participantes vão se construindo, frente a complexidade que há nos processos de construção e reconstrução de identidades no que concerne o fragmentado sujeito moderno.

E como esse sujeito fragmentado é afetado ou deslocado por/das suas identidades culturais no processo de globalização? Hall (2006) destaca que sabemos como é ser pertencente a uma nação, devido ao modo que cada nação vem a ser

³⁹ De acordo com Hall(2006), o termo etnia se refere as características culturais – língua, religião, costumes, tradições, sentimento de lugar que são partilhados por um povo (p. 62).

representada. Sendo assim, a nação é uma entidade que produz sentidos- “um sistema de representação cultural”(HALL, 2006,p.49). Segue-se então que:

As culturas nacionais são uma forma distintivamente moderna. A lealdade e a identificação que, numa era pré-moderna ou em sociedades mais tradicionais, eram dadas à tribo, ao povo, à religião e à região, foram transferidas, gradualmente, nas sociedades ocidentais, à cultura nacional. As diferenças regionais e étnicas foram gradualmente sendo colocadas, de forma subordinadas [...] do estado-nação, que se tornou, assim, uma fonte poderosa de significados para as identidades culturais modernas (HALL, 2006, p.49).

É oportuno frisar que a cultura nacional contribuiu para criar padrões e consequentemente a ideia de uma cultura homogênea, não importando as singularidades dos membros da sociedade quanto: Classe, gênero, raça ou juvenil. Apenas busca unificar os membros numa mesma identidade cultural, para serem representados como pertencentes a determinada nação que é produtora de sentidos e agrupa um sistema de representação cultural.

Nilma Lino Gomes ⁴⁰(2005), ao se referir a pergunta: o que é identidade? Traz o argumento do intelectual Philip Gleason, ao dizer que mesmo com todas as produções existentes e esforços empenhados para encontrar uma resposta sobre o que é identidade, ainda não conseguiram encontrar uma resposta satisfatória. De acordo com esse pensamento, a autora explica que o uso responsável do termo “identidade” , se faz necessário uma certa sensibilidade às complexidades intrínsecas ao assunto. Pois, se a discussão sobre a identidade já carrega tanta complexidade, “[...] o que dizer quando a ela somamos os adjetivos pessoal, social, étnica, negra, de gênero, juvenil, profissional, entre outros?” (GOMES, 2005, p.40).

A reflexão sobre a construção da identidade negra, continua Gomes (2005) não pode prescindir da discussão sobre identidade. Pois há nessa discussão um amplo e complexo processo que envolve dimensões pessoais e sociais que se interligam ao se construírem na vida social.

Assim, Hall (2006) nos alerta que sendo a identidade algo formado ao longo do tempo e não algo inato, que já nasce com o indivíduo, a identidade está sempre em processo, sempre sendo formada , construída, então não se pode falar em identidade como algo acabado. Ainda segundo o autor, a identidade não surge da plenitude do que

⁴⁰ Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão.

já está dentro de nós como indivíduos, mas sim, “de uma falta de inteireza, que é “preenchida” a partir do nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outro” (HALL, 2006, p.39).

Nesse sentido, considerando a identidade como processo em andamento que se constrói num complexo processo envolvendo dimensões pessoais e sociais, quando falamos na identidade negra de jovens pertencentes a um grupo de manifestação cultural afro-brasileira, precisamos estar atentos as identificações que inconscientemente esses jovens aderem e imaginam ser vistos socialmente. Principalmente quando a nação que nós, povo negro estamos inseridos, foi constituída a partir da colonialidade do poder que hierarquicamente nos inferiorizou a partir da ideia de raça.

Para melhor compreender a construção da identidade brasileira e sua relação com a construção da identidade negra, dialogamos com Kabengele Munanga (1999). Na obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil*, o autor analisa o processo político e ideológico na idealização de uma identidade nacional a partir de teorias racistas de branqueamento. Munanga afirma que “[...] o processo de formação da identidade nacional no Brasil recorreu aos métodos eugenistas visando o embranquecimento da sociedade” (1999, p.15).

No século XIX a ideologia que a presença negra no Brasil era algo negativo para se constituir uma identidade nacional (pensamento eurocêntrico) levou os intelectuais brasileiros a buscarem uma solução para construir uma nação cuja identidade nacional se constituísse de uma única categoria étnica: O mestiço. A busca de uma identidade étnica única para o país tornou-se preocupante para vários intelectuais da época, todos, com apenas algumas exceções, “[...]acreditavam na inferioridade das raças não brancas, sobretudo a negra e na degeneração do mestiço” (idem, p.52).

Fica evidente a manutenção do preconceito sobre o negro, o mestiço por sua vez ocupa uma posição indefinida, vivem uma falsa ilusão de superioridade em relação aos negros, mas, aos olhos do branco são inferiores. Há nesse sentido um conflito identitário no construto das relações sociais.

Corroborando com esse pensamento, é importante lembrar que:

O Brasil construiu, historicamente um tipo de racismo insidioso, ambíguo, que se afirma via sua própria negação e que está cristalizado na estrutura da nossa sociedade. Sua característica principal é a aparente invisibilidade. Essa invisibilidade aparente é ainda mais

ardilosa, pois se dá via mito da democracia racial (GOMES, 2018, p.51).

O mito da democracia racial, produzido no território brasileiro, reverbera um discurso democrático, dando a entender que somos todos “iguais”, porém, trata-se de uma falsa igualdade, pois se baseia no apagamento das diferenças. Prega uma homogeneização, silenciando, negando as violências sofridas pelos grupos étnico-raciais, além de naturalizar o racismo e subalternizar as diferenças.

Sobre essa questão que se tornou imprescindível no debate sobre construção de identidade negra, ⁴¹Najara Lima Costa (2020), compreende que o mito da democracia racial brasileira a partir da ideia de miscigenação, aparece como um dos aspectos mais relevantes ao se abordar as relações raciais no Brasil. “Esta concepção conjecturou que seríamos todos os frutos da mistura de três raças, a qual teria resultado em uma só cultura, a brasileira” (COSTA, 2020, p.34).

Via-se assim que, “a pluralidade racial nascida do processo colonial representava[...] uma ameaça e um grande obstáculo no caminho da construção de uma nação que se pensava branca, daí por que a raça tornou-se o eixo do grande debate nacional (MUNANGA, 1999, p.51). O que o debate nacional na época levava em consideração era como transformar a pluralidade de raças e culturas tão diferentes, em uma única nação, um só povo cujo ideário era ser branco. Esse ideário de branqueamento produzido pela elite brasileira no século XIX até meados do século XX, repercutiu até os dias atuais, dificultando o autoconhecimento e autoafirmação da identidade negra, por parte dos negros brasileiros.

Nessa perspectiva, ⁴²Neusa Santos Sousa (1983) a partir das suas próprias experiências quanto mulher negra e apoiada na sua formação psicanalista, aborda no seu estudo, experiências emocionais do sujeito negro e as contraditórias referências sociais que dificultam a autoafirmação identitária negra, o que ela chamou de “Mito Negro”.

O mito é uma fala, um discurso – verbal ou visual – uma forma de comunicação [...] Mas, o mito não é uma fala qualquer. É uma fala que objetiva escamotear o real, produzir o ilusório, negar a história,

⁴¹ Costa, Najara Lima. *Quem é negro(a) no Brasil?* :cotas raciais e comissões de heteroidentificação na prefeitura de São Paulo/ São Paulo: Editora Dandara, 2020.

⁴² Intelectual Negra e militante do Movimento Negro do Rio de Janeiro na década de 80. Seu livro: **Tornar-se Negro ou As Vicissitudes da Identidade do negro brasileiro em Ascensão social**, foi resultado da sua Dissertação de Mestrado.

transformá-la em “natureza”. Instrumento formal da ideologia, o mito é um efeito social que pode entender-se como resultante da convergência de determinações econômico-político-ideológicas e psíquicas (SOUSA, 1983,p. 25).

Ou seja, o negro segundo Sousa, busca se identificar com o ideário branco estabelecido socialmente, uma vez que cotidianamente é violentado historicamente e culturalmente pelo ego do ideário branco. Assim, o negro é obrigado a negar sua negritude e buscar se assemelhar ao indivíduo branco. Esse “mito” que é discurso é o mesmo que faz perpetuar o mito da democracia racial. Ainda segundo a autora:

Realizar o Ideal do Ego é uma exigência – dificilmente burlável – que o Superego vai impor ao Ego. E a medida de tranquilidade e harmonia interna do indivíduo é dada pelo nível de aproximação entre o Ego atual e o Ideal de Ego. ‘Há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Ego coincide com o Ideal do Ego. E o sentimento de Culpa (bem como o de inferioridade) também pode ser entendido como uma tensão entre o Ego e o Ideal de Ego (SOUZA, 1983, p. 33).

Esse ideal de ego é aquele que nasceu da ideologia imposta pelo colonizador europeu, e mesmo com o fim do sistema escravista, como nos lembra Munanga (1999), a estrutura mental herdada do passado que considerava os escravizados negros como coisas e força animal do trabalho ainda permanece. “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio[...]” (GOMES, 2005,p.43). Essa herança implementada na estrutura da sociedade, inconscientemente caminha no imaginário de negros e negras brasileiros(as).

Esses autores com os quais dialogamos até aqui, trazem contribuições fundamentais para uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo, a partir das várias visões presentes nos estudos pós-coloniais. Além de nos fazer refletir sobre as consequências na vida da juventude negra atual.

Em *Uma descrição densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura*, Clifford Geertz⁴³ nos chama atenção para o conceito de cultura, em torno do qual surgiu o estudo da antropologia, estudo segundo o autor que tenta limitar e conter o conceito de cultura. Nesse sentido, o autor defende o conceito de cultura na mesma linha do

⁴³ Fundador da Antropologia Interpretativa. **A Interpretação das Culturas**, Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

pensamento de Max Weber, acreditando” [...] que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 1978, p.15). Nesse entendimento, o conceito de cultura defendido pelo autor é essencialmente semiótico, bem como, defende sua análise não como uma ciência experimental em busca de leis(teorias) que lhe conceda justificativas palpáveis, mas o conceito de cultura como uma ciência interpretativa. Abre-se então a possibilidade de direcionarmos nosso olhar para outros caminhos, na tentativa de interpretar realidades inerentes a um universo arraigado na cultura.

Devido a complexidade inerente as realidades humanas por onde perpassa essa pesquisa, concordamos com o autor e sentimos a necessidade de diversificar a nossa forma de pesquisar numa perspectiva de reconfiguração do pensamento social e assim procurarmos compreender melhor as questões que contornam nosso objeto.

Geertz⁴⁴ (1997), afirma que nos últimos anos na vida intelectual houve um crescente “mixagem de gêneros” e que muitos dos cientistas sociais trocaram as explicações pautadas em leis e casos ilustrativos, por explicações que envolvem casos e interpretações. Para Geertz (1997),

A explicação interpretativa – trata-se de uma forma de explicação e não de algum tipo de glossografia exaltada – concentra-se no significado que instituições, ações, imagens, elocuições, eventos, costumes-ou seja, todos os objetos que normalmente interessam aos cientistas sociais - têm para seus “proprietários”. Por esta razão, seus instrumentos de trabalho não são leis[...], mas sim construções[...]

(GEERTZ, 1997, p.37).

Assim, os cientistas sociais, têm mais liberdade para explicar as percepções externas, encontra-se num sistemático desfazer de malas no mundo conceitual, permitindo-os nesse movimento novas formas de pensamento. Em consonância com as ideias do autor, propomos uma “remodelagem” no nosso pensamento investigativo.

Consideramos que os fundamentos teóricos aqui apresentados, ampliaram e aprofundaram as discussões, fomentando um diálogo com mais fluidez em torno dos eixos estruturais da presente dissertação.

3.2. Revisão de literatura: estado da arte

⁴⁴ O SABER LOCAL: Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social in **Novos ensaios em antropologia interpretativa**. Petrópolis, RJ:Vozes,1997.

O estado da arte permite a identificação do que vem sendo produzido academicamente nas áreas de conhecimento do trabalho de pesquisa, a partir dele é possível reconhecer a relevância da pesquisa a ser realizada para o campo de atuação e as principais abordagens teóricas e metodológicas. Para a elaboração deste estado da arte, foi realizado um mapeamento nas publicações da Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros, a ABPN, e da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD).

A Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros é um periódico de publicação trimestral que reúne produções de pesquisadores interessados em dar visibilidade às questões das relações raciais no Brasil e no mundo, assim como à produção de conhecimento sobre África e diásporas africanas.

Para o levantamento na Revista da ABPN, foram analisadas as publicações contidas desde a sua primeira edição, no trimestre de março a junho de 2010, até a mais recente, no trimestre de novembro de 2018 a fevereiro de 2019. Ao todo foram 29 revistas e 3 edições especiais de cadernos temáticos, que contém um total de 508 artigos. Dentre estes, foram selecionados oito (8) artigos com temáticas que se aproximam das questões da juventude negra e/ou de formação das identidades em processos educativos em espaços não escolarizados. Não foi encontrado nenhum artigo que se refira ao maracatu, porém, alguns trabalhos abordam outras manifestações da cultura popular de matriz africana e outras expressões artísticas que potencializam os aspectos educativos produzidos em espaços não escolares, protagonizados por jovens de periferia que encontram nessas manifestações formas de resistência em relação ao preconceito racial enraizado na sociedade brasileira.

Benjamin Xavier de Paula publicou o artigo intitulado O movimento Hip Hop e a construção da identidade negra/juvenil na revista ABPN em 2011. Embora tenha poucas informações no resumo, o texto se caracteriza como um ensaio teórico, no qual o autor discute o hip hop enquanto movimento importante para a construção e autoafirmação da identidade das pessoas negras na realidade brasileira. É apresentado nesse ensaio, a importância pela busca de caminhos que conduzam ao respeito e ao reconhecimento da história e das diferenças da comunidade negra por meio da arte e da cultura.

O artigo intitulado *Religiosidade e cultura afro-brasileira na formação da identidade*, escrito por José Geraldo da Rocha, Idemburgo Frazão Felix e Jacqueline de

Cássia Pinheiro Lima é resultado de um projeto de extensão desenvolvido por pesquisadores da Unigranrio e foi publicado em 2013. O objetivo principal da pesquisa foi investigar a relevância dos elementos culturais na formação da identidade dos moradores regiões do Rio de Janeiro. Como principais resultados as (os) pesquisadores destacaram a evidência de traços marcantes da religiosidade afro-brasileira presente nos espaços de manifestações culturais locais como jongo, capoeira e quilombo; também a consciência negra por meio da atuação dos Agentes de Pastoral Negros na igreja católica. Como conclusão, apontam que há uma grande riqueza, fruto de processos de resistência da cultura negra.

O trabalho de José Geraldo da Rocha e Cristina da Conceição Silva tem como título *A transmissão do conhecimento nas culturas populares de matrizes africanas* e foi publicado em 2015. O artigo apresenta um ensaio, fruto da participação dos (as) autores (as) em uma mesa sobre “Tradição Oral e Cultura Popular” no Seminário Internacional *Conhecimentos Compartilhados: Tradição e Modernidade*, evento organizado pela USP e Unigranrio. No texto é abordado sobre as formas de transmissão de conhecimentos construídos no meio de culturas populares, que utilizam, sobretudo, a oralidade, em especial as culturas de matrizes africanas. As principais considerações apontadas no texto são sobre como as narrativas orais e as músicas contribuem para comunicar a história, a vivência, os valores, os saberes e conhecimentos. Desta forma, Rocha e Silva destacam que esses saberes comunicados em rodas de matrizes africanas se tornam espaços férteis para o compartilhamento da herança ancestral.

O artigo de Luciana de Oliveira Dias e Rita Natália de Almeida é intitulado *Educação através dos agogôs, atabaques e pandeiros: um estudo do samba de roda goiano em perspectiva interdisciplinar*, foi publicado em 2017 e é resultante de dissertação de mestrado. O objetivo da pesquisa foi documentar o samba de roda que acontece na cidade de Goiânia, mais especificamente no Setor de Serrinha, relacionando-o com questões de direitos humanos. Como principal consideração as autoras destacam o importante processo de ensino-aprendizagem presentes nos contextos de samba de roda, por meio da tradição desenvolvida pelos mestres, transformando-se em um instrumento de educação, que foram evidenciados no caminhar da pesquisa, apontando para a educação popular, onde há circulação de saberes e conhecimentos.

O texto de Ana Carolina Costa dos Anjos e Thiago Francysco Rodrigues Cassiano foi publicado em 2018 e tem por título *Cultura e religiosidade afro-brasileira: a exclusão do identitário negro no evento “Palmas- capital da fé”*. O objetivo principal da pesquisa foi analisar a invisibilidade sofrida pelas religiões e culturas de matrizes africanas no evento “Palmas – Capital da Fé” e a falta de acesso às políticas públicas efetivas no âmbito municipal pelo seguimento. De acordo com os autores os resultados da análise apontam para a relevância e a necessidade da pluralização da cultura e religiosidade afro-brasileira e a importância do desenvolvimento de políticas públicas para as culturas e religiões de matrizes africanas.

O artigo de Carlos Henrique dos Santos Martins e Claudia Ribeiro tem como título *Cultura Juvenil e escola: o funk como ferramenta pedagógica e de identidade da juventude negra carioca* e foi publicado em junho de 2018 na revista ABPN. O texto tem como objetivo problematizar as tensões em relação a expressão cultural juvenil levada para os espaços escolares, tensões essas que estão articuladas ao racismo brasileiro. No texto também é destacado a importância deste movimento cultural como marcador identitário de grande parcela da juventude. Como conclusão Martins e Ribeiro apontam frequentemente a experiência sociocultural dos jovens não é valorizada nos espaços escolares, conseqüentemente inviabilizando também o seu potencial identitário.

O artigo de Larissa Ferreira intitulado *Corpos moventes em diáspora: dança, identidade e reexistências*, foi publicado na revista ABPN em 2019, buscou compreender a dimensão estética e política que atravessa a arte contemporânea em sua relação com a diáspora africana. A autora aponta que as reflexões presentes no texto foram inspiradas em três mulheres negras brasileiras que buscaram em África modos de compor um mapa de movimento, aproximando a discussão com o pensamento de Paul Gilroy, na sua obra: *Atlântico Negro*. Onde apresenta o conceito de “dramaturgia da recordação” e a discussão sobre racismo culturalista. Nesse sentido, o trabalho compôs segundo a autora um mapa de movimentos tecidos por afetos em trânsito

O texto intitulado *Jongo de Itapemirim e sua relação com a educação*, foi escrito por José Geraldo Oliveira Mion em 2019. O artigo é resultante de uma pesquisa de campo e teve como principal objetivo contribuir, de forma significativa, através da Educação, com a sustentação da memória da cultura popular local. Neste caso, o folclore trazido por africanos escravizados no Brasil, enquanto marca de identidade da

população do Bairro Santo Antônio, comunidade que fica na região sudeste do Brasil. Como principais conclusões, o autor aponta que houve uma boa aceitação da proposta de ensino/aprendizagem sobre o jongo na comunidade, mas que alguns grupos de crianças e adolescentes não demonstraram muito interesse pelo jongo. Portanto, o autor destaca que houve mudanças, principalmente, em relação a aceitação, mas que ainda há um longo caminho para que visões preconceituosas em relação ao jongo sejam superadas pela comunidade, majoritariamente protestante.

Embora nenhum dos artigos da revista se refira ao maracatu, pelo que se verifica na pesquisa, chamam-nos atenção o interesse em evidenciar os pontos de ligação entre o aspecto cultural e a construção de identidades de jovens. Considerando os processos educativos e constitutivos de identidades em gênero musical ou de dança como é o caso do hip hop apresentado por Benjamim de Paula (2011) como um dos mais importantes movimentos de construção e autoafirmação da identidade negra juvenil na sociedade brasileira

O mapeamento realizado na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) considerou os trabalhos publicados no período de 2013 a 2018, inserindo nos campos de busca as palavras-chave: Maracatu, jovens, processos educativos e identidades. Nenhum registro foi encontrado ao utilizarmos as quatro palavras-chave, sendo necessário alternar a combinação das palavras para obter tais resultados: No emprego das palavras-chave “Maracatu, jovens e processos educativos” foi encontrado apenas 1 registro; no emprego das palavras “Maracatu, jovens e identidades” foram encontrados 2 registros; Ao utilizar as palavras “Maracatu e jovens” foram encontrados 2 registros; com “Maracatu e identidades”, 9 registros; e com as palavras: “Maracatu e processos educativos”, apenas 1 registro. Ao todo foram 15 trabalhos encontrados, entre teses e dissertações, dentro os quais 5 (apresentados a seguir) se aproximam mais do campo da pesquisa que está sendo desenvolvida.

Nesse sentido, esses 5 trabalhos entre tese e dissertações selecionados na pesquisa da BDTD estabelecem uma relação entre o maracatu nação e os processos educativos que o permeiam. As investigações buscam interpretar a dimensão educativa dentro e fora do âmbito escolar e a afirmação da cultura popular considerando o contexto local que é produtor de conhecimento e de identidades.

Vale ressaltar, a ênfase na discussão acerca da manifestação cultural que é o maracatu nação de forma ampliada. Valorizando e respeitando as vivências e experiências concretas dos sujeitos envolvidos e as diversas representações simbólicas envolvendo todo um contexto histórico e social que perpassa pelas relações complexas de sociabilidade dentro dos grupos de maracatu de forma explícita e implícita.

Nesse sentido, chamamos atenção para a dissertação de Anderson Pereira Ramalho e a tese de Margarete de Souza Conrado. Destacamos esses dois trabalhos pelo fato de além de serem pertinentes referências para a discussão aqui proposta, a dissertação⁴⁵ de Anderson Pereira Ramalho faz parte do PPGECI-UFRPE/Fundaj, na linha de pesquisa 1: Movimentos Sociais, Práticas educativo-culturais e identidades mesmo programa e mesma linha de pesquisa em que se insere a proponente do projeto ora percorrido. Ramalho (2016), discorre sobre a importância cultural e potencialidade pedagógica dos maracatus nação ou de baque virado

[...] negligenciado por boa parte da mídia e da sociedade do Estado em épocas passadas, por se tratar de uma expressão da cultura popular de herança africana, e por ter forte relação com as religiões dessa matriz, composta por grupos marginalizados pelo contexto social e eurocêntrico, formalizado em Pernambuco há séculos por suas elites (RAMALHO, 2016, p.18-19).

Nessa perspectiva a dissertação visou compreender dentro de um espaço escolar (uma escola pública localizada no Município de Jaboatão - PE) o potencial pedagógico do Maracatu de Baque Virado, a partir da experiência do Mais Educação. Contribuindo assim, com a possibilidade de consonância entre as práticas pedagógicas escolares e não escolares a partir de relações socioculturais.

No que se refere a tese de Margarete Conrado⁴⁶ esteve presente também no levantamento bibliográfico realizado no banco de dados da CAPES, para compor o referencial teórico do trabalho monográfico de Tavares⁴⁷, do qual se desdobrou a atual proposta. Conrado (2013) objetivou compreender os percursos de vida como relações de tensão que se dão no cenário interpretativo dos cortejos de maracatus nação em Pernambuco, considerando esse espaço como uma complexa rede geradora de processos

⁴⁵Loas, tambores e gonguês: a interculturalidade do maracatu de baque virado pernambucano, na perspectiva de uma educação para a igualdade racial.

⁴⁶ Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de maracatu.

⁴⁷ Ver tavares, maria cristina (2018, p.22-23).

formativos éticos, estéticos e educativos construídos a partir da convivência comunitária. Sendo o objeto central da tese o estudo das narrativas simbólicas de ancestralidade africana evidenciadas nos cortejos do maracatu, a partir da personagem da Dama do Paço e do elemento simbólico da Calunga. Inserindo o entendimento de educação à concepção de pensamento-ação, incorporado pelo corpo calungueiro que traz a esse processo a força do elemento simbólico enraizado à sua ancestralidade e suas visões de mundo.

Compreende-se então a pertinência desses dois trabalhos em específico pelas aproximações com o tema e objeto de estudo a que nos propomos. Salientando os processos educativos arraigados as simbologias do maracatu nação, articulando elementos culturais e processos de ensino e de aprendizagem inerentes a contextos sociais.

A dissertação de Mariana Alcântara é intitulada *A construção de uma identidade cultural: Dona Santa rainha do maracatu* e foi publicada na BDTD em 2018. A pesquisa teve como objetivo geral analisar o papel de protagonismo cultural de Maria Júlia do Nascimento, mais conhecida como Dona Santa, que viveu entre os anos de 1877 e 1962, em Recife, Pernambuco. De acordo com a autora, a partir da pesquisa, foi possível constatar que as representações sobre Dona Santa revelaram o seu papel protagonista quando havia o debate no meio da cultura afro-brasileira de Recife, acerca do que seria elencado como tradicional e regional. Alcântara conclui que a memória de Dona Santa é cultivada, guardada e (re) elaborada em Pernambuco como uma das mais importantes rainhas de maracatu nação.

O trabalho de Anderson Pereira Ramalho tem como título *Loas, tambores e gonguês: a interculturalidade do pernambucano, na perspectiva de uma educação para a igualdade racial*, foi publicada em 2016. Trata-se de uma dissertação do mestrado do Programa de Pós-graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades- Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. O objetivo principal do trabalho foi compreender o potencial pedagógico do Maracatu de Baque Virado, a partir da experiência do Mais Educação. Os principais resultados da pesquisa de Ramalho indicam a falta informação para os professores implementarem a Lei 10.639/03 em suas práticas. O autor destaca ainda como conclusão que o maracatu de baque virado, ou

nação, atrai e aproxima os jovens para uma busca sobre suas africanidades, a partir da música, das loas, tambores e gonguês.

A tese de Cleison Leite Ferreira recebeu como título *A geografia do Maracatu-Nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo*, e foi publicada na BDTD em 2016. O objetivo da pesquisa foi apresentar a geografia do Maracatu-Nação e identificar e analisar as dinâmicas espaciais envolvidas na formação de grupos de maracatu no Brasil e no mundo. As principais conclusões do autor a partir da pesquisa indicam que como manifestação cultural o Maracatu-nação tem sido reproduzido de forma incompleta e tendo pouca relação com o seu território de origem, apesar do processo de globalização e tentativa de padronização cultural. O autor também aponta que as mudanças nos Maracatus-Nação pernambucanos indicam reinvenção das tradições, como forma de resistência e de continuidade de suas práticas.

A tese de doutorado de Margarete de Souza Conrado tem como título *Percursos de resistência e aprendizagem nos cortejos de Maracatu* e foi publicada em 2013. A pesquisa teve inspiração etnográfica e se propôs a compreender os percursos de vida como relações de tensão que se dão no cenário interpretativo dos cortejos de Maracatu Nação em Pernambuco. A autora entende esse espaço como uma complexa rede geradora de processos formativos éticos, estéticos e educativos construídos a partir da convivência comunitária. Como principais apontamentos da pesquisa, Conrado destaca as formas educativas de viver e brincar no maracatu, e a compreensão do corpo calungueiro como um contexto de educação para a vida e comunidade que opera saberes e materializa um percurso de resistência cultural, por meio do cortejo, ampliando a luta por significados.

O trabalho de Walter Ferreira de França Filho tem como título *Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990*, e é uma dissertação do mestrado em História, publicada em 2016. A pesquisa teve como principal objetivo compreender o processo de produção de uma efervescência cultural através da atuação dos maracatuzeiros, grupos percussivos e movimento Mangubeat, durante a década de 1990. O autor utilizou como ponto de partida para a discussão o movimento Mangubeat justificando que uma bibliografia atribui a este movimento a responsabilidade pela aspiração da classe média a participar

de grupos de cultura popular, especialmente o Maracatu-Nação. França Filho conclui que a utilização de tambores em manifestações culturais não surgiu com o movimento mangue beat, mas sim como resultado de um processo mais abrangente, que inclui a atuação dos grupos percussivos, do movimento negro e das periferias.

O estado da arte realizado na ABPN e na BDTD, possibilitou-nos refletir sobre caminhos teóricos escolhidos a priori para respaldar esse trabalho, desenvolvido no campo da interrelação de educação, culturas e identidades. Considerando a amplitude desse campo, chamou-nos atenção, a escassez de trabalhos que perpassassem pelo objeto de estudo Maracatu na Revista ABPN, refletimos então, na necessidade de desenvolvimento epistemológico nessa temática. Visto que o principal objetivo da Revista da ABPN é dar visibilidade ao debate sobre as relações raciais, esse debate está intrinsecamente ligado as dimensões étnicas, culturais que envolvem simbologias, ancestralidade e resistência do povo negro, elementos centrais dos maracatus nação.

Percebe-se também que nos trabalhos selecionados da BDTD, nenhum apresenta uma relação direta com o objeto e objetivo desse projeto, no que se refere aos processos de construção de identidades negras do público juvenil participantes do maracatu nação almirante do forte. Desse modo, pode-se salientar a relevância social desse debate no âmbito acadêmico e não acadêmico, no que se refere a educação em outros espaços de sociabilidade e as diferentes formas de construção de conhecimento.

Contudo, o estado da arte auxiliou na validação da escolha de alguns autores que compõem nosso referencial teórico, bem como, aponta outros autores que de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, contribuíram com uma discussão mais aprofundada.

3.3. Redesenhando a pesquisa: caminhos percorridos até o delineamento do objeto de investigação.

Antes de explicitar a metodologia quanto teoria de abordagem e instrumentos operacionais para a sistematização das técnicas que viabilizaram a investigação científica, apresentaremos o caminho que a presente investigação percorreu.

Na disciplina de *Abordagens Metodológicas Interdisciplinares* (componente curricular do PPGECI) foi realizada uma pesquisa exploratória visando a preparação da produção do projeto de pesquisa, aproximação com o campo de pesquisa e uma melhor

compreensão do tema e do objeto a ser pesquisado. Minayo (2016) afirma que a fase exploratória na pesquisa qualitativa é imprescindível para: definir e delimitar o objeto, desenvolvê-lo teórica e metodologicamente, gerar alguns pressupostos iniciais, escolher os instrumento e técnicas para construção dos dados como também escolher o lócus da pesquisa.

Nesse trabalho, o *locus*, a Sede do Maracatu Nação Almirante do Forte já estava definido devido o trabalho de conclusão do curso de Pedagogia ter sido desenvolvido no mesmo, emergindo desdobramentos que a princípio já haviam sido delineados no projeto que foi submetido na seleção desse mestrado. Mas a reaproximação com o grupo se fazia necessária, pois não se pode ter certeza se a relação de diálogo e troca de saberes para a construção de uma nova pesquisa continua estabelecida. Se os interlocutores continuam solícitos em disponibilizar seu tempo, suas falas, (no caso do Almirante) sua família, sua casa. Outro aspecto importante da fase exploratória, especificamente na fase de campo é a oportunidade que a/o pesquisadora/o tem de confirmar ou refutar os pressupostos iniciais e suas propostas teóricas.

Minha ida na sede do maracatu, foi no dia 19 de maio de 2018, tendo como motivo principal para reaproximação com o grupo, a devolutiva do trabalho realizado, que só foi possível, graças a autorização e acolhida do Diretor e Mestre e a todas e todos que contribuíram com suas narrativas. Entreguei, como havia prometido, uma cópia da monografia para compor o arquivo de registros do Almirante. Na ocasião, conversei com algumas pessoas da comunidade, que eu já conhecia, sobre as escolas em torno da sede, sondando sobre proximidade, nível de ensino. Pois até essa fase, o projeto para esse trabalho, tinha outro objetivo. Conversei com o Mestre e Diretor do Almirante e com seu filho, vice-diretor sobre o atual projeto que iria compor a pesquisa no mestrado. Mais uma vez fui acolhida e autorizada a construir junto com eles o novo trabalho.

Porém, na medida que foi avançando as discussões nas disciplinas do semestre e o diálogo nas orientações, fui me inquietando e me questionando acerca da problematização que pretendia propor, quanto a dimensão dos pressupostos iniciais. Tendo em vista que durante minha graduação no Curso de Pedagogia, meu olhar sempre se direcionou mais para a atuação da (o) Pedagoga (o) na educação não escolarizada, não encontrava sintonia com a pesquisa que pretendia realizar.

A retomada ao campo no segundo semestre de 2018, para observações, conduziu a um novo redirecionamento. Questões muito particulares no grupo foram emergindo, questões não percebidas antes. Havia algo de diferente no maracatu que eu ou que os meus olhos não haviam registrado antes. Não era na reciprocidade comigo, na atenção, no som das alfaias, nas loas tocadas. Mas, algo nas peculiaridades inerentes às relações humanas que são parte da realidade social. E outra possibilidade de um novo projeto começou a surgir...em meio a essa percepção e novas discussões teóricas, o projeto foi redesenhado. Não teria mais relação com escolas, com a educação escolarizada, pois como em um ambiente cultural, permeado de simbologias e ancestralidade, profícuo a diversos aprendizados, com tensões, conflitos, silêncios também intrínsecos ao processo educativo e as aprendizagens não bastava como reflexão, construção e compreensão investigativa?

Assim, o desenho final desse projeto foi definido com o **TEMA:** Os jovens e os processos educativos e culturais no maracatu Nação Almirante do Forte. **OBJETO:** O Maracatu Nação Almirante do Forte e os processos de construção de identidades: Novos desenhos juvenis de produção de identidades e **PROBLEMA:** O que dizem os jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte sobre os processos educativos e produção de identidades negras vivenciadas no grupo? Desse modo, chegamos ao **OBJETIVO GERAL:** Compreender a relação dos processos educativos culturais na construção das identidades negras dos(as) jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte e **OBJETIVOS ESPECÍFICOS:** a) Identificar as especificidades das atividades educativas culturais do Maracatu Almirante do Forte; b) Inter-relacionar as atividades educativas culturais à formação identitária dos(as) jovens do Maracatu; c) Analisar a configuração de novos desenhos juvenis na produção de identidades negras nos processos educativos desenvolvidos no **M. N. A. F.** Configurando esse novo desenho no título: **Os Jovens e o Maracatu Nação Almirante do Forte: Interfaces entre os processos educativos culturais e produção de identidades.**

Seguindo a dança das baianas de cordão, discorreremos a seguir sobre a metodologia que norteou o caminho buscando compreender a relação dos processos educativos culturais na construção das identidades negras dos/as jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte.

3.4. Olhares e diálogos no caminho metodológico

A metodologia conforme afirma Minayo (2016), “é o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”. Entendemos assim que a metodologia inclui o método (teoria da abordagem, os instrumentos operacionais para a sistematização das abordagens (as técnicas) como também a criatividade de quem pesquisa.

Nessa pesquisa de abordagem qualitativa, podemos apontar como uma das características: “A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como sua fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal instrumento” (BOGDAN; BIKLEN, 1982 apud. LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.11). Isso implica dizer que se faz necessário o contato direto do pesquisador por meio do trabalho de campo, com o lócus a ser investigado, de forma dinâmica com o processo de realização da investigação. Assim, sendo, buscou-se realizar a construção de dados durante o processo investigativo, nessa perspectiva de abordagem qualitativa.

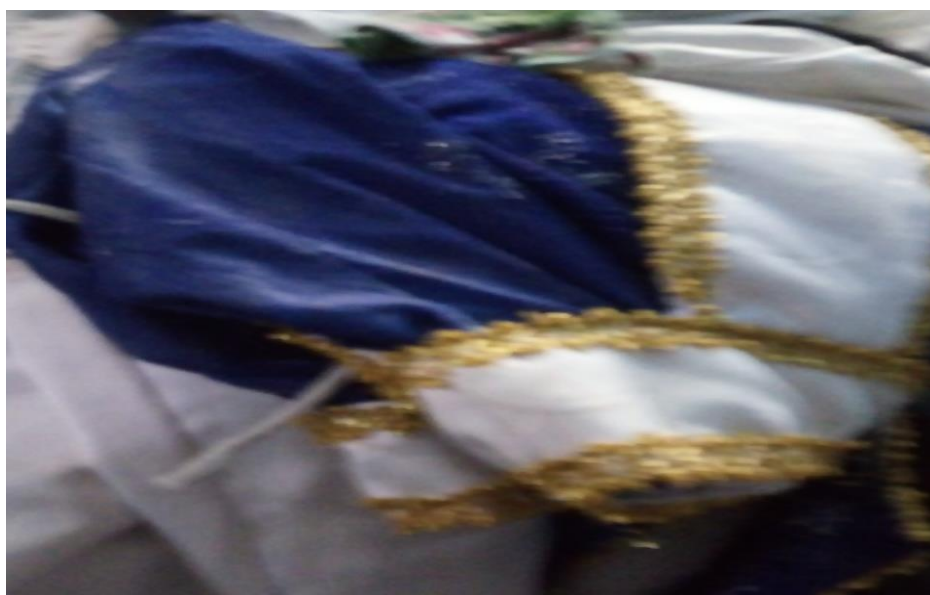
Quanto ao **Método**, se caracteriza um **Estudo de Caso**. “Os estudos de caso enfatizam a interpretação em contexto” (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p.18), visando a descoberta. Mesmo quando o pesquisador parte de alguns pressupostos teóricos iniciais, inerentes à investigação, a atenção a novos elementos que possam emergir deve ser constante. Pois, segundo as autoras, os estudos de caso possibilitam sucessivas descobertas durante a pesquisa. Nesse tipo de estudo, um princípio básico para uma apreensão mais completa do objeto é levar em consideração o contexto em que o objeto se insere de forma global buscando informações relevantes que junto a outros dados, essas informações possam corroborar, confrontar ou serem negadas.

Na trilha desse pensamento, compreendemos como sendo de inteira importância os aspectos sócios econômicos e culturais que permeiam o objeto de pesquisa. Bem como, os aspectos relacionais que emergem nos ambientes sociais com as interações interpessoais. Assim, o “desenrolar” da pesquisa fomentou novos elementos, possibilitando-nos reconhecer que o conhecimento não é algo acabado, mas sim, segundo as autoras, uma construção que se faz e refaz constantemente. Trabalhamos com um conjunto de pesquisa que foram emergindo no processo de aproximação com o campo. Utilizamos: **observação de campo**, **análise documental** desde o release às leituras do CONJUVE e do Estatuto da Juventude e **entrevistas narrativas** com o

Mestre, o contramestre do Almirante do Forte, principais responsáveis pelas atividades desenvolvidas e com jovens participantes do maracatu. As visitas ao universo da pesquisa, foram iniciadas no primeiro semestre de 2018(fase exploratória da pesquisa) para reaproximação com o grupo e solicitação de autorização para realização de um novo trabalho. Posteriormente, ainda em 2018, no segundo semestre, estive na sede do maracatu para dar início as observações com foco ainda na primeira proposta de investigação, já mencionada acima, na parte de “Redesenhando a pesquisa” que apresenta o início do caminho percorrido.

Ao darmos início as observações para a presente pesquisa em 5 de janeiro de 2019, a sede estava com muita efervescência nos preparativos para o carnaval que se aproximava. Havia peças dos figurinos em vários cantos da sede, para serem lavadas, vistoriadas e consertadas ou remodeladas.

Figura 7 - Peça do figurino do Almirante (arquivo da pesquisadora), 05 de janeiro de 2019



A escassez de verba para suprir as necessidades de um grupo, que só no batuque, tem mais de setenta componentes, requer uma força tarefa, um “jogo de cintura” dos idealizadores, responsáveis e principais condutores que atravessando gerações com muita força e determinação dão continuidade a essa manifestação cultural cujo legado é a resistência.

Cheguei na sede às 14:00h, fui mais cedo nesse dia porque havia marcado as entrevistas com o mestre Teté e se desse tempo, entrevistava o seu filho, o contramestre. Ao chegar, fui recebida pela esposa do mestre que é sempre muito atenciosa, ela fica sentada numa cadeira na entrada do salão onde acontece os ensaios, essa entrada é também a entrada da residência da família que vai dar direto na sala. Duas senhoras também estavam sentadas na frente conversando com a esposa do mestre, alguns homens próximos e crianças brincando, mas nenhuma dessas pessoas participavam do maracatu. O mestre estava no salão verificando as peças de roupas que estavam expostas, me chamou, explicou o que seria feito com as roupas e com alegria disse que começaríamos a entrevista às 14:30, o ensaio começaria às 18h.

Antes de terminar a entrevista com o mestre, seu filho chegou com a esposa e suas duas filhas. Terminei a entrevista com o mestre, fiz algumas anotações e iniciei a entrevista com o contramestre que se mostrou bastante solícito para a realização da mesma. Aproximadamente às 17h, começaram a chegar os primeiros integrantes para o ensaio, três garotos, pouco tempo depois chegou um jovem de 22 anos, todos batuqueiros.

Quando encerrei as entrevistas, me aproximei desses quatro batuqueiros para conversar e sondar a possibilidade de serem interlocutores ou de indicação de outros. Foi nesse momento que fiquei sabendo a idade deles e que a irmã de um dos adolescentes, algumas vezes saiu de baiana e tinha 18 anos de idade. O irmão do outro adolescente também de 18 anos, saía como batuqueiro, mas não era com frequência. O jovem de 22 anos, se mostrava tímido, ao me aproximar dele, perguntou-me detalhes sobre a pesquisa e disse que iria pensar sobre participar ou não, pois não gostava muito de falar, principalmente sendo gravado. Expliquei para ele do que se tratava a pesquisa, a responsabilidade em manter o anonimato e que eu iria passar um tempo frequentando, acompanhando os ensaios, assim se ele sentisse vontade de ser um voluntário, falasse comigo.

O ensaio iniciou às 18h, apenas com 10 integrantes, contando com o mestre e o contramestre. Na ocasião, Toinho, o contramestre e mestre do apito, apresentou uma loa criada por ele, a loa apresentava na sua letra o que ele representa no almirante. Ele me pediu para escrever a letra para ele não esquecer, a loa dizia assim...

Cheguei, cheguei, cheguei de mansinho

O nome do contramestre tem o nome de Toinho

Cheguei, cheguei, cheguei pra ver como é que é

O mestre do almirante tem o nome de Teté.

Durante o ensaio rapidamente foi criada a melodia percussiva para a nova loa que foi bem aceita por todos os participantes presentes.

Figura 8 – Mestre Teté e contramestre Toinho na ocasião do ensaio/sede



Cheguei, cheguei de mansinho no almirante durante o mês de janeiro, indo seguidamente todos os sábados, os ensaios continuaram durante todo o mês com pouca participação. No sábado 19 de janeiro, cheguei na sede as 15:30h, o mestre me falou que não estava muito bem de saúde, a pressão arterial estava um pouco alta devido a preocupação com questões financeiras do maracatu como: roupas para os participantes saírem, confecção das camisas e outras questões, preocupava-se também com um problema pessoal. Na frente da sede, sempre com pessoas sentadas, tanto da família do mestre(esposa, filhas, filhos, netos/as, nora) como pessoas da comunidade, vizinhos, amigos, sempre estão no movimento de entra e sai da casa sede.

A dama do paço que carrega a Calunga Menininha, chegou e foi conversar com o mestre, o movimento na rua foi aumentando e começaram a montar um equipamento de som bem próximo da sede, procurei saber se o ensaio seria na rua e o mestre me

informou que não teria ensaio porque haveria no mesmo horário que seria o ensaio, um bingo organizado por um time de “pelada” da comunidade. Dois netos do mestre, estavam na organização do bingo, a movimentação foi aumentando dentro e fora da sede, compra de cartelas, ajustes no som e muita conversa aleatória. Alguns integrantes do maracatu de outras comunidades chegaram para o ensaio, mas logo se envolveram com o bingo também. Fiquei observando toda aquela movimentação diferenciada, conversando com algumas pessoas na frente da casa, esperei o início do bingo e saí do campo as 19h.

No mês de fevereiro de 2019, mais próximo do Carnaval, foi se intensificando a participação nos ensaios e conseqüentemente, ampliando a possibilidade de aproximação com possíveis interlocutores da pesquisa. Em um dos ensaios, estavam presentes um casal que veio da Inglaterra só para sair no almirante, já saíram outras vezes e o mestre Teté já viajou para a Inglaterra a convite deles, a moça tem na Inglaterra um grupo de maracatu mirim e o mestre foi contribuir com o grupo, com sua vasta bagagem de saberes e experiências. Quanto mais próximo do carnaval ficava, mais pessoas chegavam para os ensaios. Crianças, jovens, adultos, de dentro da comunidade, de comunidades vizinhas, de comunidades mais distantes. Todos/as que tocam algum instrumento percussivo, os ensaios são direcionados aos batuqueiros(as).

O foco de observação nas abordagens qualitativas de pesquisa a depender do propósito do estudo, busca manter uma perspectiva de totalidade, sem desviar-se dos focos de interesse. Ludke e André (1986), chama atenção para a percepção em torno de alguns aspectos no ambiente onde está sendo feita a observação, como objetos, materiais expostos, podem ser elementos importantes a ser registrados, podendo contribuir com as análises dos dados coletados.

Desse modo, consideramos pertinente os registros não só dos elementos característicos do maracatu, mas, também o registro de outros objetos que se inserem ao cenário visual do ambiente, nesse caso, a casa/sede do Almirante. Um rádio com uma bíblia em cima, ligado em programa evangélico, fica logo na entrada do salão onde acontecem os ensaios do almirante e onde estão os instrumentos musicais utilizados no maracatu e peças que fazem parte do acervo histórico do maracatu.

Figura 9 – Rádio ligado na entrada da sede



O rádio só é desligado minutos antes de começar o ensaio, mesmo com toda movimentação no ambiente. Conversas, afinação das alaias, visitas de pessoas de outras nações de maracatu, o rádio está lá transmitindo as mensagens evangélicas, tocando os hinos ou louvores, como é mais chamado atualmente. Conforme já mencionado no primeiro capítulo que apresentamos o lócus da pesquisa, a esposa do mestre, a maioria dos filhos e filhas, netos e netas, são evangélicos. Fato que justifica a presença do rádio na entrada da casa, uma vez que nessa casa reside a família do mestre, com toda heterogeneidade de relações inerente a toda família comum, inserida em uma sociedade de pluralidade cultural e religiosa. Porém, algumas dessas pessoas da família, antes de aderirem a religião evangélica, participavam do maracatu. Uma das filhas inclusive, saía como princesa, um dos filhos e netos eram batuqueiros.

O mesmo acontece com alguns jovens da comunidade que não participa mais do maracatu por ter se tornado “crente”(como comumente falam). Um desses jovens, certo dia de observação, visitou a sede no momento em que alguns garotos começavam a afinar suas alaias, ouvi quando um garoto perguntou pra ele se iria tocar e ele respondeu que já tinha feito sua escolha, iria tocar só na igreja.

Em meio a esse contexto de relações e tensões que se dão no cenário do lócus desta pesquisa, no período de 05 de janeiro de 2019 a ⁴⁸29 de fevereiro de 2020, foram realizadas vinte e duas (22) visitas ao universo da pesquisa para realização do presente trabalho. Essas visitas incluem: entrega do Termo de Livre Consentimento e Esclarecimento (TLCE), dezesseis (16) observações. Sete (07) dessas observações ocorreram na sede no período de 05 de janeiro a 21 de fevereiro de 2019 e nove (09), no período de outubro de 2019 a janeiro de 2020. O intervalo de seis meses entre fevereiro e outubro de 2019, para o retorno dos ensaios na sede se dá por após o carnaval, tanto a diretoria quanto todos(as) participantes terem um tempo para descansarem e a maioria, seguir priorizando suas atividades de estudo, trabalho ou outras ações. Destacamos nessas observações, além das descritas acima, dois ensaios do *Tumaraca* na sede do Almirante, um em 21 de fevereiro de 2019 e o outro em 06 de março de 2020.

Figura 10 – Divulgação do ensaio Tumaraca na sede do almirante



⁴⁸ Nessa data 29 de fevereiro de 2020, a coleta dos dados já havia sido concluída. A visita foi a convite do Mestre Teté para comemoração do título de 2º lugar que o Almirante do Forte havia conquistado no desfile das agremiações e a subida para o grupo especial.

Outro destaque das observações foi a que ocorreu no ambiente externo, fora da sede da nação almirante do forte, na “⁴⁹Noite dos Tambores Silenciosos” em 04 de março de 2019, no Pátio do Terço, bairro de São José, Recife.

Figura 11 – Noite dos Tambores Silenciosos- Bairro São José/Recife



Com vistas no foco das observações e o propósito do estudo traçado, consideramos importante e significativa a observação da apresentação do maracatu fora de sua sede, na noite dos tambores silenciosos, principalmente pelo significado da cerimônia para essa manifestação cultural afro-brasileira. Esse deslocamento, indica uma estratégia metodológica fundamental para olhar o objeto de várias perspectivas. Outra estratégia metodológica, de acordo com Bogdan e Biklen (1982, *apud*. ANDRÉ; LUDKE, 1986) é que o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva.

Essa parte descritiva é composta por registros do que foi observado no campo, visando uma melhor compreensão dos dados e conseqüentemente uma análise mais

⁴⁹ Cerimônia de origem africana que reúne nações de maracatus de baque virado com a finalidade de reverenciar os ancestrais africanos que sofreram na época da escravidão no Brasil colônia. Disponível em: basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=198. Acesso em janeiro de 2021.

completa. Porém, o tipo de material que vai ser utilizado para as anotações, fica a critério do observador (a), nesse entendimento, foi utilizado como aporte o diário de campo para os registros escritos, roteiro de observação, roteiro de entrevistas. Outro instrumento utilizado foi o celular, tanto para filmar, fotografar, quanto para gravação das entrevistas. Vale ressaltar que nem sempre é possível conciliar as observações, registros fotográficos e anotações ao mesmo tempo. Portanto, muitas anotações, foram escritas ao sair do campo e alguns desses registros e anotações, embasam as descrições apresentadas no presente trabalho.

A utilização da **Entrevista narrativa (EN)**, teve embasamento nos pressupostos de Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer, por ser uma ferramenta não estruturada, que visa a profundidade e descoberta de aspectos específicos. “Comunidades, grupos sociais, contam histórias com palavras e sentidos que são específicos a sua experiência e ao seu modo de vida” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p.91).

Como se trata de um estudo de caso e com foco no processo de construção de identidade negra de jovens, a partir de elementos da expressão da cultura popular que é o maracatu, percebemos nessa ferramenta potencialidade de compreensão do fenômeno que inclui subjetividades e singularidades, inerentes a pesquisa de abordagem qualitativa. Considerando com base nesse procedimento, a ideia de reconstruir acontecimentos sociais, a partir do ponto de vista dos interlocutores, não como uma simples listagem de acontecimentos, mas, sim, como uma possibilidade de ligar os acontecimentos tanto no tempo, quanto nos sentidos, de cada interlocutor frente a sua realidade.

A maneira como esses acontecimentos são contados, permitem a operação de sentido do enredo. “É o enredo que dá coerência e sentido à narrativa, bem como fornece o contexto em que nós entendemos cada um dos acontecimentos, descrições, objetivos, e relações que geralmente constituem a história” (JOVCHELOVITCH e BAUER, 2002, p.92). O enredo estrutura e configura vários acontecimentos numa narrativa, ele especifica o espaço de tempo que marca o início e o final da história. Embora seja oportuno salientar, segundo os autores, que os sentidos produzidos nas narrativas não aparecem só no final, eles permeiam toda a história.

A perspectiva da **Entrevista Narrativa (EN)**, se constitui numa versão menos imposta, substitui o esquema pergunta-resposta que define a maioria das entrevistas, o

pressuposto é que o interlocutor ao narrar sua história de forma mais espontânea, usando sua linguagem própria, traga mais elementos para a narração dos acontecimentos. Assim, a preparação do roteiro para a EN deve conter blocos com questões **EXMANENTES**, que são as questões centrais da pesquisa de acordo com o tema da pesquisa e dos objetivos traçados. Essas questões exmanentes devem ser transformadas em questões **IMANENTES**, são temas e tópicos trazidos pelo informante(entrevistado) que podem ou não coincidir com as questões exmanentes, ou seja, com as questões centrais. O tópico inicial é fundante para deslanchar o processo de narração, para ir adiante com a história. Nesse sentido, o tópico inicial necessita ser suficiente amplo para permitir ao entrevistado desenvolver uma história que a partir de situações iniciais leve a situação atual dentro do foco da investigação.

Apoiados nessa técnica de construção dos dados, elaboramos um ⁵⁰roteiro de Entrevista Narrativa respeitando as regras de sua aplicabilidade e seus diferentes passos.

Tivemos sete (7) **interlocutores/as** para as EN, sendo dois interlocutores secundários (o diretor e Mestre do maracatu e o Vice-diretor) e cinco (5) interlocutores/as, jovens. A escolha desses interlocutores secundários se deu por considerarmos pertinente as suas narrativas em relação a como se viam no maracatu quando eram jovens e como veem os jovens hoje, que participam do Almirante do forte. E assim poderemos perceber as interpretações por eles feitas, quanto ao grupo jovem inserido no almirante na atualidade.

Os critérios para escolha dos (das) jovens foi composta da seguinte forma:

- Três jovens da comunidade do Bongí onde está localizada a nação e três de comunidades vizinhas ou distantes
- Os/as jovens fossem negros
- Idade entre 15 e 29 anos
- Três homens e três mulheres

Consideramos os critérios de escolha explicitados pertinentes a investigação da temática. Quanto a abordagem de jovens da comunidade e de comunidades outras, foi por compreendermos que na construção de identidades na perspectiva do sujeito sociológico, a interação social é relevante a construção e reconstrução identitária.

Pensamos também em jovens que desempenhassem diferentes atuações dentro do maracatu, que não fossem todos/as do grupo percussivo. Tarefa difícil, porque nos

⁵⁰ Ver Apêndice

ensaios, a frequência marcante é do grupo percussivo, batuqueiros e batuqueiras que tocam diferentes instrumentos.

Havíamos estabelecido para colaborarem com suas narrativas para a construção do trabalho, um grupo de seis (6) jovens. Aproveitamos as observações do período que antecede o carnaval para aproximação com os jovens integrantes do maracatu e perceber de acordo com os critérios estabelecidos, os possíveis interlocutores da pesquisa. Durante as visitas e observações, seis jovens se dispuseram a colaborar com suas narrativas. Foi aplicado o roteiro de entrevista pré-teste com dois jovens e houve conversa informal com os outros quatro. Ficando acordado que as entrevistas definitivas com a autorização formalizada no TLCE, seriam após o carnaval. No percurso da pesquisa, dois jovens por motivos pessoais desistiram, ficando com quatro interlocutores/as jovens.

Ainda que na fase inicial deste estudo a negritude tenha sido definida como critério de escolha dos sujeitos, os desdobramentos ao longo da pesquisa levaram a outro caminho. Entrevistamos uma jovem integrante do almirante do forte, que em parte se diferencia dos/as outros/as jovens pelo fato de não ser negra.

Ao compreendermos a juventude como sendo uma construção social, pensarmos quem são os/as jovens inseridos no M. N. A. F., optamos pela inserção da escuta de uma jovem branca neste estudo, totalizando cinco(5) jovens entrevistados(as). Os marcadores sociais que coloca essa referida jovem em um lugar socialmente privilegiado, haja visto a sociedade racista em que vivemos, nos instiga a ampliar nosso olhar para a interseccionalidade existente entre as questões de gênero, raça e classe. Consideramos necessário se pensar nos atravessamentos de diferentes marcadores identitários por meio da escuta de diferentes interlocutores e de como esses interlocutores dialogam e interagem no grupo.

As **categorias de análise** foram norteadas a partir dos objetivos da pesquisa, pela compreensão teórica, bem como, com as observações durante a vivência no campo e escuta das entrevistas narrativas. Nesses termos, algumas categorias emergiram para a organização e análise dos dados na dimensão do maracatu: **juventude, identidades negras; processos educativos, cultura, interação, sociabilidade, relações raciais e gênero.**

O caminho para a análise desses eixos discursivos quanto categorias estabelecidas foi por meio da **análise interpretativa**, ancorada nos pressupostos de

Romeu Gomes (2016) e lançando mão da Antropologia interpretativa de Clifford Geertz (1978) considerado o fundador da Antropologia Interpretativa.

Na pesquisa qualitativa a interpretação assume um foco central, pois “é o ponto de partida (porque se inicia com as próprias interpretações dos atores) e é o ponto de chegada (porque é a interpretação das interpretações)” (GOMES *et al*, 2005). Essa proposta de análise Gomes (2016) denomina Método de Interpretação dos Sentidos baseando-se em princípios das correntes compreensivas das ciências sociais. Dentro dessa perspectiva, o autor destaca duas concepções que ajudam a fundamentar esse método: a) A teoria da interpretação das culturas sistematizada por Clifford Geertz (1978) e b) O diálogo entre as concepções hermenêutico – dialéticos.

Para Geertz (1978) “A análise cultural é (ou deveria ser) uma adivinhação dos significados, uma avaliação das conjeturas, um traçar de conclusões explanatórias a partir das melhores conjeturas e não a descoberta do Continente dos Significados e o mapeamento das suas paisagens incorpórea”(GEERTZ, 1978,p. 30-31). Assim, analisar um aspecto cultural, implica na compreensão dos significados que só podem ser buscados na ação social, nos acontecimentos ou eventos dados em determinado lugar ou circunstâncias. Ou seja, no contexto em que a ação social ocorre.

Nessas circunstâncias, ainda sob a ótica Geertziana,

Os cientistas sociais subitamente se deram conta de que não precisam ser físicos ou inventar alguma outra esfera do ser que se transforme no objeto de suas investigações. [...] Muitos deles adotaram uma abordagem essencialmente hermenêutica [...] ou podemos dizer, “interpretativa” em suas tarefas.(GEERTZ, 1997, p.36).

Apesar do estudo de Geertz referir-se a etnografia, consideramos que descrever e analisar narrativas perpassa por uma dimensão interpretativa, visto que os pressupostos iniciais não são inteiramente novos. Surgem de outros pressupostos teórico e unem-se ao campo e ao problema a ser investigado, assim, novas compreensões emergem suscitando novas interpretações a partir das dimensões simbólicas nas relações sociais como é o caso da cultura e especificamente na expressão do maracatu.

Quanto a discussão hermenêutica e dialética como base para o método de interpretação de sentidos, Gomes (2016) ancorado em outros autores define a hermenêutica, segundo Bleicher (1980) como “teoria ou filosofia do sentido”, já Gadamer (1992) define como a “arte de compreender textos”. Continuando a discorrer a

cerca da discussão, Gomes (2016) aponta que Minayo (2002), “observa que o ato de compreender caminha na direção de interpretar e estabelecer relações para chegar a conclusões” (GOMES, 2016 p.89). A autora considera então que a hermenêutica, caminha entre aquilo que é familiar e o que é estranho, busca esclarecer as condições sob as quais surge a fala.

Nesse sentido, o autor considera que Minayo (2002) faz uma reflexão densa acerca do diálogo entre hermenêutica (compreensão) e dialética (crítica) e contribui com princípios que podem servir de baliza para a operacionalização do método de interpretação de sentidos.

Com base nos pressupostos de Gomes (2016), na perspectiva da interpretação da cultura e da concepção hermenêutica e dialética, no tratamento dos dados construídos durante esta pesquisa, utilizamos a interpretação de sentidos. Considerando a pertinência para a compreensão das narrativas dos interlocutores e das ações e relações dentro do maracatu nação almirante do forte.

Para analisarmos os dados e melhor compreendermos os sentidos das narrativas dos/as nossos/as interlocutores/as, organizamos as categorias de análise estabelecidas e apresentadas acima em três núcleos que serviram de base para a nossa interpretação:

NÚCLEOS:

- Juventude e identidades negras
- Processos educativos culturais
- Aspectos relacionais: interação, sociabilidade, relações raciais e de gênero.

Estabelecemos um diálogo entre esses três núcleos a partir das informações provenientes das narrativas, observações, documentos e referencial teórico, com base nos objetivos desse estudo.

No capítulo a seguir, apresentaremos os interlocutores, suas narrativas e as possíveis interpretações a partir da metodologia de análise utilizada, configurando assim, os resultados dessa pesquisa.

CAPÍTULO 4: OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA: MEMÓRIAS E SIMBOLOGIAS QUE CIRCULAM NA NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE

Teté tai, bate o bombo, bate o bombo, bate o bombo

Que Teté tai, o Almirante do Forte

Tocando tambor pra macumba subir.

(Loa Almirante do forte de autoria do Mestre Teté)

Seguindo o caminho descrito na metodologia, realizamos as entrevistas narrativas em dois momentos: primeiro com o diretor e Mestre do Almirante e o seu filho vice-diretor e contramestre(primeiros interlocutores). Posteriormente com cinco (05) jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte, seguindo dois roteiros de entrevistas diferentes.

4.1. Iniciando as entrevistas

No dia 05 de janeiro de 2019 na sede, um sábado à tarde na ocasião do ensaio do Almirante para as apresentações durante o carnaval, as entrevistas⁵¹ foram realizadas com os dois (mestre e contramestre) antes de começar o ensaio que se inicia as 18h. porém, eu costumava chegar bem mais cedo para as observações, é comum uma movimentação intensa na sede em dias de ensaio. Acreditamos que observar todo o contexto no qual se insere o objeto da pesquisa em diferentes momentos, é tarefa importante, não para codificar realidades abstratas, mas para “tornar possíveis descrições minuciosas” (GEERTZ, 1978, p.36). Possibilitando assim, nossas inferências, tomando o cuidado para não generalizar essas inferências e enquadrá-las a uma lei ordenadora, mas como nos alerta Geertz (1978) observar e inferir o conjunto de atos simbólicos que é intrínseco ao estudo da cultura.

O primeiro entrevistado foi o Mestre Teté: Antônio José da Silva Neto, 75 anos, aposentado e compositor, cantor e puxador das loas da Nação Almirante, atual diretor do maracatu. Antes de iniciar a gravação da entrevista, expliquei ao mestre que as narrativas iriam perpassar por suas memórias, ele iria relembrar um pouco da sua

⁵¹ Construímos previamente um roteiro de entrevistas que poderá ser visto nos apêndices desse projeto.

juventude, como ele se via no maracatu quando era jovem e como ele ver hoje os jovens que participam do maracatu.

O mestre iniciou sua narrativa de forma muito saudosa falando do tempo que era *menino* e que o maracatu era baque solto, era maracatu rural tinha poucas pessoas brincando. Nessa época segundo sua narrativa, quem tomava conta era seu pai. Mas o maracatu tinha muitos mestres. *Tinha mestre Zuca...meu pai..tinha mestre...tinha muitos mestres e eu ficava só tocando..cuíca, gonguê, ficava muito a vontade.* Continuou, sua fala lembrando que ele ficava com *um pessoal bem legal*, eram todos mais velhos do que ele, mas *muito legal*. Esse “legal” ao qual se referiu, pôde ser melhor compreendido quando ele explicou: *Era um pessoal que não tinha o pensamento que é agora[..] não tinha essa invasão de drogas. Tinha droga, maconha..., mas pouca... era meu pai, minha mãe, tia, tio, minha irmã...e aí a gente se dava melhor.*

Contar histórias de acordo com Jovchelovich e Bauer⁵² é uma forma elementar da comunicação humana. Nas entrevistas narrativas a pessoa lembra do que pode lembrar e alguns eventos são esquecidos. Um acontecimento pode ser narrado e traduzido tanto em termos gerais, quanto em termos indexados. “Indexados significa que a referência é feita a acontecimentos concretos em um lugar e em um tempo” (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2003, p.91). Entendemos o início da narrativa do mestre nesse caso, como um acontecimento concreto inserido em um determinado tempo e lugar. O mestre continua sua narrativa explicando:

Eu acho que naqueles tempos era melhor de brincar com o maracatu de baque solto... era pouca gente...umas 30/50 pessoas no máximo... Agora é tudo muito difícil, muita gente [...] só de alfaia 80, na corte, 22 pessoas, fora as meninas do abê, as baianas...os meninos...a gente tem que botar todo esse povo pra bater, todo esse povo pra tocar... um peso nas minhas costas...meu pai morreu, minha mãe morreu...(choro) foi a força do maracatu...(choro)(Mestre Teté, 05/01/2019)

Vê-se nessas narrativas fatos densamente entrelaçados, passado e presente dando enfoque ao lugar e ao tempo, motivando assim as possíveis interpretações simbólicas. O mestre teté, refere-se as lembranças de quando era jovem com muito saudosismo dos seus pais, dos antigos mestres, e de como ele “brincava no maracatu a vontade” não

⁵² Sandra Jovchelovitch & Martin W. Bauer- **Entrevistas narrativas in Pesquisa Qualitativa com Texto Imagem e Som**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

tinha o “peso nas costas” porque não era ele o responsável por toda estrutura do maracatu que por ser nação, o quantitativo de pessoas para compor o grupo é bem maior, do que o maracatu de baque solto, o maracatu rural. Então ele sente como um peso a responsabilidade que tem com o maracatu desde que seus pais faleceram (quando faleceram o maracatu já estava como baque virado, Nação). Por outro lado, encontra nesse maracatu a força necessária para dar continuidade ao legado da família. O almirante é uma herança cultural deixada pelos seus tios e seus pais.

Continuando a entrevista, pedi para que falasse de como ele vê hoje, os jovens que fazem parte do maracatu. Mais uma vez voltando a lembranças passadas o mestre voltou a falar na questão das drogas antes na sua juventude não era como atualmente e disse que mesmo com muita dificuldade mantém o maracatu porque é no maracatu que os “meninos” os jovens se envolvem e esquecem as drogas. Ressalta que *antes...* não tinha muitos *meninos* no Almirante, mas depois que foi Ponto de Cultura *eles se chegaram...* prossegue:

[...]eu vejo que muitos saíram das drogas...é um sofrer a mãe, o pai ver o filho nas drogas, eu trago pra tocar. Ver o filho... a polícia levar preso...(pausa) aí eu queria que esse maracatu[...]eu tinha um da família nas drogas, aí ele saiu das drogas...hoje ele é crente[...]antes eu não tinha compromisso com ninguém não. Enchia a cara de cachaça e pronto, mas agora... é uma batata quente...os jovens se envolvem mais aqui no maracatu, esquece as drogas[...]

Essa preocupação do mestre com os jovens em relação as drogas é reflexo do descompromisso do Estado no que diz respeito a uma política que invista efetivamente na garantia dos direitos da população Jovem. Uma política com ações articuladas com diferentes setores da sociedade civil e esferas governamentais buscando integração entre educação, saúde, emprego, cultura e lazer, ações integradas que dialoguem. O descompromisso por parte do poder público, abre um largo caminho de inserção as drogas para a juventude periférica, na sua maioria negra. É nesse caminho que muitos/as jovens acreditam está a saída para a superação da desigualdade social, discriminação e rejeição que historicamente sofrem.

O sentido que a narrativa do mestre apresenta é de angústia. Sentimento presente em muitos pais, mães, avós, famílias que frequentemente perdem precocemente seus filhos e filhas para a violência, vêm a vida dos/as filhos/as

interrompidas, seus direitos e sonhos encarcerados e /ou enterrados junto com seus corpos. Frente a essa realidade, o mestre vê o maracatu como potencialidade cultural na comunidade que busca o envolvimento dos/as jovens para afastá-los das drogas e violências, produto do descaso público. E esse é um dos principais motivos que move o mestre no “*compromisso*” que se refere.

Esse quadro nos leva a refletir sobre a ação da Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura (SPPC/MinC), implementando em 2004, o Programa Nacional de Cultura, Educação e Cidadania – Cultura Viva, iniciativa do então Ministro da Cultura Gilberto Gil. Uma proposta de ação governamental realizada de forma descentralizada na perspectiva de promoção a participação juvenil, incentivo as expressões culturais locais e articulação entre cultura e educação.

Desse programa nasceram os Pontos de Cultura recebendo recursos financeiros para dinamização das ações culturais, O maracatu Almirante do Forte como ponto de cultura dentro da comunidade exerce uma grande referência para os/as jovens e desempenha um papel de agente de integração social. Mas é preciso que haja uma política pública de Estado permanente, com investimento econômico e social regular e articulação com outras esferas da sociedade, para que os/as jovens das comunidades pobres não permaneçam na vulnerabilidade das drogas e violência. Uma política integral, que reconheça que há JUVENTUDES, e, portanto, singularidades que necessitam ações equânimes.

Continuando as entrevistas no dia 05 de janeiro, prosseguimos com o contramestre Toinho como é chamado pela comunidade Almirante, principalmente pelos jovens. Antônio Filho tem 41 anos, vice-diretor do Almirante, tem como profissão montador de automóvel. Iniciou no maracatu desde criança, acompanhou o crescimento do maracatu, lembra que na época era a única criança para compor a ala mirim. Hoje toma conta da nação junto com seu pai e prioriza a participação dos jovens da comunidade. Entre sorrisos e lágrimas as lembranças vieram a memória lembranças. Elas vêm misturadas. Os tempos de infância e juventude se misturam, mesmo que prevaleçam informações da infância. Em muitos momentos, sua narrativa passava um

“ar” de sentir-se jovem aos 41 anos, remetendo-me a moratória vital⁵³ partindo da concepção de que ele se sente muito enérgico, com saúde, vitalidade.

Sua narrativa descreve como via o maracatu, quando era jovem. Uma das lembranças mais marcantes foi quando ele tinha 9 anos de idade. Ele estava com febre muito alta, mas decidiu sair no Almirante no desfile de agremiações na Av. Dantas Barreto. Era a primeira vez que ele iria se apresentar para um grande público, mesmo a contragosto da sua mãe ele insistiu que iria e o pai deixou.

[...] eu tava com muita febre... mole, mas me deu uma vontade de ir desfilar assim mesmo, já tava tudo organizado. Roupa...tudo...minha mãe disse e tu vai aguentar? com essa febre? Eu disse vou minha mãe, eu vou... fui com o grupo...ardendo em febre[...] assim que botei os pés na avenida e comecei a tocar, comecei a suar...fiquei ensopado de suor...de repente, fiquei bom. Não sentia mais nada...(choro) nesse momento eu pensei (voz tremula) aqui é o meu lugar(choro) o Almirante do forte é meu lugar...[...] (Toinho, 05/01/2019).

É perceptível nessa fala o simbolismo de força e crença que o Almirante do Forte representa para ele desde sua infância. A vontade de desfilar na avenida junto com o grupo, o fascínio foi maior que o problema de saúde que lhe acometia naquele momento. Um sentimento enraizado em sua memória que explicita signos culturais atemporais, os “mistérios” do maracatu que lhe envolveram ao “botar os pés na avenida”, confirmaram sua permanência no maracatu e a responsabilidade que assume junto ao seu pai com o grupo, compartilhando saberes e memória.

Ao me referir como ele vê hoje o jovem que está inserido no maracatu, diz:

[...]sem esses meninos aqui, a nação não vai sobreviver. Porque a gente tá trazendo esses meninos pra perto da gente...e afastando eles das drogas...é meu intuito. [...]hoje mesmo você vai ver. Tem um bocado de meninos da comunidade. Aí painho fica aperreado e diz- Não vai vim ninguém – vai vim sim pai, a calunga vai trazer tudinho...quem toca uma vez, volta, porque gosta e sabe que aqui é bem recebido.

Ao falar “um bocado de meninos”, se refere de maneira geral as crianças, adolescentes e jovens. Diz ter naquele momento, aproximadamente uns 20 da

⁵³ Termo utilizado por Mauricio Antunes Tavares em **Um olhar para a Sociologia da Juventude a partir dos conceitos de geração e moratória Vital in As Juventudes e seus diferentes sujeitos**: Recife, EDUFRPE, 2017.

comunidade participando do maracatu, com faixa etária de 10 anos, 14, 15, 20, 30 anos, quando estiver mais perto do carnaval que os ensaios se intensificam, chegam mais. Sua fala refere-se também nessa parte da entrevista a situações de dificuldade financeira que muitos jovens “meninos” como ele chama passam. Fala que bem recentemente um dos jovens enviou uma foto pra ele via WhatsApp, mostrando que no armário da sua casa não tinha nada pra comer. *Isso doeu no meu coração sabe?* Ainda bem que eu tenho uns amigos... *e um amigo doou umas cestas básicas e eu pude ajudar.* Se referiu também a ajuda que pessoas de fora (gringos) como ele chama, em relação a contribuir com o Almirante: “[...] *doam pele, couro, ajudam com água...eles têm muita consideração pela nação*”, afirma.

Aproveito a pausa da sua fala e procuro saber o que ele considera mais marcante nos jovens no maracatu, o que lhe chama mais atenção. *Rapaz...é eles tocando...quando eu... vejo eles virando aquele bombo eu fico muito emocionado...quando eu vejo eles passando energia pra mim, o que eu ensinei...(lágrimas) é uma coisa gratificante[...] sem eles não tem nação...*

Na concepção de Geertz (1978), é por meio do comportamento ou da ação cultural que as formas culturais encontram articulação. Mas, as formas culturais encontram-se também “ [...]em várias espécies de artefatos e vários estados de consciência” (GEERTZ, 1978, p.27). Neste caso, o papel que o contramestre Toinho desempenha no maracatu é reflexo dos significados que emergiram na sua infância ao ir desfilar no almirante mesmo estando doente. A energia, força e mistério que ele sentiu ao pisar na avenida aos 9 anos, é a mesma energia e força que continua sentindo no presente através do grupo juvenil.

Podemos perceber frente a essas narrativas que tanto o mestre Teté e o contra mestre Toinho, remetem-se a um contexto de significados (campo semiótico) de quando eram jovens e como vêm hoje os jovens que se inserem no maracatu. Relacionam os contextos e significados culturais, sociais, econômicos, familiares. Os dois vêm os jovens hoje no Almirante de forma bem marcante, relacionando-os a seus contextos sócio econômico. As experiências e vivências no maracatu por meio da preparação das alfaias para tocar, dos ensaios, das loas cantadas, as danças, são elementos que se integram aos processos educativos culturais, vistos pelo mestre e contra mestre, como

alternativa para romper com o estigma de marginalidade imposta aos jovens da comunidade.

Os eixos de sentidos compreendidos nessas narrativas estão associados a um movimento de fortalecimento identitário dos/as jovens integrantes do maracatu, quanto ao sentimento de pertença a um grupo cultural reconhecido, valorizado, que atravessa gerações carregando na sua história tradição cultural que legitima a importância do maracatu na comunidade. As dificuldades enfrentadas pelo mestre e o contramestre no Almirante do Forte, se entrelaçam com a realidade socio econômica do público juvenil. E o desafio constante é que esses jovens partam das experiências e vivências do maracatu nação Almirante do Forte no construto de significado valorativo de si mesmos

Quanto aos aspectos relacionais, é perceptível nas duas narrativas os aspectos relacionados a interação, sociabilidade e o convívio e diálogo dos jovens com as demais gerações, vale salientar que o ⁵⁴Estatuto da Juventude atenta para esse aspecto. fato confirmado nas observações. Há uma fluidez na convivência e no diálogo entre os/as jovens, o mestre e contramestre, entre a família do mestre (independente de participar do maracatu ou não)visto que a maioria é evangélica, interação e sociabilidade com os/as visitantes que vêm de outros Estados e de outros países. As narrativas dos dois evidenciam ainda as transições ocorridas com eles no campo pessoal, mas que estão intrinsecamente ligadas ao Almirante nas formas de organização do grupo, quanto responsáveis pelo M. N. A. F. enfrentam diretamente as tensões e desafios inerentes ao processo contínuo de representação cultural dentro e fora da comunidade.

4.2. Apresentando os/as jovens interlocutores da pesquisa

Realizamos as ⁵⁵entrevistas narrativas com cinco jovens, sendo dois jovens da comunidade e três jovens de outras comunidades. Quatro interlocutores chamados aqui de BRINCANTES, estabelecendo a sequência alfabética A, B, C e D. Uma jovem

⁵⁴ Art. 2º O disposto nesta Lei e as políticas públicas de juventude são regidos pelos seguintes princípios: [...] VIII – valorização do diálogo e convívio do jovem com as demais gerações.

⁵⁵ As entrevistas oficiais foram realizadas no período de outubro de 2019 a fevereiro de 2020. Conversas informais e aplicação de entrevistas pré-teste com um jovem e uma jovem interlocutora, no mês de fevereiro de 2019.

interlocutora branca inserida posterior aos ⁵⁶critérios de seleção iniciais, a chamamos pelo pseudônimo de LOA. Encerramos com as narrativas desses cinco interlocutores/as o processo de coleta de informações no que se refere as entrevistas.

Brincante A: Uma jovem de 21 anos, ensino médio concluído, trabalha como trancista em um salão cabeleireiro afro, mora em uma comunidade em outro município, fora de Recife. A brincante “A” é batuqueira no Almirante do Forte, toca alfaia.

Brincante B: Um jovem de 25 anos, interrompeu os estudos no 1º ano do ensino médio, trabalha em um jôquei clube como tratador de cavalos, tem uma filha de dois anos. Morador da comunidade desde que nasceu, é o atual porta estandarte do Almirante do Forte.

Brincante C: Uma jovem de 20 anos, ensino médio concluído, mora em comunidade fora do município de Recife, trabalha de forma autônoma com vendas nas redes sociais, é batuqueira do Almirante do Forte e toca ganzá.

Brincante D: Um jovem de 23 anos, escolaridade 2º ano do ensino médio é morador da comunidade, trabalha no comércio, batuqueiro, toca caixa de guerra no Almirante.

Loa: Uma jovem de 18 anos, cursando o 3º ano do ensino médio, mora em uma comunidade vizinha, é batuqueira do Almirante e toca Abê.

4.3. Situando e interpretando fala dos/das jovens interlocutores/as

As abordagens, conversas informais e entrevistas oficiais com esses interlocutores/as jovens apresentados/as se deu em datas diferentes. Para obtenção das narrativas seguimos os pressupostos de Jovchelovitche e Bauer (2002) sobre entrevistas narrativas. Esse tipo de entrevista é caracterizada como não estruturada, os autores apresentam que as entrevistas narrativas visam encorajar e estimular os interlocutores (informantes) a contarem sobre acontecimentos importantes de sua vida e do contexto social do qual fazem parte. Outro aspecto da EN é o uso de uma comunicação cotidiana, com base na linguagem espontânea dos interlocutores. Os autores pressupõem que ao se comunicarem espontaneamente os interlocutores revelam

⁵⁶ Conforme já explicitado na metodologia as razões para a inserção dessa entrevista

melhor o que se quer investigar. Sua ideia básica segundo os autores (p.93) é reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva dos informantes.

Desta forma foi elaborado dois ⁵⁷roteiros de entrevistas narrativas, um pré-teste visando nortear as formulações de tópicos para as entrevistas definitivas e outro roteiro para as entrevistas oficiais mediante assinatura do TLEC. O roteiro para as entrevistas definitivas foi composto por cinco tópicos de questões referentes aos objetivos da investigação e com aproximação as experiências e vivências dos interlocutores, para possibilitar o interesse dos mesmos e uma narrativa rica em detalhes.

Visando uma apreciação das entrevistas diante da fala dos/as interlocutores/as, o que eles/elas falaram explicitamente e suas falas subjacentes e por compreendermos que cada interlocutor/a são co-produtores deste trabalho, apresentaremos detalhes das abordagens com cada um/uma e recortes de suas narrativas que deram sentido a nossa interpretação analítica.

A abordagem com a brincante “A” foi na ocasião do ensaio do Tumaraca no dia 21/02/2019 na sede do M. N. A. F. Me apresentei, expliquei a pesquisa e perguntei se era possível conversarmos e posteriormente ela ser entrevistada formalmente, mediante concordar com o TLCE. Ela muito simpática e solícita aceitou, não pudemos conversar naquele momento, a sede e a rua já estavam com muita gente devido o ensaio com a presença do grupo de mulheres Voz Nagô, além da presença do Mestre Chacon da Nação Porto Rico e o ensaio estava começando. Mas, foi possível pegar seu contato e ficamos de combinar outro momento para a conversa. Como já estava bem próximo do carnaval, nos encontramos novamente na “noite dos tambores Silenciosos” na segunda feira de Carnaval, também não era possível a conversa, mas já havíamos combinado que conversaríamos via rede social e assim foi realizada a entrevista informal, utilizando o roteiro pré-teste em março de 2019.

⁵⁷ Esses roteiros podem ser conferidos nos apêndices.

Figura 12 - Ensaio Tumaracá 21/02/2019 na frente da sede do Almirante



Muitas descobertas nessa conversa, fios condutores puxando memórias e fatos... A Brincante “A” relatou que em 2016 quando morava no bairro de Santo Amaro-Recife, começou a participar da *ONG Ruas e Praças* que trabalha com crianças em situação de rua e jovens em vulnerabilidade social. A ong trabalha com oficinas de percussão as oficinas acontecem na rua mesmo, ela foi participar dessas oficinas e disse que foi seu primeiro contato com a música. Depois, em 2017 ficou sabendo através da prima e de amigos que no Ginásio Pernambucano tinha uma Nação GP de maracatu e mesmo sem estudar lá foi conhecer e passou a frequentar o grupo, se apaixonou pelo “*batuque do maracatu*” Por meio desse contato. O maracatu Almirante do Forte tinha um projeto no GP financiado pela Fundarpe, por meio das oficinas de percussão no GP, conheceu o Almirante. Foi convidada pelo mestre e contramestre para visitar a sede, ao chegar no Almirante foi convidada para participar do grupo, um desafio, pois ela havia ido morar em outro Município, distante, mas mesmo com a dificuldade de acesso, começou a participar do grupo.

Foi muito forte o relato dela, me remeteu ao que me conduziu a essa pesquisa, desde a monografia. O projeto ruas e praças que eu havia conhecido quando estava no PIBIC, o projeto cujo coordenador era o mesmo menino em situação de rua na década de 80 que se alfabetizou mediado pela cultura popular com o MNMMR. O menino que se graduou em Pedagogia e se tornou educador social. Não me contive e perguntei a ela se na época que ela frequentava o Ruas e Praças e se era **Tonho das Olindas** que

coordenava. Ela confirmou que sim e que ele era uma “peça” muito importante na sua vida.

Figura 13 – Noite dos Tambores silenciosos, 04/03/2019, Rua da Moeda-Recife



A entrevista oficial com a brincante “A” ocorreu em outubro de 2019. Nos encontramos em uma quinta-feira à tarde na frente da Biblioteca Pública que fica no Parque do 13 de maio- Recife. Conversamos, lhe expliquei como seria a entrevista, as questões que seriam abordadas e que ela poderia falar à vontade, da mesma forma que se comunica cotidianamente.

Seguindo o roteiro de entrevista narrativa, a primeira abordagem refere-se a falar de como chegou ao maracatu Almirante do Forte, falar das suas experiências e vivências no grupo, o porquê da escolha do Almirante do Forte para participar. Sobre esse ponto, iniciou seu relato:

*Morava em Santo amaro, morei minha vida todinha em Santo Amaro. Aí no ensino médio, a escola onde eu estudava fechou...aí vim estudar aqui no centro. Já tinha alguns amigos nessa escola, que frequentavam a ONG de santo Amaro também. A ONG “Ruas e Praças”, aí foi lá...comecei a me inteirar sobre as coisas... tive a aula de percussão, aí no primeiro dia da aula de percussão foi maracatu!!! Aí foi quando começou, eu me **apaixonei**. Tem uma prima minha que estudava no GP, o Almirante tinha uma oficina que era só de maracatu no Ginásio Pernambucano...era como se fosse o maracatu mirim Almirante do Forte, aí eu comecei, entrei nesse maracatu.*

Também foi minha prima que me chamou, eu comecei a ir. Teve um dia que tava Teté e Toinho. Eles falaram: tem ensaio lá no Bongi, quem quiser ir, vai. Foi eu e a turma todinha, cheguei lá na sede eu me apaixonei!!! E cheio de retrato e eu ficava olhando assim...apaixonada. Aí pronto, já comecei logo a fazer parte... eu, olha, já sou do Almirante viu! Já comecei (risos) foi massa...A trajetória foi essa. Eu sou tipo, apaixonada... ao longo do tempo, eu sai de Santo Amaro, ficava difícil... pra me deslocar, mas eu continuei indo pra os ensaios. Eu trabalhava a semana todinha e sábado, podendo descansar não... eu ia pro maracatu claro, que era muito importante. Porque eu amo MARACATU, menina, eu me acabo de tocar maracatu. Sou apaixonada pela cultura, mas maracatu me toca de um jeito... Eu gosto de Afoxé, amo coco, amo ciranda, nas o maracatu mexe comigo que é meu primeiro amor... e foi lá no Almirante, eu sou muito apaixonada. No começo, assim que eu cheguei, nos primeiros ensaios, os meninos: -Vai ficar no Agbê é? Ai eu - Não menino...meu amor é a alfaia como é que eu vou me agarrar com o agbê se eu amo a alfaia?, toda vez que eu pego o meu tambor é pra isso, pra mostrar que mulher toca tambor também. É uma coisa que...eu não quero deixar...de sair no maracatu. (Brincante A).

Essa narrativa está em consonância com o relato apresentado na conversa informal que tivemos com a entrevista pré-teste. Podemos interpretar que a brincante “A” chegou no M. N. A. F. com uma referência cultural adquirida na ONG ⁵⁸Ruas e Praças e com a sua vivência no Colégio Ginásio Pernambucano, onde conheceu o Almirante por intermédio da sua prima que estudava nesse colégio e já participava das oficinas de percussão. As vivências e experiências dessa jovem no maracatu Almirante do Forte envolve muito afeto e admiração pela cultura e em especial o maracatu. Perpassa também por um posicionamento ao afirmar-se como batuqueira que toca Alfaia, instrumento majoritariamente tocado por homens, mesmo que no Almirante não tenha restrição, ainda é pouquíssima a atuação de mulheres na percussão tocando alfaia em relação aos homens. Fato que é recorrente em outras nações, inclusive tem Nação que não aceita mulher tocando alfaia.

⁵⁸ Em 1987 um grupo de educadores ligado a Prefeitura da Cidade do Recife realizava um trabalho com crianças e adolescentes que ficavam nas ruas e praças da cidade. Neste período houve um aumento do número de meninos e meninas usando drogas e substâncias psico-ativas (como cola, tiner, solventes, loló e outros). Devido a mudança de gestão no Governo, este projeto acabou e três dos educadores deste grupo de trabalho E por intermédio de Dom Helder Câmara, decidiram continuar acompanhando os meninos e as meninas que viviam em situação de rua.(Fonte:

O Grupo Ruas e Praças é uma organização sem fins lucrativos, que desenvolve um trabalho sócio educativo e cultural, com crianças e adolescentes em situação de rua e vulnerabilidade de direitos, no Recife. Fonte: <http://gruporuasepracas.blogspot.com/> . Acesso fev/2021.

A inserção das mulheres no batuque de alfaias é recente na história em comparação aos homens. Segundo Guillen (2011), essa reconfiguração se deu pelas ações das mulheres do Movimento negro na década de 80 que parece “ ter convencido os mestres das nações a aceitá-las [...]” (GUILLEN, 2011 p. 140). Esse novo contexto reconfigurou os espaços de homens e mulheres no batuque dos maracatus Nação.

Na segunda questão sobre como é ser uma jovem integrante do Almirante e como pensa que outros/as jovens que não participam lhe vê, ela relatou:

Vejo muito amor no Almirante a ancestralidade, porque não é fácil hoje em dia o maracatu com aquela estrutura, não é fácil [...]. Eu tô tocando faz parte da minha cultura que massa , mas, o que mais? Ah, isso foi perguntas que eu me fiz assim que eu entrei no Almirante, pego meu tambor pra tocar e fico pensando e a gente tá sempre conversando sobre isso. Para também não ser o maracatu só aquilo, só estética, só o lado...ai que massa eles tocam, mas o que mais, o que mais? [...]to fazendo isso que faz parte da minha cultura é minha ancestralidade [...] aí tem os jovens que não estão ligados ainda [...] principalmente na forma de preconceito que eles vêm os outros. Porque muita gente olha e diz ô prai bando de macumbeiro...vai bater teu tambor...em cima do maracatu, tem muito preconceito ainda em cima do maracatu. Porque o fundamento... a maioria dos maracatus, o fundamento vem do Candomblé é o fundamento religioso que é como no Almirante que é só Nação. Não é fácil ...é muita resistência. Eu entendo aqueles que ainda não se reconhecem, entendo muito... eles vão, que eu vejo, eles amam tocar, mas não tão ligados ainda, não se reconhece. a gente tá sempre conversando também para eles se reconhecerem, assim como eu me reconheci. Eu quero também que eles se reconheçam. Sim eu sou negro to fazendo isso que faz parte da minha cultura é minha ancestralidade (Brincante A).

A questão aqui colocada, inicialmente remete-nos as narrativas do Mestre e do contramestre quanto as dificuldades de cunho financeiro que a nação enfrenta. O amor a nação, a herança cultural deixada e a responsabilidade que o Almirante abraça em relação aos jovens da comunidade de encontrarem no maracatu um novo caminho de possibilidades, são força motriz dentro da Nação. E, que é natural que instituições culturais, lide com esses problemas, uma vez que isso, segundo Fávero (1983) é determinado por seu propósito de atuar na realidade concreta.

A reflexão que a Brincante “A” faz em relação ao seu papel social dentro do maracatu, o que essa cultura representa ou pode representar no sentido de construção de identidade negra apresenta uma afirmação quanto ao seu pertencimento étnico racial.

Frente ao preconceito existente na sociedade, sua narrativa evidencia uma preocupação enquanto o maracatu Nação como forma de expressão cultural de resistência no curso da sua história, não seja visto por outros jovens, apenas no sentido de espetacularização da cultura de raízes afrodescendentes. Mas, sim, compreendendo sua complexidade no campo ancestral, seus elementos quanto articuladores na compreensão e reconhecimento de representatividade negra.

Sobre o aspecto religioso, Guerra-Peixe (1980) diz ser oportuno apresentar que [...] a gente do Maracatu tradicional – ‘nagô’, como dizem, no sentido de africano – é constituída, maioria, por iniciados nos Xangôs[...] Ao que parece há procedência nas informações, refletindo a preferência religiosa” (p. 23). Sendo assim, o simbolismo religioso ocupa um lugar central dentro do maracatu e mesmo que não seja praticado por todos os integrantes, o preconceito e intolerância é estabelecido

Em relação a narrativa de como ver o que é ser jovem negra/o na sociedade brasileira, na comunidade e no Almirante, relata...

*As pessoas têm a mente muito fechada ainda...tem muito preconceito. Eu tava por fora dos assuntos, era muito fechada, a ONG abriu minha mente. Esse preconceito... o que eu tô fazendo na minha comunidade, nos Espaços onde eu tô ocupando? o que é que eu tô fazendo para mudar isso... tem muita gente igual a mim, tem muito preto, mas ta em situação de rua ...tá por aí não sabe o que faz da vida.... sim. e aí o que que eu vou fazer para tirar eles daquela situação? Tipo, eu não ser só ... eu sou uma preta e uma preta bonita... Na ONG comecei a ir para as reuniões, para as formações que tinha sobre tudo, fiz curso lá...[.] fazia oficinas, ações no meio da rua, isso era incrível pra mim. As pessoas olham pra gente com preconceito e pra quem tá na rua? Foi aí que minha cabeça se abriu... Qual o meu papel de mulher preta numa comunidade? Foi aí que eu e meus amigos da Ong, se juntou e organizou um evento na minha comunidade, até então Santo Amaro., o EU OCUPO MINHA COMUNIDADE, foi incrível que a gente planejou tudinho, só jovens, organizou as oficinas que ia ter pro povo, teve uma passeata ... Primeiro que a gente já puxou com o Maracatu, foi tocando o maracatu e isso lotou! A comunidade todinha...olhando. Eu fiquei maravilhada com isso, foi quando o povo olhou assim ...eita que massa. Ainda estamos nesse processo de preconceito, de gente com mente fechada né, mas estamos caminhando...[.] quando eu saio com turbante com tranças aí o povo olha assim... Isso quando eu morava em Santo Amaro e agora em outra comunidade, tem muita igreja lá na rua, o povo fica tudo olhando...[.] não percebo isso lá no Almirante, acho que como já tem uma Nação lá dentro da comunidade não tem tanto esse preconceito[.] mesmo que cada um tem sua religião... a gente é bem aceito na comunidade (**Bricante A**).*

Diante dessas reflexões trazidas por ela nesse tópico, compreendemos que as formas de organização artísticas culturais protagonizada pela juventude nas comunidades periféricas, contribuem significativamente para a valorização do ser jovem negro, dentro da comunidade e fora dela. Pois, não existe conscientização, segundo Freire (2015) se a prática não resulta em uma ação consciente dos oprimidos como classe social explorada, na luta constante por sua libertação. A ONG, foi fundante para a Brincante “A” e os/as jovens que dela participava, para a tomada de consciência, resultando numa ação concreta junto à comunidade.

Tal ação evidência, de acordo com Fávero (1983) que a atividade de cultura popular não se restringe a realização obras literárias, teatrais ou cinematográficas, mas, avança para o espetáculo de rua. Dessa maneira, promovem a autonomia e empoderamento dos/as jovens e estimulam num campo social mais abrangente, a valorização as diferentes expressões culturais de acordo com as singularidades presentes nos grupos juvenis.

O Almirante do Forte dentro da sua comunidade, aparece na sua narrativa como elemento fundamental para o reconhecimento da pluralidade cultural e identitária dos/as jovens tanto da comunidade, como de fora, visto que ao longo dos seus 89 anos, representa uma referência cultural no bairro.

É perceptível ainda na sua fala, a importância da inserção social e cultural dos/as jovens e o conhecimento dos seus direitos e deveres enquanto jovens e cidadãos. A construção de outra história como jovem negro/a e morador/a da periferia provoca mudanças no sentido individual, mas também como sujeito coletivo.

No que se refere a se considerar negra, desde a primeira abordagem e durante toda sua narrativa ela se autoafirma negra, se autodeclara negra. Nesse contexto, peço a ela para falar como, quando foi que se percebeu negra. “*Foi durante toda... foi com a ONG e no Almirante, foi essa transição que eu falei: - que massa eu sou preta!!, minha cabeça se abriu*”. Nesse ponto é pertinente nos atentarmos para o pensamento de Freire (2015) sobre a importância do indiscutível papel que pode ter a cultura no processo de libertação da classe oprimida. “Assim, na medida que os seres humanos atuam sobre a realidade, sua consciência é expressa através de diferentes níveis” (FREIRE, 2015,p. 113).

Dessa forma é imprescindível aproximar a palavra da ação, a reflexão da prática e um diálogo que impulse criticidade. A dialogicidade tem papel importantíssimo na construção das experiências e organização das práticas sociais nos diversos grupos da sociedade. Aspectos que foram presentes na trajetória dessa brincante, tanto na sua passagem pela ong Ruas e Praças, quanto no encontro com o Almirante no GP, que resultou na sua integração ao grupo.

Ao falar se considera que o M. N. A, F. influencia na percepção de ser uma jovem negra e se vê o maracatu como uma cultura negra, fala... *“Acho que sim. Quando a gente chega lá... eu percebo que eu tô me autoafirmando. [...] foi esse processo que falei, o maracatu Nação Almirante do Forte me ajudou muito. [...], mas no começo foi difícil pra mim, de uma comunidade com as pessoas de pensamento fechado. [...] Claro que o maracatu é uma cultura negra, é ancestralidade”*.

Freire (2015) apresenta uma educação contra hegemônica a partir da problematização da cultura, possibilitando assim, a formação de um sujeito ativo e atuante frente aos problemas do seu tempo de acordo com sua realidade. Nesse sentido, ainda refletindo em Freire (2015) a ação cultural para a libertação que caracterizou o movimento de luta pela realização do anúncio, transformou-se em revolução cultural. É no sentido de revolução, de descoberta que essa jovem negra vê o MAF e toda sua simbologia presente na sua expressão cultural.

Continuando com as apresentações das narrativas, tive oportunidade de conversar com o **Brincante B**, também no dia do ensaio do *Tumaraca*, já o conhecia, ele é neto do mestre Teté, há dois anos é o porta estandarte da nação, antes era batuqueiro o seu pai que antes participava como batuqueiro o incentivou a participar também sua bisavó. Ainda muito pequeno ganhou um bombo (alfaia) do mestre Teté, aos 7 anos começou a sair como batuqueiro na ala mirim, ele era o destaque, até os 22 anos tocava alfaia no Almirante, também já desfilou como soldado romano ao lado da rainha e do rei. Há dois anos está como porta estandarte, porque o porta estandarte da nação faleceu, ele o Brincante B é o primeiro jovem porta estandarte do Almirante.

Seguindo o mesmo roteiro de EN, no dia 21 de dezembro de 2019, na sede do Maracatu Almirante do Forte, manhã de sábado, ocorreu a entrevista oficial com o Brincante “B”. Sua inserção no Almirante, é desde sua infância, conforme já havia

relatado na entrevista informal. Por ser neto do mestre, seu pai ter sido batuqueiro e sua bisavô(mãe do mestre Tete) ter incentivado, começou a tocar aos 6 anos de idade.

*Eu comecei muito novo, né? Acho que eu tinha uns 6 anos, de idade. Com 6 anos de idade eu saía com meus primos, tinha uma ala mirim, aí com 7 anos, sai tocando já, já sai de soldado romano, atras do rei e da rainha. E fui tocando, tocando... até meus 22 anos eu tocava alfaia, até agora tô ainda no Maracatu. Se papai do céu permitir, vai vir mais anos e anos aí. Teve oportunidade que meu avô pediu, porque os porta estandartes dele tudo morreu, papai do céu levou... aí ele pediu para eu sair um ano, que estava sem porta estandarte. Aí foi no ano que a gente foi campeão... a gente tirou nota 10 em tudo, aí subiu para o grupo especial. Daí para frente só saio de porta estandarte, faz 2 anos. Meu avô pediu né, eu sou grato a Deus por ter essa oportunidade... de carregar essa bandeira que a gente tem [...] é uma emoção muito grande defender as cores do Almirante (**brincante B**).*

A narrativa inicial do Brincante “B”, destaca sua memória afetiva que se configura desde a sua infância e o fato de ser neto do mestre, apontando uma continuidade da tradição cultural deixada na família. O entusiasmo na sua voz ao narrar que há dois anos é o porta estandarte da Nação, demonstra o orgulho que sente mesmo tendo deixado o batuque da alfaia que realizava até seus 22 anos. O que demonstra sua versatilidade dentro do grupo e a importância que o Almirante tem para ele e sua família.

Fato que também é marcado na sua fala a seguir, quanto como é ser um jovem integrante do M. N. A. A. F. e como acha que outros jovens que não participam lhe vê, falou:

*Eu quando saio no Maracatu Almirante do Forte, me sinto muito alegre, muito emocionado, defender uma nação né? Tá lá na cidade disputando para ser campeão... disputar com os melhores maracatus que tá tendo em Recife que é Porto Rico, Estrela Brilhante...é muito emocionante. Quando a gente tá se apresentando, os outros jovens comentam: Aí... ele “toca muito”. E agora tô com o estandarte...muito emocionante. O maracatu significa tudo, né? Porque os meninos aprende... pra sair dessa vida errada aí que tem um bocado, né? Aí meu avô dá oportunidade, meu tio Toinho... é muito emocionante ver menino pequeno tocar e ficando adulto tocando... A minha filha já saiu com dois aninhos saiu no braço, mas saiu com a roupinha. Aí eu fico mais emocionado ainda (**brincante B**).*

Nessa fala do brincante “B”, fica evidente também as desigualdades sociais vivenciadas pelos/as jovens da comunidade e a abertura de horizontes que o maracatu vislumbra. A condição social atrelada ao desemprego, a violência, acentuam a vulnerabilidade e a inserção na “vida errada” mencionado por ele. Nessa perspectiva,

Fávero (2015) afirma que os produtores culturais, sobretudo da cultura popular estão também mergulhados nos problemas políticos sociais e por isso, assumem ou não a responsabilidade que lhe cabe. Cultura popular é compreender que todos esses problemas só terão solução quando houver transformação na estrutura socioeconômica no sistema de poder. Pois cultura popular é inicialmente, tomada de consciência revolucionária.

No que se refere a como ver o que é ser jovem negro na sociedade brasileira, na comunidade e no Almirante

Questão disso de cor... e raça, aqui não tem preconceito não, porque o Almirante do Forte vem gente de todo o país para tocar e sair, de várias cores... e aqui todo mundo sempre é bem-vindo no Almirante do Forte. Tem suas oportunidades... leva camisa para vender na França, no Rio de Janeiro, aqui...tem preconceito de cor não...porque a gente é tudo igual. [...] todo mundo que vem é bem-vindo, feito uma família nunca percebi nenhum preconceito. [...] A relação com os jovens é que eles da comunidade, gostam muito de sair no maracatu, época de carnaval... saí tocando, né? Antes saíam dançando, era tudo pequeno agora querem tudo aprender a tocar e sair tocando alfaia [...]. Na minha cabeça agora (pausa) só passa que as pessoas negras são tudo em primeiro lugar na sociedade. (brincante B).

Essa visão acerca da discussão de raça, negritude, juventude e a relação social nem sempre se pauta em um conhecimento mais profundo, evidenciando então um entendimento superficial sobre essas questões sociais e conseqüentemente pouco entendimento sobre as conseqüências imbricadas na vida de jovens negros/as na conjuntura social brasileira., a exemplo do extermínio da juventude negra.

Consideramos, portanto, o que Nilma Lino Gomes chama de saberes emancipatórios produzidos pelos negros e pelas negras, sistematizados pelo Movimento Negro. Nesse caso, saberes que para a brincante “A”, foram construídos a priori na ONG Ruas e Praças. Saberes que são intrínsecos ao MAF, desta forma, “o fundamental na modalidade de ação cultural no processo de organização das classes oprimidas, é possibilitar a estas, a compreensão crítica da verdade de sua realidade” (FREIRE, 2015, p.133). O que está imbricado em conhecimento de mundo.

Porém, ainda refletindo em Gomes (2018), compreendemos que a produção de uma racionalidade em uma sociedade racializada desde o início da sua formação, implica em ações interventivas no âmbito social, cultural e política de forma intencional

nos processos de produção e reprodução da existência dos negros e negras da vida em sociedade. Ou seja, ações de criação, recriação, produção e potência no que concerne aos saberes emancipatórios.

Sua narrativa em relação a se se considera negro: “*Eu me vejo uma pessoa negra né, também sou negro*”. Porém, quanto a se considera que o M. N. A. F. influencia na percepção de ser um jovem negro e se considera que o maracatu faz parte de uma cultura negra,

*esse negócio de ser negro ou não, ser branco, pardo, moreno... .. não tem isso aqui não, porque aqui no Almirante é tudo como se fosse uma família (pausa) falando sobre a cultura negra, é uma maravilha ser da cultura negra, o maracatu ajuda... antigamente os negros saíam só de escravos, no maracatu, só podia dançar de escravo...,mas agora não, teve oportunidade... e sai dançando como rei, rainha, tocando... cantando. Não é porque a cor é diferente que tem que ser rebaixado, somos todos iguais. Não é porque são negros que são diferentes da gente. E assim... porque saía de escravo antigamente, porque o povo dizia que negro tem que ser escravo né? Mas agora mudou pra rei, rainha, príncipe... sair tocando... tem mestre negro agora... aí tudo mudou agora (**brincante B**).*

O levantamento feito pelo pesquisador Clovis Moura, após o censo de 1980, apresentado por Munanga (2000), ilustra um total de 136 “cores” apresentadas por brasileiros não-brancos sobre a cor da sua pele. E o que isso significa? “[...] o brasileiro foge de sua realidade étnica, de sua identidade, procurando simbolismos[.], mitos reificados para substituir a concreta realidade por uma enganadora magia cromática” (MUNANG, 2000, p.187). No Brasil a classificação racial se dá de forma cromática, baseada na cor da pele, classificação que tem como base o processo histórico na construção da ideologia racial brasileira.

Dessa forma, a ênfase da identidade conforme Gomes (2005), resulta na ênfase da diferença. Ao mesmo tempo em que a busca da identidade por parte de um indivíduo ou grupo social, aparece a diferença destes em relação à sociedade ou a outro grupo e instituições.

Percebe-se ainda na narrativa do brincante “B” ideias confusas, se autodeclara negro, mas, ao se referir aos negros, relata: “*Não é porque são negros que são diferentes da gente.*” Compreendemos que o eurocentrismo contribui para que não haja

uma autodefinição dos afrodescendentes, dessa forma, ora se reconhecem negros, ora desconhecem. Observamos que há concordância dele, quanto ao maracatu fazer parte de uma cultura negra, mas, demonstra confundir a origem do maracatu Nação que é oriundo da coroação de reis e rainhas do Congo, bem como, constituído em sua origem por um grupo étnico-racial específico. Dessa forma, vê o maracatu que antigamente só saía “escravos”, hoje há mudanças e o/a negro/a assume outros papéis no maracatu e sai tocando..., até mestre negro tem.

O maracatu Nação hoje, convive culturalmente com diferentes grupos sociais, de classe social diferente, de forma pacífica. Mas, no contexto de sua origem, essa manifestação cultural foi perseguida e reprimida e hoje é símbolo de resistência.

Prosseguindo com as entrevistas, no dia 09 de janeiro de 2020 foi realizada a entrevista com a brincante “C”, assim como foi com a brincante “A”, realizamos a entrevista no Parque 13 de Maio, em frente a Biblioteca Pública. A brincante “C” foi indicada para colaborar com esse trabalho pela brincante “A” que é sua prima. E foi a brincante “C” que levou a prima para conhecer e participar do projeto do MAF no GP, conforme constatamos na narrativa da brincante “A”. Assim, após termos conversado via rede social para explicação sobre a pesquisa e como seria a entrevista, ficou acordado essa data.

Seguindo o mesmo roteiro de entrevista, na primeira questão de como chegou no MAF, sobre suas experiências e vivências lá, ela relatou:

Eu comecei estudando no ginásio pernambucano, pensei em estudar nessa escola por conta que eu sabia que tinha alguns projetos e eu sempre gostei de participar de projetos e tal, mas eu não sabia que tinha um projeto de Maracatu. Eu sempre gostei desse negócio cultural, é afoxé, maracatu, essas coisas...coco... e eu já tocava em uma ONG, né? Maracatu também, mas sendo que era só tocar por tocar, entende? Não aquela história, aquela cultura, era só pegar o instrumento e vamos tocar. vamos! Mas quando eu fui ver o maracatu tocando ...na quadra da escola, do GP, eu me apaixonei. Eu me arrepiei. ...eu senti assim... me arrepiei todinha! Que era o povo tocando, rindo... uma energia boa... e eu: - agora eu tenho que participar desse Maracatu. Falei com o responsável e já fiz a primeira aula e eu amei! Comecei na Alfaia tal, mas sendo que eu gosto de dançar... então queria um instrumento que eu pudesse me movimentar ... aí me apresentaram o ganzá e eu: - vou ficar com esse daqui!(que ninguém pegou o ganzá) vou aprender e fique quebrando minha cabeça. (porque tem que balançar...e tal)

APRENDI! Nunca mais larguei e daí eu convidei minha prima, umas amigas da ong e pronto. E desse projeto, da escola a gente foi convidado para tocar na sede. Eu comecei a participar do Almirante em 2015 no mesmo ano que eu participava da ONG. Sendo que na ONG era tipo uma oficina de maracatu, tipo: -esses são os instrumentos e se toca assim, vamos fazer algumas músicas, algumas coisinhas..., mas não tinha todo esse contexto do Almirante né... e quando eu fui para o Almirante, eu cheguei na sede tinha uns banners, fotos com as histórias deles e cada foto... da rainha tem a foto da boneca menininha. Meu Deus eu acho que eu passei meia hora lendo... eu nossa!!! Maracatu é essa cultura. Uma coisa também que eu não tive muito acesso nessa coisa cultural, enfim... e daí comecei aprendendo aí fui lendo, me estimulou bastante a leitura também, ler sobre maracatu. Eu fui lendo, fui entendendo o que o Maracatu... a cultura, a cultura que o Maracatu traz, a origem. E sempre perguntando: -Mas Mestre como se toca isso, mestre porque isso, porque assim e aquela pessoa que tinha paciência de te explicar tudo sabe, aquela pessoa realmente queria mostrar, queria dizer como é feito porque é feito, eu acho isso muito importante. E aí foi quando o mestre falou que tinha um desfile, que tocava também na abertura de carnaval. Aí o meu coração(gestos batendo) bem rápido... a gente foi. Foi uma coisa maravilhosa, eu me lembro que eu chorei, me arrepiei, uma felicidade ...eu pulava, eu cantava ... tanto que quando acabou a apresentação, eu fiquei sem voz! (risos) mas é uma coisa que é inexplicável. Eu amo ir para sede, sinto como se eu estivesse renovando minhas energias... que eu tivesse... nascendo! É bem estranho tá falando isso, mas é... Teve o convite também para eu sair como rainha, a rainha tinha faltado... foi uma experiência que eu nunca vou me esquecer na minha vida... desfilei lá no pátio do terço e todo mundo tirando foto gravando cantando, foi uma coisa inexplicável. O Maracatu é uma coisa inexplicável (Brincante C).

Vê-se nessa narrativa, que a Brincante “C”, chegou no Almirante por intermédio das oficinas ministradas no GP, colégio que ela estudava, já carregava uma certa familiaridade com o maracatu mediada pelo projeto da ong, assim como a brincante “A”. Mas, todo o contexto do que vem a ser um maracatu, ela veio conhecer no Almirante, quando foi para a sede. Todas as fotografias, banners, instrumentos, indumentárias formaram a história do maracatu no seu entendimento. Mas, não bastava, havia questões, elementos, complexidades inerentes ao maracatu que ela precisava saber, e seu interesse e encantamento pelo universo dessa manifestação cultural, levou ela à leitura, aos questionamentos com o mestre, a busca.

O ato de busca, de conhecer, “*envolve um movimento dialético que vai da ação à reflexão sobre ela e desta, uma nova reflexão*” (FREIRE, 2015, p. 80). Compreende-se nesse sentido, e que vamos ver nas próximas narrativas, que essa busca e reflexão foi se dando num processo contínuo de descobertas individual e coletiva do que o maracatu representa nos aspectos sócios culturais e identitários.

Falando como é ser uma jovem integrante do MAF e como acha que outros/as jovens que não participam, lhe vê, relatou:

Por mim particularmente acho que o maracatu era para ter oficina em todas as escolas, porque eu acho que muitos negros iam se conhecer sabe, eu acho que ia ser tocado, porque o Maracatu toca, porque eu conheci pessoas que toca o maracatu, mas que só toca, mas o maracatu não tocou a pessoa. E o Maracatu realmente me tocou, uma coisa talvez até ... me transforma... eu seja outra pessoa, porque quando eu toco eu me doo, eu fico toda suada eu canto eu grito e é uma coisa que eu acho que é da alma é quando é da pessoa e eu via eu vejo que tem pessoas que tocam, mas só toca, não por amor sabe? Chamei também meu irmão, mas ele não participou, ele ainda foi, mas acho que o maracatu não tocou ele. É isso pra mim ser do almirante, é doação, é amor. Mas ainda tem muitos que te olham... nem pra conversar, sabe? Tentar saber, conhecer. Sinceramente eu nem sei o que passa na cabeça dessas pessoas e nem quero saber. Eu acho que o Maracatu é muito importante, muito importante mesmo e todos os jovens deveriam ter essa oportunidade, sinceramente.

Essa narrativa evidencia, na percepção da brincante “C” o significado e a importância que o MAF tem na sua transformação pessoal e que ela gostaria que outros/as jovens fossem afetados pelos significados e sentidos do maracatu.

Sua fala em relação a oficinas do Almirante em outras escolas, para que outros/as jovens tivessem acesso a essa prática cultural, remete-nos a Maria da Glória Gohn(2010) ao dizer que a educação não escolarizada(denominada por ela de educação não forma) se desenvolvem extramuros escolares. Mas, como educação não é sinônimo de escola, as duas formas de educação se interpenetram-se, uma vez que os educandos não são apenas “alunos”, mas, parte da vida social. Assim, Partimos do pressuposto que a presença da educação não escolarizada no campo da vida social, constroem forças sociais por meio das relações compartilhadas.

Uma educação libertadora, para Freire (2015), não pode ser a que busca apenas trocar os quadros por projetores. A educação libertadora é a que se propõe como prática

social, contribuir para a libertação das classes dominadas. E é com esse olhar que pensamos a relação educação, cultura e construção de identidades negras.

Sobre como ver o que é ser uma jovem negra na sociedade brasileira, na sua comunidade e no MAF,

A gente tá sempre sofrendo algumas discriminações...alguns preconceitos. Eu me tornei uma pessoa até mais forte também uma pessoa mais resistente, né? Não deixo baixar minha cabeça mais não. Sou isso, é a minha raça, é minha cor, sou isso e sempre vou ser, infelizmente demorou muito para perceber, mas agora que eu me encontrei enquanto eu puder ajudar as pessoas na minha comunidade... em qualquer lugar, que eu tiver abertura. Porque eu moro no prédio, no dia da apresentação da abertura de carnaval de 2018, eu saí com um turbante enorme branco que eu tava me sentindo maravilhosa!!! E poderiam olhar da maneira que fosse... e a saia, muitas pessoas deixam para colocar lá, né, mas eu já saio montada mesmo ... cheia de brilho e vou tocar na minha nação. E assim que eu saio do prédio, as pessoas comentando... uma senhora me perguntou se eu ia tocar macumba. Eu: - não, minha senhora, vou tocar maracatu, macumba é um instrumento, viu? Precisa se informar(risos) (brincante C).

Aprendemos desde a nossa infância a olhar a diversidade humana, a partir das particularidades: Diferentes formas de corpo, diferentes cores da pele, tipos de cabelo, formato dos olhos, diferentes formas linguísticas etc. Contudo, como estamos imersos em relação de poder, e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a ver as diferenças e semelhanças de forma hierarquizada (GOMES, 2005, p.51).

Negar-se ou afirma-se pertencente a uma expressão cultural marcada por estereótipos preconceituosos e intolerâncias, nos mostra um quadro de resistência e um construto de significados que parte da relação com o grupo ao qual ela faz parte e fora dele. As relações de experiências com as semelhanças e diferenças dribla as barreiras impostas a sua condição de jovem negra pertencente a uma cultura de matriz africana.

Quanto a se autoafirmar negra em toda sua narrativa, a brincante “C” se coloca como uma jovem negra, quanto ao momento, como se percebeu negra, foi possível dentro da nossa compreensão destacar uma frase que elucida o tópico dessa questão de maneira bem objetiva: **“E eu me reconheci, eu conheci a minha cultura a mulher que hoje eu sou negra, através do maracatu” (brincante C)**

No que se refere a se considera que o MAF, influenciou na percepção de ser uma jovem negra e se considera o maracatu uma cultura negra:

Hoje, eu sei da minha cultura e da importância, sei o que a minha cor representa e eu sinto que foi o maracatu, é uma cultura negra. Inclusive foi no maracatu que eu comecei a assumir o meu cabelo. Eu penteava meu cabelo bem baixinho eu não deixava ficar alto e hoje eu já ando com o meu pentinho dentro da bolsa. Qualquer coisa já tô botando o pente garfo no meu cabelo, meu creme...converso com outras meninas - nega, solta esse teu cabelo.[...] o maracatu é uma cultura, tem a religião... falei com o mestre, ele me explicou: - olha, veja só, Aqui sim, realmente tenho religião, as obrigações da casa.. mas, essa religião só participa quem quer. Isso era coisa que eu desconhecia totalmente... e não entendia por que as pessoas tem preconceito com essa cultura. Eu creio que o maracatu, essa cultura, salva. Eu digo, porque já vi, já testemunhei. Pessoas conhecidas que estavam seguindo totalmente o rumo bem errado sabe e depois que conheceu o maracatu na escola, depois na sede, começou a fazer apresentações... teve uma melhora, tanto na escola, como dentro de casa. Muita gente acha que no maracatu a pessoa só vai tocar e não aprende nada... no maracatu você aprende a ouvir, a falar também, ver que é uma relação de respeito e é isso é uma coisa que eu acho... a pessoa vai levar para o resto da vida sabe (brincante C).

Dentro do sistema de classificação racial, presente na sociedade brasileira, de acordo com Gomes (2018), a cor da pele e o cabelo são utilizados como critérios definidores de beleza ou de feiura. Esses padrões estéticos passam por uma discussão étnico racial, perpassando, portanto, por uma zona de tensão. Pois no Brasil o padrão estético ideal é branco, mas o real é negro e mestiço.

Há na narrativa da Brincante “C”, devido a sua atuação cultural no Almirante, a presença de uma linguagem cultural de autoafirmação construída pelos saberes e significados expressados e compartilhados dentro do maracatu.

Em fevereiro de 2020, na ocasião do ensaio do *Tumaraca* na sede do MAF, foi realizada a entrevista com o Brincante “D”. Já havia conversado com ele em fevereiro de 2019, a fim de saber se ele gostaria de ser um colaborador da pesquisa. Na ocasião, ele falou que ia pensar, que é tímido e não gosta de falar muito. Respeitei o seu tempo e fiquei aguardando sua decisão. Já próximo do carnaval de 2020, perguntei se já havia decidido e ele concordou com a entrevista, marcamos então para esse dia.

A entrevista foi rápida, de fato o Brincante “D”, falou pouco. Nas EN, o tamanho da narrativa é um aspecto que pode variar de acordo as características próprias de cada interlocutor. O que não é um problema, pois no processo de análise

interpretativa das narrativas, explora-se não só o que foi narrado, mas também o que não foi dito. As pausas, silêncios, mudanças na entonação da voz, recusa de fala, também são aspectos fundamentais para a interpretação de sentidos.

Quanto a como foi participar do MAF, suas experiências e vivências no grupo e o porquê da escolha do Almirante:

Já faz dois anos que eu estou participando é porque eu gosto da nação... eu vim pra cá porque amigos me chamou e eu to aqui... eu gosto de tocar, toco em outro maracatu também ...já há mais de 12 anos, desde pequeno. As experiências que tenho é que é massa tocar maracatu né? As amizades que eu fiz aqui... só isso... gosto muito de tocar, gosto do maracatu , não falto não os ensaios, desfiles...e futuramente eu pretendo ser um Mestre de maracatu. Aqui a gente aprende muitas coisas... aprende altos toques... ensinar pra as outras pessoas...(brincante D).

Percebe-se nessa narrativa inicial que o maracatu marca a vida desse jovem desde sua infância, pois antes de ir para o Almirante já participava de outro maracatu há mais de 12 anos. Vê-se, o quanto gosta de tocar no maracatu e o quanto ele valoriza os aprendizados, entendendo que é o caminho para tornar-se um mestre de maracatu. O mestre de um maracatu é um líder, exerce influência sobre o grupo e partilha responsabilidades. Dessa forma, é cuidadoso com as responsabilidades que assume em relação a não faltar os ensaios ou desfiles. Os aspectos de sociabilidade é outro ponto destacado por ele.

No segundo tópico, ao pedir para ele falar como é ser um jovem integrante do M. N. A. F. e como você acha que outros jovens que não participam lhe ver.

Inspiração... sinto inspiração, só isso... (risos) eu acho que não sou melhor de que ninguém não, mas eu sou mais eu... (pausa longa sem falar mais nada) (Brincante D).

Esse sentimento demonstra que se ver de forma especial dentro do maracatu, tem confiança, certeza de que seu desempenho é excelente e nesse sentido, é motivo de inspiração para outros jovens.

Em relação a como ver o que é ser um jovem negro na sociedade brasileira, na comunidade e no Almirante, o Brincante “D” fala:

Acho que é preciso ajudar o próximo...(pausa) ajudar o negro, ... né porque é negro que é pra desprezar não... [...]quero falar mais nada não... (Brincante D).

No contexto sócio histórico brasileiro o processo de abolição, não garantiu a integração da população negra na sociedade brasileira, ao contrário, levou essa população a reconstruírem suas vidas sem moradia, sem trabalho e, portanto, submetidos a subalternidade. “Embora libertos, negros e negras livres foram entregues a própria sorte” (GOMES, 2018, p.102).

Constituindo assim na sociedade brasileira, um sistema de dominação e opressão sobre os negros, a partir de uma hierarquização que os inferioriza e não os coloca na posição de cidadãos. Essa realidade excludente coloca-os em situação de desigualdade constante, pois ao passar do tempo, nos alerta Gomes (2018) “os ex-senhores, foram se transformando nos patrões e capitalistas atuais” e sob essa ótica, a narrativa do Brincante “D” o negro precisa ser “ajudado”.

Quanto a se considerar negro, o Brincante “D” falou que *não*, que não se considera negro. Continuei a entrevista procurando saber como ele se percebe e ele falou: *quem for da sua cor é a sua cor... nada contra...(brincante D).*

Vale ressaltar que o Brincante “D” tem a tonalidade da pele clara e os cabelos com textura maleável, um pouco ondulado.

No último tópico, em relação se considera se o MAF influencia na percepção de ser negro e se faz parte de uma cultura negra, o Brincante “D” falou que não sabia e não queria falar mais. A narrativa do brincante “D”, nos remete aos estudos de Neusa Santos Souza,

Pensar sobre a identidade negra redonda sempre em sofrimento para o sujeito. Em função disto, o pensamento cria espaços de censura à sua liberdade de expressão e, simultaneamente, suprime retalhos de sua própria matéria. A “ferida” do corpo transforma-se em ferida do pensamento. Um pensamento forçado a não poder representar a identidade real do sujeito é um pensamento mutilado em sua essência (SOUZA, 1983,p.10).

Concordamos com a autora, visto que observamos que em muitos momentos da entrevista, o brincante “D”, desviou o olhar, baixou a cabeça, falas com longas pausas e algumas vezes, mostrou-se irritado. Compreendemos que é um desafio para muitos jovens falar sobre um tema cuja referências estão vinculadas ao estigma da

inferioridade. Pensar, falar sobre identidade negra, assumir-se negro/a são processos tensos e complexos mediante as condições de marginalidade e exclusão social que a população negra enfrenta historicamente.

Por isso, Gomes (2005) enfatiza que faz-se necessário falar sobre a questão racial, desmistificar o racismo, superar a discriminação racial. Pois, diferentemente do que algumas pessoas pensam quando nos posicionamos publicamente contra o racismo, não estamos incitando conflito entre negros e brancos. É o silenciamento sobre essas questões que mais reforça o racismo, a discriminação, e a desigualdade racial.

Loa

A entrevista com Loa, ocorreu também no dia da apresentação do Tumaraca , em fevereiro de 2020. Havíamos conversado informalmente sobre a possibilidade de sua interlocução, no final de 2019, durante ensaio do Almirante. Loa, conforme explicamos na metodologia é uma jovem branca integrante do MAF, dentro desse movimento de significações sociais como cultura e identidade negra consideramos pertinente sua narrativa.

Comprendemos de acordo com Gomes (2005), que refletir sobre a questão racial não é algo particular que deve interessar somente as pessoas que pertencem ao grupo étnico racial negro. É uma questão social, política e cultural de todos/as brasileiros/as.

No primeiro tópico do roteiro de entrevista, referente a como foi participar do Almirante, suas experiências, vivências e porque escolheu o MAF para participar:

Eu antes morava no Curado e estudava no ginásio pernambucano, aí assim que eu entrei no colégio em 2016, falaram que tinha um projeto de Maracatu na escola e tal... aí era o Almirante... então, eu estou aqui no Almirante, praticamente desde 2016...vai fazer ou já faz 4 anos. Quando vim morar na comunidade vizinha, já participava aqui [...] eu sou dá linha de frente...eu toco Abê, toco Abê, dou uma dançadinha...(risos) eu fui me encantando pela linha de frente...dança... Abê é um instrumento bonito de tocar... (pausa longa) a gente tá... fazendo a coreografia porque dá um balanço...Puxa o pessoal para dar uma mexida também, até o público ver e aí também tenta fazer igual a gente (Loa) .

Chegou ao Almirante também por meio das oficinas desenvolvidas no GP. Ao Falar como é ser uma jovem integrante do MAF e como percebe que outros/as jovens que não participam lhe vê,

Eu acho importante...acho importante...porque o pessoal olha e vê que não é uma coisa muito antiga...maracatu. Que pode outras pessoas entrarem no maracatu, sendo jovem. Tem uma representatividade também, porque é daqui de Pernambuco. Eu acho muito importante porque celebra a cultura de Pernambuco. É importante para a comunidade e é perto da minha. Maracatu não é só pessoas mais velhas...eu depois que saí do GP para outro colégio, eu sempre tentava dizer: olha... tem um Maracatu no Bongi... Porque a gente não vai lá... sempre fico tentando chamar mais gente para vir para cá. Porque a gente ver que não é só o pessoal do lugar que pode tocar, outras pessoas de outra comunidade podem agregar ... é uma coisa importante... é importante tanto para o Maracatu dentro da comunidade, mas também pra gente de fora , que olha com outros olhos também (Loa).

Loa vê a participação jovem no maracatu de forma positiva, percebe como algo modernizante, seus estilos, modos de dançar, criar coreografias tem significado relevante para a adesão de outros/as jovens. A inserção jovem no maracatu, na sua fala, apresenta uma forma de identificação entre os jovens. Vale ressaltar, que para a maioria dos jovens das periferias, as manifestações culturais locais, são a única forma de lazer.

Sua narrativa de como ver o que é ser jovem negra/o na sociedade brasileira, na sua comunidade e no maracatu:

Eu vejo eles mostrando a cultura deles, mostrando resistência a tudo... Tudo o que a sociedade... pede para não mostrar... [...] no maracatu, a sociedade... muitos vêm com olhares maldosos. Dizendo que é errado , que não era para estar ali... que existe outro caminho muito melhor... já ouvi muita gente falar isso... [...] A minha família aceita, minha família é... parte dela é de cultura. Meu tio tem uma companhia de dança de frevo, caboclinho. Eles dão a maior força, gostam e tal... me apoiam muito, a minha mãe me acompanhava... aiiii eu vou chorar!!! Em Relação assim a vizinhos pessoas que eu conheço na comunidade nunca vi ninguém falar nada... aqui na comunidade, aqui no maracatu todos são muito acolhedores. mas um dia, eu estava saindo do ensaio na cidade , eu e um amigo que também toca aqui, fomos comprar espetinho... a mulher do espetinho olhou assim... olhou a camisa da gente umas três vezes... depois falou: - Vocês são de maracatu é? Maracatu é esse negócio aí? Porque vocês não saem disso, esse negócio não é pra vocês, não é de Deus... A gente olhou assim... muito preconceito(Loa)

Frente a essa narrativa, reveladora do preconceito que o maracatu ainda sofre em partes devido a ligação com religião de matriz africana, vê-se ainda que nessa discriminação cultural e racial, é negativo, maléfico, demoníaco, portanto, ela e o amigo quanto pessoas brancas, não deveriam se “misturar”.

O medo das “coisas de nego” que foi imputado de diversas formas na sociedade brasileira, e ainda está impregnado na mente e no olhar da população brasileira lhe impedindo de enxergar tanto a manifestação cultural religiosa como a manifestação cultural artística da população negra por lentes que não as inferiorizem, e nem as discriminem como coisas do demônio. (SILVA, 2019, p.162).

Por esse motivo, o Maracatu, visto como uma manifestação cultural artística impregnado da religiosidade de matriz africana, é visto com olhar preconceituoso e discriminatório.

Pedi para ela falar como se via, dentro dos atributos físicos em relação a raça, falasse como se considerava. Loa, foi bem objetiva e falou: *Branca*. E continuou sua narrativa. *É que pelos privilégios... pela diferença de tratamento, dá pra perceber...várias coisas. A diferença entre... como me tratam... a moça do espetinho, por exemplo, tratou a gente dessa forma, imagina se fossem duas pessoas negras ali... negra da pele mais clara ou da pele mais escura, independente...se fosse negra.* (Loa).

Sobre esse aspecto, “A sociedade escravista, ao definir o negro como raça, demarcou o seu lugar, a maneira de tratar e ser tratado, os padrões de interação com o branco e instituiu o paralelismo entre cor negra e posição social inferior” (SOUZA, 1983,p.19). Dessa forma, na sociedade racista em que estamos inseridos, a categoria racial determina lugares e posições que podem ser ocupados de acordo com os padrões dominantes.

Quanto a se considera o maracatu faz parte de uma cultura negra: *Pela história dele, como surgiu aqui... é uma cultura negra, faz parte de uma cultura negra. É uma história de resistência também... aí... estão lembrando de onde vieram, da ancestralidade... mostrar as pessoas que é uma cultura bonita, isso é muito importante em relação a resistência deles.* (Loa)

Loa, identifica e faz uma leitura do maracatu como uma cultura negra e aponta referências para afirmações positivas a ligação de ancestralidade e a forma de resistência. Construindo assim, um campo de referência cultural.

Norteados pelo pensamento interpretativo a luz do método de interpretação de sentidos, com base nas categorias de análises organizadas em três núcleos de significados. **Juventude e identidade negra; Processos Educativos Culturais e Aspectos Relacionais: interação, sociabilidade, relações raciais e de gênero.** Identificamos nas narrativas aqui apresentadas pelos/as jovens do M. N. A. F.:

No **Núcleo Juventude e Identidade Negra:**

Observamos posturas e reflexões diferenciadas conforme vivências e experiências em outros espaços. As **brincantes “A” e “C”**, se reconhecem como jovens negras e atribuem mudanças na forma de pensar, se reconhecer e agir, as suas inserções na ONG ruas e praças e no MAF, a partir da participação das oficinas no GP. Sendo mais marcante para a autoafirmação a partir do momento que se integraram ao Almirante conhecendo a sede e entendendo o contexto organizacional e simbólico do maracatu. Possibilitou mudanças subjetivas, físicas e sociais, quanto assumir o cabelo crespo, penteados, estilo de se vestir e no contexto coletivo, intervindo junto a outros/as jovens negros nos seus convívios sociais fora do maracatu contribuindo para uma construção de identidade negra.

O **brincante “B”** recorre a explicações genéricas em relação a identidade negra, diz reconhecer-se negro, ver o maracatu como uma cultura negra, mas demonstra insipiência de conhecimento sobre os aspectos das condições de desigualdade social do jovem negro na sociedade e o racismo historicamente presente. Sua memória é acessada a partir da história do negro escravizado. Porém, é explícito sua autoafirmação como jovem integrante do Almirante, herança cultural da sua família. Indicando uma construção de identidade cultural.

O **brincante “D”**, também apresenta uma identidade cultural como batuqueiro e tem como perspectiva de vida, autoafirma-se como mestre. O que denota um aspecto valorativo sociocultural do maracatu.

Loa, traz do contexto familiar e da época que estudou no GP, uma compreensão de pertença a uma cultura negra mesmo sendo uma jovem branca e reconhece as formas

discriminatórias na sociedade sobre as expressões culturais negras. Compreende o maracatu como forma de resistência no campo artístico cultural.

Quanto aos **Processos Educativos Culturais:**

Todos/as jovens entrevistados/as evidenciam processos educativos no M. N. A. F. As aprendizagens compartilhadas estão presentes na oralidade através das loas cantadas e ensaiadas, na dança, no batuque, os sinais do mestre e contramestre da hora de iniciar ou encerrar determinado toque, a utilização e função de cada instrumento, na percussão, na corporeidade, na religiosidade, nos intercâmbios com outros grupos de maracatu. Configurando em múltiplas aprendizagens. A relação ensino e aprendizagem no âmbito cultural do MAF, se constrói no campo dos valores, das representações, ressignificações expressadas de diferentes formas. As ações que integram os processos educativos no MAF, utilizam principalmente a oralidade e da experiência principalmente dos seus responsáveis(mestre e contramestre) para apresentar aos integrantes jovens os ritos do maracatu e seus significados, mas também nas experiências partilhadas entre os integrantes.

No Núcleo dos **Aspectos Relacionais**, entendemos que é na relação com o outro que os sujeitos se reconhecem e se constroem, destacamos para esse núcleo as interações geracionais configurada na relação entre os mais velhos e os jovens, interação e sociabilidade com a comunidade, relação afetiva com os convidados de outros Estados, de outros países, a relação entre integrantes do maracatu da comunidade e de outras comunidades. Os aspectos relacionais , envolvem múltiplas dimensões integradoras e perpassa por diferentes eixos de sociabilidade: de classe, religiosa, raciais, de gênero, relações familiares entre as diferentes faixas etária e diferentes contextos sociais. Nesse sentido, analisamos que aos/as jovens entrevistados dentro do maracatu Almirante do Forte, interagem conforme esses aspectos observados.

Consideramos as interações comunicativas relatas nas entrevistas dos interlocutores/as secundários e os /as interlocutores /as jovens, como interpretações distintas de construção de identidades negras e ao mesmo tempo complementares. A coerência não pode ser o principal aspecto de uma interpretação cultural, pois, “Os sistemas culturais têm que ter um grau mínimo de coerência, do contrário não os chamaríamos sistemas”(GERRTZ, 1978, p.28).

Compreendemos dessa forma, que a interpretação que aqui realizamos foi construída a partir das interpretações dos seus interlocutores, as seleções das falas dos informantes junto as observações do local e os pressupostos teóricos analisados nessa experiência investigativa, nos encaminhou a esses sentidos interpretativos aqui elencados.

A cultura é pública, Geertz (1978) questiona a forma em que se concebe o debate da antropologia sobre se a cultura é subjetiva ou objetiva. Porém, para além do status ontológico, devemos questionar qual é a sua importância ou o que está sendo transmitido com a sua ocorrência, nesse caso dentro do maracatu Nação almirante do Forte.

Com base nas estruturas do Almirante dentro de sua base social, e de acordo com seu propósito em relação a participação e interação dos/as jovens, entendemos que a pauta sobre racismo, desigualdade social, identidade, diversidade e diálogo acerca da história e cultura africana, interessaria ser articulada, compreendendo os sistemas de representações culturais fortemente arraigada no maracatu Nação. Porém, compreendemos que essa pauta é bem recente no campo da educação no sentido de reconhecimento dos grupos étnicos-raciais e valorização das identidades negras.

Contudo, a análise nos mostrou que a construção de identidades negras dos/as jovens, no maracatu Nação Almirante do Forte, está relacionada a uma dinâmica flexível de interação social e são construídas através dos símbolos e dos elementos do maracatu. Assim, as identidades negras, não se estabelecem só no autoafirma-se negro ou negra, mas também nas dimensões representativas do maracatu interpretada quanto cultura negra. Autoafirma-se pertencente a tais representatividades é construir uma identidade cultural negra individual e coletiva.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oh salve o céu salve a lua, salve a terra e salve o mar, salve mamãe sereia que é nossa mãe iemanjá. Eu fiz meu compromisso, fiz minha obrigação, vou sair com fé em Deus e a virgem da Conceição. O Almirante vai embora que os mestres lhe chamou, cantando essa macumba na corrente de nagô.

(Loa do Almirante de autoria do Mestre Teté)

Este trabalho se pôs a refletir sobre uma educação articulada com os saberes difusos em espaços de produção culturais para a ampliação de horizontes emancipatórios. Com vista aos fatores que permeiam a vida dos/as jovens negros/as no meio social, atrelados as condições econômicas, étnicas e culturais no que diz respeito ao contexto histórico. Quando focalizamos as ações gerais que orientam as práticas culturais no Maracatu Nação Almirante do Forte, percebemos as singularidades das ações em consonância com as diferentes realidades e contextos em que se inserem as juventudes. Nosso conhecimento acerca da ⁵⁹cultura, culturas ou uma cultura em vez de seguir uma curva ascendente de achados, separou-se numa sequência desconexa, mas, no entanto, coerente de incursões.

Portanto, mais do que visualizar o maracatu Nação Almirante do Forte como uma cultura afrodescendente, é compreender os significados e sentidos que seus elementos culturais incidem sobre os/as diferentes jovens que dele participam e a compreensão que cada um /uma faz em relação a sua construção de identidade e no caso específico desse trabalho, a construção de identidades negras. Tais aspectos configuram as características dos modos de como eles/elas jovens negros se inserem no maracatu e como marcam suas trajetórias de participação no grupo.

Desse modo, respaldados nos estudos teóricos e metodológicos que fundamentaram esta pesquisa e nos sentidos interpretados na escuta das narrativas do mestre e do contramestre e dos/as jovens entrevistados/as, que a constante transmissão de conhecimento por meio da tradição familiar de fundação do maracatu Nação

⁵⁹ GEERTZ, 1978,p.35

almirante do Forte se entrelaça com a tradição cultural de resistência e com as afirmações constituídas com gerações anteriores. O mestre e o contramestre, reconstróem um diálogo em relação ao seu tempo de juventude e afirmam suas identidades a partir das referências de seus familiares, da ancestralidade, das condições econômicas e sociais em que se insere a cultura e especificamente o maracatu. Utilizam esses exemplos para identificar e apresentar as singulares identidades dos /as jovens que no momento presente participam do maracatu.

O processo de produção de identidade para os dois, perpassa pela concepção dos valores familiares, do “peso” que é ser responsável por uma nação de maracatu, a preocupação com as condições de vulnerabilidade social dos jovens em relação as drogas. A complexidade das diferentes realidades e dos diferentes pertencimentos dos jovens atualmente, apontam um espaço relacional (o Almirante do Forte) no qual as identidades tendem se constituírem de forma ressignificada.

Nesse sentido, respondendo ao *objetivo geral* deste trabalho, consideramos que os processos educativos culturais do maracatu nação Almirante do Forte tem relação com a construção de identidades negras dos/as jovens. Considerando o sentido amplo de identidade, constatamos que a identidade negra não se limita na autoafirmação da negritude, mas na construção de uma autoimagem positiva por pertencer a um grupo de significativa representação cultural e social. Configurando assim, identidades negras culturais.

Quanto aos *objetivos específicos*, identificamos que as atividades mediadas pelo Almirante do Forte, como: Os ensaios, o aprendizado das especificidades de cada instrumento percussivo quanto ao seu toque e batuque, a dança, a oralidade, os comandos do mestre e contramestre na mediação da cantoria das loas e do toque percussivo adequado para cada uma delas, a história do Almirante apresentada nas fotos, nos banners, no seu acervo, nos estandartes, na simbologia da calunga e em todo seu contexto, configuram especificidades das atividades educativas culturais no maracatu.

Interrelacionamos essas especificidades educativas de linguagem cultural, junto as interações sociais e geracionais, de gênero e classe, assim como, a dimensão integradora de sociabilidade presente no grupo e a socialização e partilha de aprendizados à formação identitária dos/as jovens do maracatu. Configurando na nossa

interpretação, a partir das identificações autodeclaradas de serem pertencentes de um grupo de expressão cultural negra, O jovem que é porta estandarte, a jovem batuqueira que toca alfaia, o jovem batuqueiro que toca caixa de guerra, a jovem que toca ganzá, a jovem que toca abê, configuram os novos desenhos juvenis de produção de identidades.

Considerando a dinâmica flexível do sentido de construção de identidades, as identidades não são fixas e são construídas através de símbolos e representações culturais. Desse modo, esses novos desenhos, fundamentam, portanto, ressignificações de suas identidades singulares que são inerentes as diferentes juventudes que pode desencadear um processo de descolonização na percepção das suas negritudes. Produzindo uma interconexão complexa entre os processos educativos culturais desenvolvidos no maracatu Nação Almirante do Forte e a produção de identidades negras.

Torna-se negro, negra, construir uma identidade negra é tarefa eminentemente ⁶⁰política, requer uma tomada de consciência que rompa com a estrutura ideológica dominante. Ser negro, negra é tomar posse desta consciência e criar uma consciência que reafirme o respeito a nossa negritude, reassegure nossa dignidade e possibilite contestação ao modelo advindo da colonização que ainda nos é imposto.

Os fios que conduziram a tecitura desse trabalho até aqui, evidenciam que é imprescindível à prática educativa emancipadora, à ação cultural para a liberdade, diálogos sobre as questões raciais e suas implicações na desigualdade social a vida da população negra em qualquer instituição educativa. seja nas instituições escolares, seja nas instituições não escolares. Discutir o racismo como estrutura das práticas negadoras dessa população, e, nesse recorte, discutir as implicações na vida da população juvenil negra.

As ⁶¹Diretrizes Curriculares Nacionais, apontam a Educação das Relações Étnico-Raciais como caminho para a divulgação e conhecimento sobre a diversidade étnico-racial e na valorização de identidades. O diálogo sobre a História e Cultura Afro-Brasileira e Africana pode ser tomado como possibilidade para um pensamento decolonial.

⁶⁰ SOUZA, 1983,p.77.

⁶¹ BRASIL,2004b.

Compreendemos os desdobramentos que frente a amplitude do tema emergiram, mas que não é possível abordar em uma única pesquisa. Sugerimos novos caminhos de análise como: Ações afirmativas no M. N. A. F., voltadas para a o conhecimento da história e culturas afro-brasileira; analisar a relação das escolas do entorno da comunidade com o Almirante do Forte. Outro ponto é a questão de gênero e sua interseccionalidade como elemento constitutivo de marcadores sociais e de identidades da juventude.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, I.P. de. **Maracatu de real realeza**. Recife: Edição do Autor, 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africanas**. Brasília : MEC, 2004b. Fonte: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=10098-diretrizes-curriculares Acesso em fev.2021.

COSTA, Najara Lima. **Quem é negro/a no Brasil** : cotas raciais e comissões de heteroidentificação na Prefeitura de São Paulo/ São Paulo: Editora Dandara, 2020.

CONSELHO NACIONAL DE JUVENTUDE (CONJUBE) **Política Nacional de Juventude: diretrizes e perspectivas**. São Paulo: CONJUBE, 2006.

DAYRELL, Juarez Tarcísio. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, Anped, n. 24, p.40-52, set/out/nov/dez, 2003.

FÁVERO, O. (org.). **Cultura Popular e Educação Popular: Memória dos anos 60**. Rio de janeiro: Edições Graal, 1983.

FERREIRA, Victor Sérgio: **Jovens e gerações em tempos de crise: entre Portugal e o contexto global**. “Juventudes em Movimento: experiencias, redes e afetos” **Coletânea**/organizada por Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, Idiva Maria Pires Germano, Luciana Lobo Marinho et al. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2019.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

_____. **Pedagogia do oprimido**, 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____. Mistura de gêneros: a reconfiguração do pensamento social. In: _____ . **O saber local:** novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. **Educação Anti-racista:** caminhos abertos pela Lei federal nº 10.639/03. Brasília, MEC, Secretaria de educação continuada e alfabetização e diversidade, P. 39 – 62, 2005.

_____. JUVENTUDE, PRÁTICAS CULTURAIS E NEGRITUDE: O DESAFIO DE VIVER MÚLTIPLAS IDENTIDADES. In: GOMES, Nilma Lino - FAE/UFMG GT: **Afro-brasileiros e Educação** / n.21 Agência Financiadora: FAPEMIG/CNPQ.

_____. **O Movimento Negro educador:** Saberes construídos nas lutas por emancipação. Petrópolis, Rj:Vozes,2017.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados e pesquisa qualitativa. In: MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2016.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social.** São Paulo: Cortez, 2010.

GUERRA PEIXE. **Maracatus do Recife.** Recife: Irmãos Vitale, Fundação de Cultura Cidade do Recife,1980.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Dossiê Maracatu Nação:** Inventario Nacional de Referências Culturais (INRC) do Maracatu Nação, 2011.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HALBWASCHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

JOVCHELOVITCHE S, Bauer MW. Entrevista Narrativa. In: Bauer MW, Gaskell G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas**. São Paulo. EPU, 1986.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2016.

MUNANGA, Kabengele. Mestiçagem e experiências interculturais no Brasil. In: **A globalização societal contemporânea e o espaço lusófono : mitideologias, realidades e potencialidades**[S.l: s.n.], 2000.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra/** Petrópolis, RJ: Vozes, 1999

QUEIROZ, Martha Rosa Figueira. **Onde cultura é política: movimento negro, afoxés e maracatus no carnaval do Recife (1979-1995)**. Brasília: Universidade de Brasília, 2010.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América latina. In LANDER, Edgar (org). **A colonialidade do saber: eurocentrismos e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas**. Colecion Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp. 227-278.

ROCHA, Nara Maria Forte Diogo: **A perspectiva do feminismo interseccional e decolonial no enfrentamento do racismo e sexismo na vivência com a juventude universitária(in) Coletânea: Juventude em movimento: experiências, redes e afetos/organizado por : Veriana de Fátima Rodrigues Colaço, Idilva Maria Germano, Luciana Lobo marinho et al.**

SILVA, Claudilene Maria da. **A volta inversa na árvore do esquecimento e nas práticas de branqueamento**: práticas pedagógicas escolares em história e cultura afro-brasileira. Curitiba: Ed. Do Autor, 2019.

SILVA, Tarcisio Augusto da Silva da (org). **As Juventudes e Seus Diferentes Sujeitos**. Recife: EDUFRPE, 2017.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Editora Graal, 1983.

VIEIRA, Bruno. **Ativismo Juvenil e políticas públicas**: o caso do centro de referência da juventude de Belo Horizonte (MG). Belo Horizonte: Letramento, 2019.

APÊNDICE A

Roteiro de entrevista aplicado com os principais responsáveis pelo Maracatu nação almirante do Forte. O Mestre Teté e seu filho contramestre Toinho.

- 1- Me fale de acordo com sua memória como o sr se via nesse maracatu quando era jovem. E como o sr. ver os jovens que participam desse maracatu hoje.

APÊNDICE B

Roteiro de Entrevistas narrativas pré-teste, objetivando preparação de formulação de tópicos centrais em relação aos objetivos do trabalho.

Bloco com duas questões:

- a) fale como você veio participar do maracatu N. A. F., suas experiências, vivências no grupo. Por que escolheu o Almirante do Forte para participar?

- b) Como é ser um jovem/ uma jovem integrante do maracatu? Como você acha que outros jovens que não participam lhe vêm?

APÊNDICE C

Roteiro oficial de Entrevista Narrativas aplicado com os/as jovens:

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Tempo que participa do Maracatu Nação Almirante do Forte, se é batuqueiro/a, instrumento que toca etc.

1-Fale como você veio/ foi participar do M. N. A. F. Suas experiências e vivências no grupo, porque escolheu o MAF.

2-Conte como é ser uma/uma jovem integrante do A. F. e como você acha que outros/as jovens que não participam lhe vê.

3-Narre como você ver o que é ser jovem negro/a na sociedade brasileira, na comunidade onde mora e no MAF.

4-Fale se você se considera negro/negra. (a depender da narrativa afirmativa ou não, pedir para falar como e em que momento se percebeu negro/a ou como percebe que não é negro/a.

5-Fale se considera que o MAF influenciou com a percepção de ser negro/a e se considera que o M. N. A. F. faz parte de uma cultura negra.

ANEXO



**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO, CULTURAS E IDENTIDADES**

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título do Projeto: OS JOVENS E O MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE: INTERFACES ENTRE PROCESSOS EDUCATIVOS CULTURAIS E PRODUÇÃO DE IDENTIDADES

Pesquisador Responsável: Maria Cristina Tavares

Instituição a que pertence o Pesquisador Responsável: Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE e Fundação Joaquim Nabuco – FUNDAJ

Telefones para contato: (81) 987387938

Nome do participante:

Idade: _____ anos - R.G. _____

Responsável legal (quando for o caso):

_____ R.G. _____

Responsável legal: _____

O Sr. (ª) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa “_____” (nome do projeto), de responsabilidade _____ do _____ pesquisador

(nome).

JUSTIFICATIVA:

Este trabalho de investigação objetiva compreender a relação dos processos educativos culturais na construção das identidades negras dos/as jovens integrantes do Maracatu Nação Almirante do Forte. Compreendendo as discussões teóricas, a identidade não é algo inato, existente desde o nascimento, mas é algo formado ao longo do tempo, de acordo com as interações culturais e sociais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa a ser realizada na sede do M. N. A. F. que utilizará a pesquisa documental e entrevistas narrativas com o presidente e Mestre do maracatu, o vice-presidente e contramestre e com jovens que dele participam.

Espera-se que os resultados dessa investigação possam fomentar discussões sobre educação em ambiente não escolarizado mediada por processos culturais, bem como a construção de identidade negra de jovens participantes dessa expressão cultural afro-brasileira que é o maracatu

Eu, _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo em participar da pesquisa acima descrita.

Ou

Eu, _____, RG-nº _____, responsável legal por _____, RG nº _____ declaro ter sido informado e concordo com a sua participação na pesquisa acima descrita.

Recife, ____ de _____ de _____

Nome e assinatura do responsável legal
obter o consentimento

Nome e assinatura do responsável por

Testemunha

Testemunha

ANEXOS

PORTFÓLIO

MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE **Fundado em 07 de Setembro de 1931**

Estrada do Bongi, 1319 – Bongi – CEP – 50830-260
0 Recife – Pernambuco
CNPJ – 08.798.084/0001-62 FONE – (81) 3228.8026 (81) 96812150
Email – almirantedoforte@gmail.com

www.facebook.com/almirantedoforte
<http://maracatualmirantedoforte.blogspot.com>

<http://soundcloud.com/almirantedoforte>
www.flickr.com/almirantedoforte
www.nacaocultural.com.br/almirantedoforte

Produção contatos: (081) 9901.4303 (081) 8800.5221

MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE

Quarenta e dois anos após a Abolição da escravatura foi criado o MARACATU ALMIRANTE DO FORTE. Seus fundadores, Severino Grosso e Mane Grosso oriundos de Carpina (município da zona da mata norte de Pernambuco) inicialmente brincaram no Maracatu Rural Cruzeiro do Forte. Em 1931 se tornaram dissidentes e resolveram criar outro maracatu, e para dar o novo nome foram a Capitania dos Portos de Recife, e escolheram “ALMIRANTE” graças ao navio com o mesmo nome, que estava atracado naquele momento.

Foi criado assim o Maracatu de Baque Solto Almirante do Forte, com sede na Avenida do Forte-Recife PE, tendo seu primeiro presidente o Sr. Antônio José da Silva. Anos depois foi para as mãos da sua irmã a Sra. Janaina, e sua sede transferida para a Rua da Bacia. A história se repetiu e o Maracatu volta para o controle do Sr. Antônio José da Silva, assim como sua sede volta a ser na Estrada do Bongi, 1319, onde se encontra até os dias atuais.

Mas a história do Maracatu Almirante do Forte, tem um aspecto peculiar, quando sua calunga foi batizada no rito Nagô com o nome de Dona Menininha e com isso o

Maracatu passou a ser “Nação”, seguindo o rito Nagô e passando de baque solto para Baque Virado em 1970. Sua forte atuação junto a seus associados da comunidade se dá com a sua saída anual no carnaval de Recife, onde para tal promove ensaios semanais e com isso se dá a transmissão dos conhecimentos adquiridos pelos mais velhos.

Hoje o MARACATU NAÇÃO ALMIRANTE DO FORTE, é uma Nação Nagô, tendo a mais antiga dama de paço em atividade a Sra. Josefa Maria da Silva (1910), mãe do atual presidente o Sr. Antônio José da Silva Neto(Mestre Teté), outra particularidade é o único grupo de maracatu que continua na sua sede desde a sua fundação.

PROJETOS APROVADOS E EM ANDAMENTO

Foi um dos selecionados no edital dos **Pontos de Cultura(Minc/Fundarpe)** em 2008, estando em fase de desenvolvimento das oficinas(conforme mostrado a seguir), em 2012 foi selecionado pelo Edital do **FUNCULTURA** para concepção do seu primeiro CD, lançado em Maio/2014, selecionado e em fase de execução no II Edital Ideias Criativas 2013 Alusivo ao Dia Nacional da Consciência Negra - 20 de Novembro – **Fundação Cultural Palmares**, e no último edital do **FUNCULTURA(2013/2014)** aprovamos um projeto de confecção do nosso DVD.

Participações:

- Todos os anos no desfile Oficial do carnaval promovido pela Prefeitura da Cidade do Recife, sendo membro da Federação carnavalesca de Pernambuco;
- Participação anual durante o carnaval do Encontro de maracatus de baque virado intitulado Noite dos tambores Silenciosos
- Participação do Projeto Terça Negra da Prefeitura da Cidade do Recife;
- Apresentações do festival de Inverno de Garanhuns por diversos anos;
- Apresentações diversas na programação oficial do carnaval da FUNDARPE.

EVENTO - Abertura Oficial do carnaval de Recife com Naná Vasconcelos

LOCAL – Recife Antigo

DATA - Desde 2007

EVENTO – Programação oficial do carnaval do Governo do Estado/FUNDARPE

LOCAL - PAUDALHO-PE, IPOJUCA-PE

DATA – 2009, 2010, 2012

EVENTO – Programa CASA DO CARNAVAL – REDE GLOBO NE

LOCAL – Rua do Bom Jesus

DATA - 23/02/2009

EVENTO - Desfile oficial do carnaval do Recife como membro da Federação

Carnavalesca de Pernambuco

LOCAL – RECIFE

DATA – Desde a criação da Federação

EVENTO – Programação oficial de carnaval de Recife

LOCAL – Pólos descentralizados(J. São Paulo, Mustardinha, Bongí, Três Carneiros)

DATA – Diversos anos (em 2013 - Campeão Grupo 2)

EVENTO - Projeto Festa da Lavadeira Ação Cultural

LOCAL – Praia do Paiva – Cabo de Sto. Agostinho
DATA – 01/05/2006 – 01/05/2013

EVENTO - Participação dos Festivais de Inverno
LOCAL – Garanhuns-PE
DATA – 2007, 2008 e 2010

EVENTO – Festival Nação Cultural - FUNDARPE
LOCAL – Gravatá, Paudalho, Goiana, Porto de Galinhas e Vitória de Sto. Antão
DATA –2009-2010-2011-2013

EVENTO - Projeto Terça Negra – Prefeitura do Recife
LOCAL – Pátio de São Pedro – Recife-PE
DATA – De 2005 em diante

EVENTO - Noite dos tambores Silenciosos - Recife
LOCAL – Pátio do Terço – Recife – Pe
DATA – Desde 1979

EVENTO – Baile Perfumado
LOCAL – Pátio do terço - Recife
DATA –2008-2010-2012-2013(sendo homenageado)

EVENTO - Noite dos tambores Silenciosos - Olinda
LOCAL – Quatro cantos
DATA – 08/02/2010

EVENTO – Festa da Pitomba – Jaboatão dos Guararapes
LOCAL – Monte dos Guararapes
DATA – 11/04/2010

EVENTO - 19ª edição da Brazil National Tourism Mart (BNTM)
LOCAL – Porto de Galinhas
DATA – 29/04/2010

EVENTO - Workshops, Oficinas, apresentações e palestras
LOCAL – Portugal, França, Alemanha, Reino Unido, Irlanda do Norte
DATA – 05 de maio a 20 de junho de 2011

EVENTO – EncontroS – Maracatus de Baque Virado
LOCAL – Serra Negra – São Paulo
DATA – 18,19 e 20 outubro de 2012

Ponto de cultura - Maracatu Almirante do Forte

Com esse projeto são desenvolvidas as seguintes ações:

- Promover Oficinas de:

- Percussão, com confecção de instrumentos e prática;
- Dança tradicional do maracatu nação;
- Confecção de roupas e indumentárias;
- Registro de áudio e vídeo;
- Informática.

Essas oficinas servirão como fator de inclusão na valorização e na preservação da identidade de uma matriz cultural de Pernambuco. Onde educadores externos e internos (mestres do maracatu Almirante do Forte) ensinam todos esses saberes aos mais jovens da comunidade, além de outras expressões culturais do folclore pernambucano ligados às tradições afrodescendentes, e com isso contribuir para a preservação do patrimônio cultural de Pernambuco através de oficinas de formação.

A juventude terá a oportunidade de unir o lazer à preservação da história do maracatu, afastando os jovens e adultos das drogas e da violência urbana.

Através das Oficinas de Percussão, dança tradicional, confecção de roupas e indumentárias e registro de áudio e vídeo o projeto vai capacitar atores da comunidade transformando-os em multiplicadores de atividades ligadas a suas manifestações e com isso estimular o protagonismo da nação, fomentando o empreendedorismo através da compreensão de suas origens, seu sistema de atividades e seu universo de atuação buscando a sustentabilidade de forma articulada, inovadora e autônoma.

Resumo do que está sendo desenvolvido:

Realização de 30 oficinas no período de 3 anos, sendo elas descritas abaixo:

OFICINAS	TIPO
Percussão	Prática
Percussão	Confecção Instrumentos
Dança	Prática
Roupas/indumentárias	Prática
Informática	Iniciação
Audiovisual	Iniciação

O Projeto atende 300 (trezentos) participantes (diretos e indiretos), proporcionando qualificação nas diversas áreas acima descritas, e proporcionando na área de informática e áudio visual, que o maracatu se torne alto suficiente no manuseio e aplicabilidade nesses recursos tecnológicos.